

REVISTA

DA SEMANA

N. 2 12-1-57 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

OS MELHORES DO RÁDIO DE 56
CARLOS MACHADO ENGANOU A RAINHA DO FREVO
OS HOMENS MAIS ENGRAÇADOS DO ANO





PAI E FILHA DANÇAM: OS OUTROS FALAM DE INGRID

Ingrid Bergman voltou ao cartaz, depois de seu último filme, «Anastasia». Rumores circulam sobre um possível divórcio de Rossellini e o regresso a Hollywood. Nada por enquanto está confirmado. Mas a verdade é que Hollywood receberia muito bem a volta do seu ídolo antigo. Na foto (indiferente aos rumores), Pia e Peter Lindstrom bailam suavemente, enquanto moças e rapazes (ao fundo) murmuram, evidentemente sobre a bela e ausente Ingrid Bergman.

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — Nº 2 — Rio de Janeiro — 12-1-1957

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Os Melhores do Rádio de 1956	4/7
A Mulher Escandinava Não Goza de Privilégios	10/13
Mutilaram o Frevo Pernambucano em Nova Iorque	16/19
Balanço Internacional de 56	24/27
Não São Pintores, Não São Poetas — São Meninos	30/34
Regina Decidiu Ser Miss e Acabou Sendo	46/47
Os Dez Homens Mais	60/61

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

CAPA



Regina Maura, Miss S. Paulo e uma das grandes belas paulistas. Volta ao cartaz com a notícia de que vai casar. Rep. nas págs. 46/47. (Ektachrome de Hélio Polito Lopes (exclusivo para REVISTA DA SEMANA).

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569

Almanques

Uma das melhores coisas que surgem no nascimento de um ano, são os almanques. Naturalmente, como também acontece entre os homens, há os soberbos, em cores, ricos e belíssimos; há os simples, pequeninos, modestos, apenas para anunciar um produto ou reafirmar que o remédio tal ainda existe e continua firme lutando contra a queda de cabelos, por exemplo. Entre ricos e pobres há outros também encantadores.

Gostar de almanques deve ser reminiscência da infância, essa infância que carregamos conosco mesmo quando a velhice já pendurou em nosso nariz os óculos de vista cansada, ou quando nossos músculos perderam a agilidade capaz de levá-los ao charleston ou a um samba rasgado, sem falar em rock-and-roll, essa doença.

Um almanaque que se preza — todos sabem — deve ter horóscopos, conselhos para tirar manchas, receitas de suculentas comidas, caricaturas, um ou outro soneto de amor, quadras idem e, não sei porque, em todos eles, há sempre desenhos de navios singrando águas, como se todos os anos, nascendo, trouxessem ordens de viagens.

Por mim aprendo muito nos almanques, além de que me descansam a cabeça sempre muito cansada de imperiosos raciocínios. Agora mesmo vou com eles aprendendo neste início de 57: existe nos Estados Unidos e na Holanda brigadas de polícias dedicadas a socorrer os animais abandonados; se alguém encontra na rua um pobre gato magro e faminto, miando e miando ou um cachorro nas mesmas condições latindo e latindo, basta telefonar para a instituição governamental que — mais rapidamente que a nossa Assistência — vem salvar da dor e da miséria os animais sem lar. (Bem que o governo brasileiro podia acabar com a Polícia Especial que mata e bate e criar uma Polícia como a holandesa e ianque; há tantos bichinhos morrendo de fome em nossas ruas...).

Aprendo muito. As serpentes são mais fáceis de se deixarem fascinar do que fascinam, diz um outro. Ah! como poderia eu saber o que hoje sei sobre os papagaios de papel de seda, também chamados pipas: foram inventados pelos chineses duzentos anos antes de nossa Era. Foram esses objetos tão belos que deram aos homens as primeiras noções do mais pesado que o ar suscetíveis de voar.

Não. Não vos contarei dos inexgotáveis tesouros existentes nos almanques. Não vos direi que, segundo um deles, as pessoas só começaram a usar e possuir um nome próprio no século XIII e XV, nomes inicialmente dados pelos ofícios, pelas propriedades e até mesmo pelos defeitos físicos?

Não vos darei receitas de saladas nem contarei anedotas; não vos ensinarei métodos infalíveis para saber as idades das pessoas nem falarei em santos e horóscopos. Apenas e simplesmente vos contarei que ler um almanaque é repousar da dureza da vida e partir para a mais divertida das viagens onde de tudo se fala, se sabe, se conhece. É uma boa viagem para se começar um ano novo.

ENEIDA

ÂNGELA MARIA

Mercedíssima a sua escolha como a melhor cantora de 56. Anda cantando como nunca, e justificando os 200 ou 300 contos que está ganhando por mês. Na televisão também tem sido um sucesso. 56 aliás foi um ano bem movimentado para a grande Ângela Maria. Brigou com o seu Milton (deixou saudades, Ângela?) foi durante meses a estrela máxima da TV-Rio, e apareceu na capa das revistas «O Cruzeiro» e «Manchete». Um grande ano, como se vê. Ainda em 56 (nos últimos dias) foi surpreendida com um ultimatum médico: ou descansa um pouco ou sua carreira fica ameaçada. Ângela não tem parado, viajando de um lado para outro, cumprindo contratos e mais contratos em todos os cantos do Brasil. Sua escolha foi grau 10 para a comissão.



A "REVISTA DA SEMANA" APRESENTA

OS MELHORES

DO RÁDIO DE 1956

A ELEIÇÃO É PATROCINADA PELA «REVISTA DO RÁDIO», MAS QUEM ESCOLHE SÃO OS CRONISTAS — E O RESULTADO É SEMPRE BASTANTE DISTANCIADO DA VERDADE, POR CAUSA DOS CAMBALACHOS E DAS TROCAS DE VOTOS — ESTE ANO A COISA NÃO FUGIU AO FIGURINO DE SEMPRE — E TIVEMOS COMO MELHORES, CALAMIDADES TIPO AERTON PELINGEIRO, CAUBY PEIXOTO, PAULO GRACINDO, HÉLIO THYS E BENJAMIM WRIGHT — LOURDES MAYER E VALDIR AMARAL: DOIS CASOS À PARTE — INDICAÇÕES JUSTÍSSIMAS E QUE NÃO PODEM SOFRER A MENOR CONTESTAÇÃO: ANGELA MARIA, LUIZ JATOBA, CARLOS FRIAS, FRANCISCO ANÍSIO E PAULO ROBERTO — OU ANSELMO DOMINGUES (DIRETOR DA «REVISTA DO RÁDIO») MODIFICA AS CONDIÇÕES DA ESCOLHA E MELHORA A QUALIDADE DOS VOTANTES, OU TUDO SE TRANSFORMARÁ NUMA PALHAÇADA RIDÍCULA E SEM OBJETIVO

Reportagem de ANTÔNIO CARLOS NOGUEIRA

LOURDES MAYER

A sra. Lourdes Mayer (e o seu ilustre marido), são dois respeitáveis canastrões. No rádio e fora dele. Mas como os cronistas de rádio pensam que gritinhos, desmaios, trejeitos e etc., são os ingredientes com que se fabrica uma boa atriz, deram-lhe o título de a melhor de 56. Provavelmente, um dia destes vamos aturá-la na televisão, sendo entrevistada e repetindo «o papel que mais a entusiasmou na sua carreira». Então, com lágrimas nos olhos, a sra. Lourdes Mayer dirá duas ou três bobagens e pensará que em matéria de interpretação, está no mínimo no time de Cacilda Becker. Mas como no rádio, o que há de melhor anda pelo nível da sra. Lourdes Mayer, resultou que a sua escolha, não foi justa nem injusta. Tinham que escolher alguém. Escolheram ela. Vá lá. Afinal, o sr. Rodolfo Mayer também já não tem ganho prêmios? E pior que ele, d. Lourdes não é. Ah, isso não.

FRANCISCO ANÍSIO

Outra indicação acertada da comissão, e a prova de que a comissão sabe escolher quando quer. O diabo é que ela sempre quer muito pouco. Francisco Anísio teve um ano movimentado. Casou com Nancy Vanderley, produziu grandes programas humorísticos, recusou escrever uma revista para o Teatro de Alumínio (em S. Paulo), por considerar muito ruim o elenco, além de ter escrito também os diálogos para o «show» «Rio... de Janeiro a Janeiro», que como é comum nos espetáculos de Carlos Machado, saiu sem assinatura para que Machado possa se intitular como autor. Muito moço, com capacidade de fazer ainda grandes coisas. Pena que tenha caído no ambiente do rádio que já tem liquidado uma centena de grandes vocações. Enfim, esperemos. Mas em 56 foi indiscutivelmente o melhor produtor humorístico.

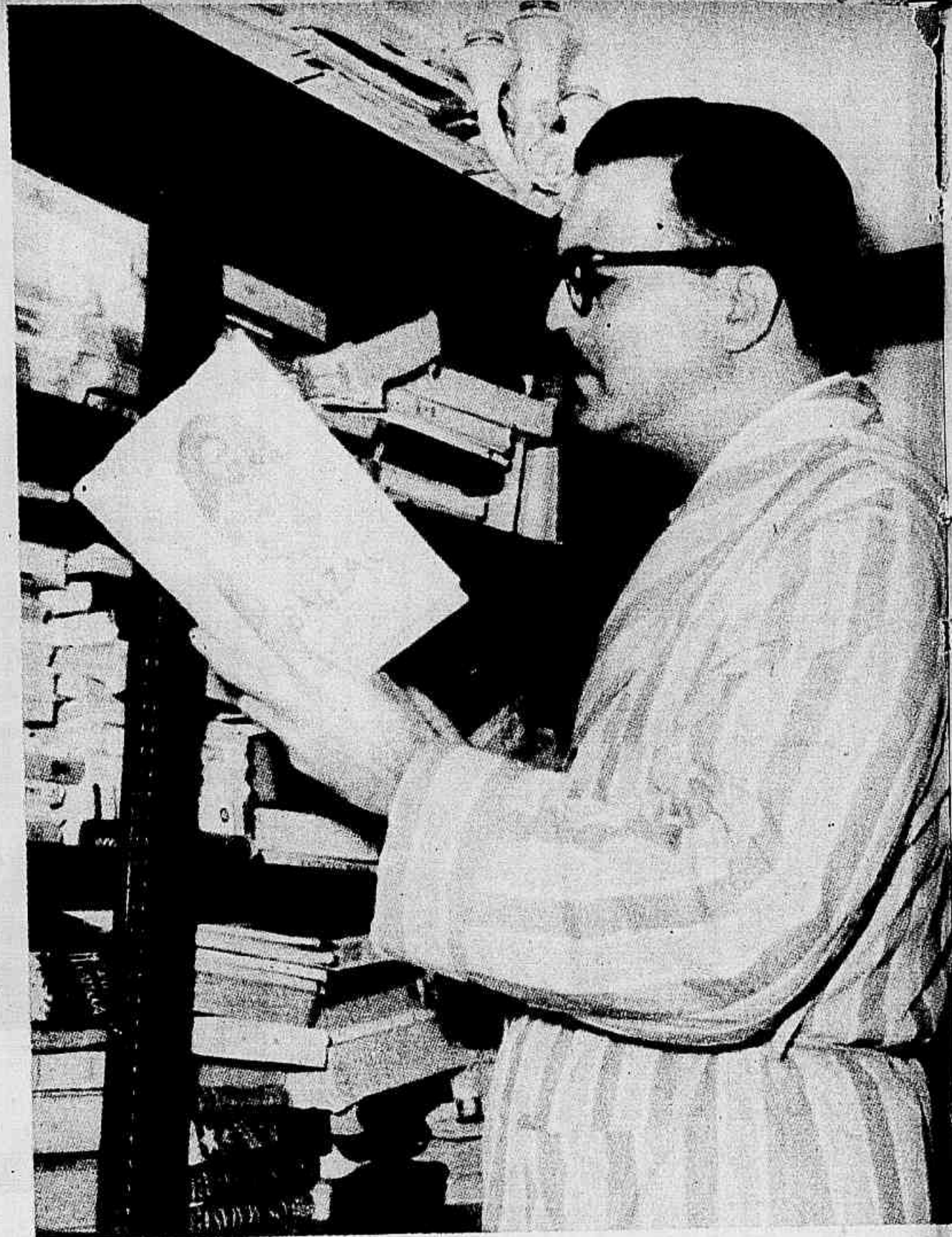
HÉLIO THYS

A capacidade do sr. Thys como novelista, deve ter sido medida pelas lágrimas que arrancou. E tendo (segundo os votantes) provocado verdadeiro dilúvio de lágrimas, nada mais justo que lhe conceder o título de «o melhor novelista de 56». Ouvimos algumas de suas novelas (por dever de ofício) e se tivermos que ouvir mais algumas em 57, ou daremos um tiro na cabeça ou quebraremos todos os rádios numa área de pelo menos 500 quilômetros. O homem é horrível. Não tem originalidade, não tem imaginação, é o campeão mundial do lugar comum. Junta todos os chavões do gênero, enche 9 ou 10 páginas, datilografadas e diz que é um capítulo de novela. E o impressionante, é que parece que o sr. Hélio Thys vive disso. Que alguém consiga escrever novelas tão ruins, já nos parece fantástico. Mas que ainda consiga almoçar, jantar e sobreviver, apesar delas, está acima da nossa compreensão. E não tendo entendido, paramos por aqui.



PAULO ROBERTO

O doutor Paulo Roberto (médico, radialista e «gentleman» nato) foi considerado o maior produtor do rádio de 56. Essa decisão, tomada por unanimidade, quase que conseguiu absolver a comissão de votantes, dos inúmeros pecados conscientemente cometidos. Pois o doutor Paulo Roberto é desses poucos homens que merecem elogios incondicionais e a quem gostaríamos de bater palmas até doer as mãos. Um homem digno e decente (é um mistério como ele resolveu se dedicar ao rádio no Brasil) com capacidade real de trabalho e de produção, e que procura colocar sempre seus programas num nível de decência, de dignidade e de boa categoria intelectual. Divide seu tempo entre o rádio e o hospital. E hoje não se sabe qual das duas ocupações mereça a sua preferência: a de médico ou a de radialista. Já ganhou esse mesmo prêmio em outras oportunidades, e o de agora também não será o último. Pois verdade seja dita cada vez capricha mais nas suas produções.



CARLOS FRIAS

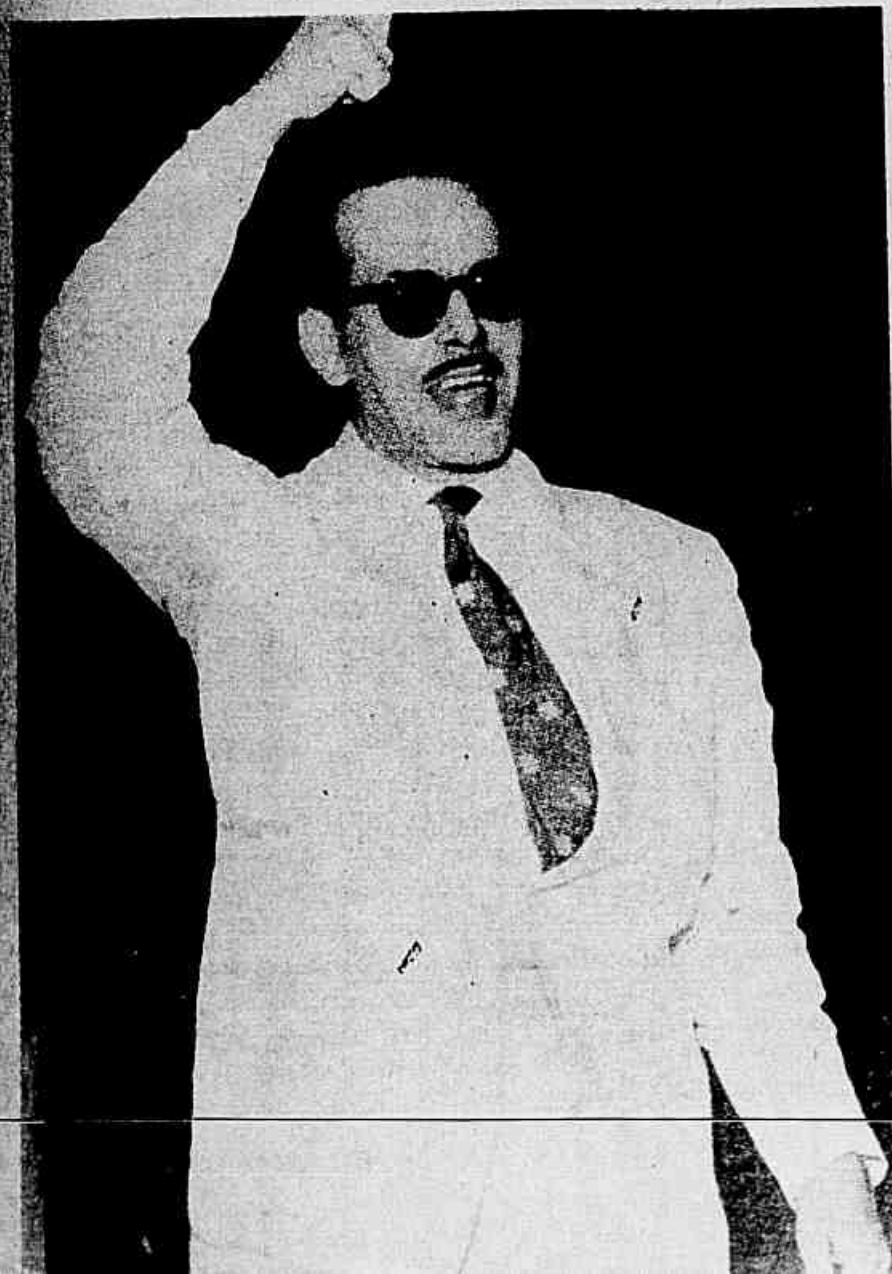
Corretíssimo, sóbrio, dono de boa categoria intelectual, o locutor da TV e da Rádio Tupi, foi uma das indicações mais acertadas da Comissão. Sem sombra de dúvida merece a classificação de melhor da sua categoria. Casado com a atriz Aimée, já foi vereador, aliás, com excelente atuação, sendo geralmente considerado um equívoco eleitoral a sua não reeleição. Veste-se sempre muito bem, é um bom camarada, e no meio desleal e agressivo do rádio, é um dos elementos mais simpáticos e geralmente estimado por todos. Estêve há tempos mais ou menos afastado do rádio, mas voltou com a televisão e brilha novamente. O prefixo da Televisão Tupi, foi gravado na sua agradável e aveludada voz. Já brilha no rádio há mais de 20 anos mas não perde a classe, nem sua atuação diminui de categoria apesar do tempo decorrido. Não quer saber mais de política, e tem se dedicado também a produção de programas para o rádio e para a televisão, sempre nas Associadas.

PAULO GRACINDO

Melhor em que, pelo amor de Deus? A comissão disse que ele foi «o melhor rádio-ator de 56». Mas então só se ele trabalhou sozinho o ano todo. Pois desde que haja outro para concorrer, Paulo Gracindo tem que tirar pelo menos segundo lugar. Monótono, irritante, metido a engraçado, conseguiu apenas enterrar o programa «balança mas não cai», que no tempo de Max Nunes bateu todos os recordes de audiência. Com a agravante de ter recorrido à pornografia e à licenciosidade. E' outro que já devia estar arquivado há muito tempo. Mas é um mistério como ainda consegue ser escolhido o melhor em alguma coisa.

BENJAMIM WRIGHT

O sr. Benjamim, é o tal que se intitula «o comentarista que diz a verdade». Escolhido o melhor na sua especialidade, o que foi uma injustiça. O sr. Benjamim deveria merecer o título de o melhor humorista. Pois seus comentários são engraçadíssimos. Nunca vimos ninguém dizer tanta bobagem com tamanha ênfase. Assistimos já a algumas reportagens radiofônicas do sr. Benjamim (fora do terreno esportivo) e quase morremos de rir. O homem é divino. Experimentem, leitores. Quando souberem que o sr. Benjamim vai falar ao microfone (qualquer que seja o assunto) não percam. Fiquem desde cedo colados ao rádio, esperando, pois valerá a pena. Vão descobrir logo ao primeiro momento que o sr. Benjamim é brigado com a gramática, desde garotinho. Mas não se importem. Vão constatar também, rapidamente, que o sr. Benjamim não conhece nem a técnica primária de juntar palavras para formar as frases. Mas mesmo assim garanto que vale a pena. Ele é o comentarista que informa com exatidão e o único que diz a verdade. Quá, quá, quá.





AERTON PERLINGEIRO

Canastrão no rádio e na televisão. Sem vida, sem vivacidade, quase gago, é inconcebível que tenha merecido o título de melhor em alguma coisa. Sua escolha é produto das «panelinhas» que se organizam todo ano e da verdadeira bôlsa de votos que preparam para os seus preferidos. Nos programas de auditório tenta imitar Ari Barroso. Mas tendo apenas 1% do talento do seu antecessor, consegue unicamente aborrecer os telespectadores e os ouvintes. Representante típico de um rádio que já devia estar morto pelo menos há 10 anos. Um rádio feito para ouvintes que não têm potencial para comprar um sabonete ou uma lata de sal-sicha. Mas mesmo dentro desse rádio ultrapassado há outros melhores (muito melhores) do que Aerton Perlingeiro. Mas os cronistas do rádio não concordam com essa nossa modesta opinião e elegeram o sr. Perlingeiro como o melhor de 56. Exagêro que proclamaremos impavidamente, até que com seu prestígio, a comissão obtenha o nosso silêncio.



CAUBY PEIXOTO

O moreninho Cauby até que não é tão ruim assim. Ruim é o método empregado pelo seu «protetor» Di Veras. Nessa eleição deve andar medida uma boa parte da «inspiração» do Di Veras. Pois sem essa «inspiração» o seu pupilo não teria sido eleito o «melhor cantor de 56». Registre-se ainda para melhor compreensão da isenção e da liberdade (Deus me perdoe!) da escolha, que Cauby Peixoto passou quase o ano todo no exterior (E.E.U.U.), não podendo portanto competir com outros que ficaram aqui trabalhando. Mas os métodos e a «inspiração» do Di Veras são convincentes e Cauby conseguiu ser o melhor cantor, mesmo sem cantar. É um fenômeno o rapaz. Com tanto talento não admira que esteja fazendo um sucesso louco em Nova York. Seus amigos dizem que ele nem consegue passear nas ruas da capital do mundo, e que quando é identificado, o tráfego é imediatamente engarrafado, pois suas fãs não querem saber de guardas, de multas ou mesmo de prisões.

VALDIR AMARAL

O sr. Valdir deve ter ganho o prêmio de «melhor locutor esportivo» pela força que tem feito para imitar o sr. Oduvaldo Cozzi. E como todos os anos o prêmio tem ido para o sr. Cozzi, resolveram esse ano transferi-lo para o sr. Valdir. É compreensível. Tendo premiado o original quiseram premiar também a cópia. Muito justo. Mas afinal o prêmio era para o melhor locutor esportivo ou para a melhor cópia? O sr. Valdir deve ter admiração total pelo sr. Cozzi. Pois consegue imitá-lo direitinho, nos defeitos e nas qualidades, nos arrebatamentos, e até nas inflexões, por menor que sejam. Enfim cada louco com sua mania. E a do sr. Valdir Amaral é ser Oduvaldo Cozzi. É crime?

LUIS JATOBA

É o melhor narrador do rádio, seria o melhor na televisão, não só no Brasil mas em qualquer lugar do mundo onde atuasse. Já trabalhou com sucesso nos E.E.U.U., e a série de pequenas histórias que narrou para a Metro, até hoje é recordada com saudade. Trabalhou uns meses na televisão, mas parou logo, obrigado pelo seu contrato com a Organização Vítor Costa. Mas como a Mairinque não demora com a sua televisão, vamos revê-lo breve. Tem uma voz extraordinária, mas não é só por causa da voz que é o melhor narrador. Sabe dizer, e muitas vezes é ele mesmo que escreve o que diz.



A SEMANA EM REVISTA

ÂNGELA MARIA: 20 DIAS SEM CANTAR

A ordem do médico para Ângela Maria, foi definitiva e não admitiu contestação: ou pára de cantar durante 20 dias, ou fica ameaçada de parar para sempre. Após 6 anos de trabalho ininterrupto, as cordas vocais de Ângela protestam e exigem um descanso. Descanso que se não fôr observado imediatamente, levará a artista (possivelmente) a um colapso fatal nas suas atividades. Atividades, diga-se, que lhe renderam este ano de 200 a 300 mil cruzeiros mensais. Daí a resistência e o esforço da cantora em continuar sua carreira, mesmo com sacrifício. Ângela perdeu 4 quilos nos últimos 2 meses (seu peso normal é de 53 quilos e atualmente está com 49), e confessou ao repórter, que realmente está se sentindo cansada e com muitas dores pelo corpo.

ZIZINHO FORA DO ESCRETE

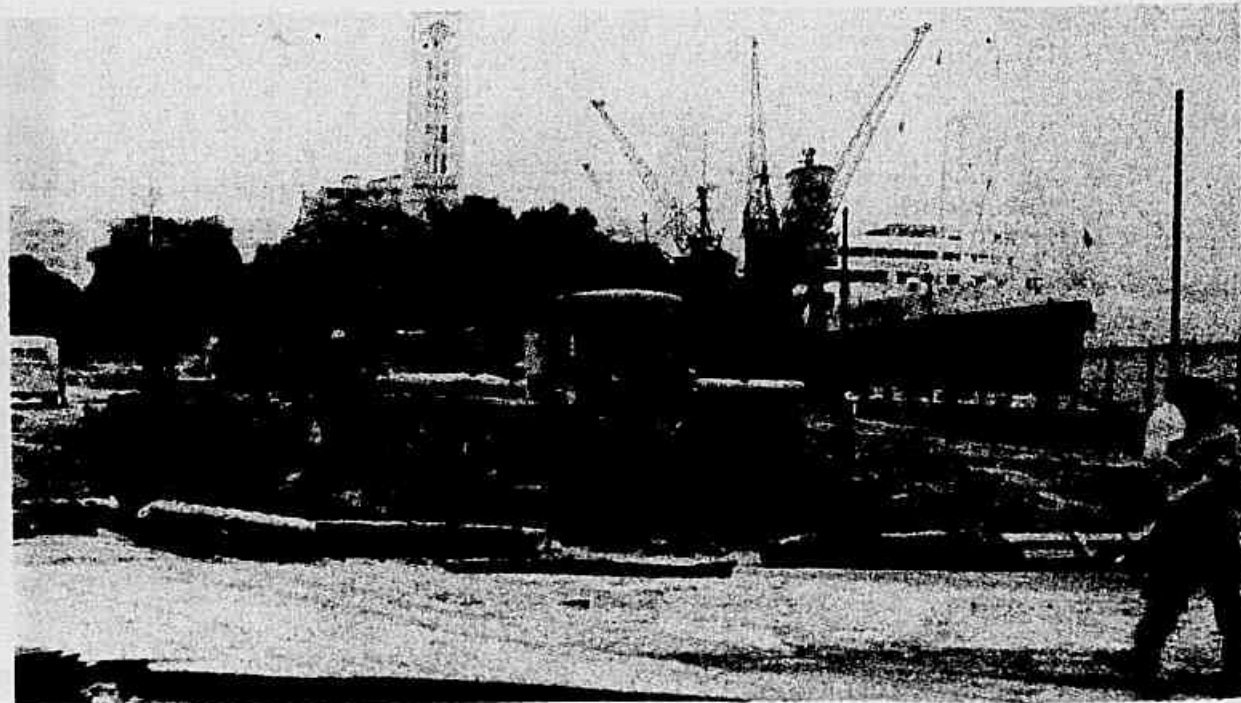
Zizinho mais uma vez foi vítima de recalques e de complexos de inferioridade. E mais uma vez o escrete carioca deixa de apresentar a sua força máxima apenas para satisfazer as vaidadezinhas de quem tantas vezes já demonstrou incapacidade. Desta vez foi o doutor Paes Barreto (lembrai-vos de Lima) que resolveu considerar o super-craque Zizinho, sem condições físicas para integrar o escrete. Mas o próprio jogador, no dia seguinte, veio a público, e denunciou a manobra, dizendo: «Não tem qualquer fundamento a alegada deficiência física que determinou a minha dispensa do escrete». No parecer que apresentou, o dr. Paes Barreto afirma que «Zizinho está sem fôlego e depois de uma corrida de 100 ou 200 metros custa muito a se recuperar». Sem obter resposta, o «Diário Carioca» perguntou ao dr. Paes Barreto: «quando é que um jogador tem oportunidade de dar uma corrida de 100 ou 200 metros sem ser interceptado por um adversário?» Como se vê, por simples vingança do dr. Paes Barreto, o escrete carioca ficou sem Zizinho.

PRESTES MAIA, O CANDIDATO ETERNO

O sr. Prestes Maia cumpre o seu destino de se candidatar a todos os postos que aparecem em S. Paulo. Já foi candidato a tudo e sempre derrotado. Mas não se cansa. E já se anuncia que ele será candidato à Prefeitura de S. Paulo, com o apoio agora do sr. Jânio Quadros. Depois de ter sido prefeito e candidato de Ademar, Prestes será seu adversário nas urnas.

O PREFEITO BOA PRAÇA

O embaixador Negrão de Lima é chamado pelos cariocas de «prefeito boa praça», pois inaugurou mais praças e jardins (em 1 ano) que os outros prefeitos em 3, 4 ou 5 anos. Esta semana entregou ao público mais 3 jardins novos e um outro, reformado. Os novos estão nas praças Cruz Vermelha, Aguirre Cerda e Carmela Dutra (Ilha do Governador); e o reformado é o do Largo do Machado, agora com novas cores, novas tintas e novas formas. Como curiosidade, acrescente-se que o prefeito compareceu a todas as inaugurações e sempre com o seu inseparável chapéu gelot.





A RUA ACRE FESTEJOU A VITÓRIA DO VASCO

Com as cabrochas da Escola de Samba do Salgueiro, chope e tremço, e milhares de «casacas», pronunciados a todo momento com entusiasmo, os comerciantes de secos e molhados da Rua do Acre, festejaram a vitória do Vasco no campeonato de 1956. E 100 mil cruzeiros (arrecadados antecipadamente), foram consumidos em chopes e empadinhas pelas pessoas (vascainas ou não) que estiveram na festa da rua Acre. Compareceram os «cartolas» Ciro Aranha, Diogo Rangel, José do Amaral Osório e o grande animador da festa De Lucca. Especialmente convidado, o embaixador Negrão de Lima compareceu, apesar de ser Flamengo. De 13 às 18 horas durou a comemoração, que terminou com aspeto de carnaval.



INQUÉRITO DO JÓGO: POLÍCIA CONTRA POLÍCIA

Terminou o inquérito do jôgo. Depois de meses e meses de investigações, a comissão parece que chegou a uma certeza: os policiais são

realmente culpados e estavam envolvidos na exploração do jôgo do bicho e de outros jogos. Para chegar a êsse resultado a comissão não precisaria gastar meses de trabalho. O próprio promotor Emerson de Lima (foto) que foi chefe do Gabinete do gen. Magessi declarou «sentir-se enojado tôda vez que ouvia alguém falar na corrupção que lavrava na Delegacia de Jogos e Diversões». E êle devia saber de onde vinha e porque sentia o nojo. No decorrer do inquérito foram feitas algumas declarações interessantes. Uma delas, foi a do delegado Ventura, que afirmou ter pedido demissão da Delegacia de Jogos e Diversões, em virtude da campanha contra êle movida pelo jornalista Cordeiro de Oliveira, do «Correio da Manhã». Jornalista, acrescentou, «já duas vezes processado por furto, quando servia no Campo dos Afonsos».

SALVA-VIDAS CAMPEÃO

José Euclides de Araújo, venceu a prova de natação Pôsto 2-Pôsto 6, marcando um novo recorde (1 hora, 2 minutos e meio). Essa prova foi realizada como parte dos festejos comemorativos do dia do Guarda-Vida, e assistida pelos representantes do Presidente da República e Prefeito do Distrito Federal. E' preciso que a atenção aos guarda-vidas, não fique apenas em festinhas e comemorações. E' imprescindível



aparelhá-los e pagar-lhes salários razoáveis. Salários que pelo menos compensem e satisfaçam um pouco, a quem tantas vêzes arrisca a vida para salvar seus semelhantes. Na foto (empunhando a taça) José Euclides de Araújo. E ao seu lado, o segundo colocado, Francisco Ruas.

PRES. DO FLAMENGO: CRISE DO ESPORTE É MORAL

O sr. Alves de Moraes, declarou aos jornais que o Flamengo não disputará o Torneio Rio-São Paulo (e provavelmente o campeonato carioca de 57), pois se sente esbulhado pelas arbitragens. «A crise do esporte tem fundo moral», declarou o presidente do Flamengo. «E só quando mudar a mentalidade dos homens do esporte, é que as coisas podem variar de aspecto». O sr. Alves de Moraes, falou evidentemente por metáforas, usando imagens sibilinas e misteriosas. Mas o que êle não quis dizer, é que hoje, no futebol carioca, para um clube levantar um campeonato, tem que possuir: um time razoável e uma boa comissão de compras. Os casos de suborno são sem conta, se repetem quase semanalmente. Mas não se desespere o sr. Moraes, pois dentro em pouco o esporte carioca vai sofrer um impacto renovador. Escândalos virão a público (documentados) e alguma coisa poderá surgir das cinzas.

STRAUSS VAI ANDAR DE SAIOTE ROXO

Carlos Strauss, ator cinematográfico, vai lançar no Rio, o «new-look» masculino do engenheiro paulista Flávio de Carvalho. Mas segundo declarou aos jornais, fará algumas modificações, inspiradas pelo seu próprio gôsto e fantasia. Strauss (que no seu próximo filme aparecerá como um general alemão), dentro de alguns dias sairá à rua de saiote e bolero. Strauss se insurge apenas contra o chapêu de plumas, que não usará de maneira alguma. Uma inovação importante (que os cariocas assistirão pela primeira vez) é o que se pode chamar de «black-tie» dessa espécie de indumentária e que consistirá: em saiote e blusa preta sobre uma camisa branca de peito duro. «Meu objetivo», disse Strauss, «é conquistar para os homens não só a liberdade de movimentos, mas também o direito de usar cores até agora proibidas para nós, como o vermelho, o roxo, o verde, e outras mais vistosas e garridas».





Na foto vemos a jovem modelo dinamarquesa Lotte Albeck, que pode ser considerada, num certo sentido, o protótipo da beleza feminina da capital da Dinamarca. Lotte vive com o pai, um funcionário do Ministério da Fazenda, numa bonita casa dos subúrbios da metrópole escandinava. Trabalha num grande magazine, leva uma vida bastante agitada, porém ganha o suficiente para fazer uma viagem anual ao exterior. Recentemente esteve na Inglaterra, onde apresentou alguns modelos à Rainha-Mãe e onde também frequentou um curso de arte dramática em Cambridge. Suas diversões preferidas são o tênis, a equitação, o ciclismo, a natação e cinema. Como em Copenhague desde muito tempo não se projetam filmes americanos (os lançadores cinematográficos fizeram uma greve de protesto contra os filmes julgados perniciosos) Lotte, a fim de estar em dia com as últimas novidades, toma o «ferry-boat», às tardes, para a Suécia, assiste ao filme que quer, e volta à meia-noite para a sua pátria. Ir ao estrangeiro só para ver um filme parece, realmente, uma extravagância mas em Copenhague, muita gente faz isto: uma prova de que o índice de vida nesse país é um dos mais altos do mundo. Entre as aspirações secretas de Lotte, figura, naturalmente, a de algum dia fazer cinema na Itália ou então na França.



As cinco horas da tarde, em Copenhague, costuma-se fazer uma pequena refeição. Para isto procura-se as carretas onde se vende salsicha quente.

AO CONTRÁRIO DO QUE SE IMAGINA

A MULHER ESCANDINAVA NÃO GOZA DE PRIVILEGIOS EXCEPCIONAIS

REALMENTE A POPULAÇÃO FEMININA DA SUÉCIA, NORUEGA E DINAMARCA, GOZA DE VANTAGENS INTEIRAMENTE DESCONHECIDAS NOS OUTROS PAÍSES DO MUNDO — MAS MESMO COM ESSE PROGRESSO A IGUALDA-

DE DOS SEXOS, NO PLANO SOCIAL, AINDA NÃO ENCONTROU A SUA EXATA FORMA DE EXPRESSÃO — O PROBLEMA CONTINUA EM EQUAÇÃO E TENDE A ENCONTRAR PERFEITO DESENVOLVIMENTO DENTRO DE POUCO TEMPO.

A MULHER ESCANDINAVA

O modelo Lotte Albeck toma o bonde para casa após um dia inteiro de trabalho. O horário de Lotte vai das 9 horas da manhã às 3 da tarde.

◆ Não é verdade que uma mulher sueca, dinamarquesa ou norueguesa possa sair à rua, fumando, sem atrair olhares de desaprovação. Também não é verdade que nos dias de céu sereno, belas garotas em trajes paradisíacos se postem nas janelas de Oslo e Estocolmo, como se conta, indevidamente, por esse mundo a fora. Nem corresponde à realidade a afirmação de que a igualdade sexual é tão extremada que autoriza uma jovem a aproximar-se de um homem a fim de experimentar as primeiras sensações da carne sem qualquer problema de ordem moral. Toda essa mal fundamentada concepção do mundo nórdico, pertence à imaginação popular, certamente influenciada por uma literatura superficial. Além disso, as impressões simplórias de turistas apressados contribuíram bastante para difundir semelhantes idéias sobre a emancipação da mulher escandinava. Igualmente lendária é a opinião segundo a qual todas as mulheres desses países perdem facilmente a cabeça pelo primeiro espanhol, italiano ou francês que abordá-la na rua. Quem acredita em semelhantes exageros sofrerá uma terrível decepção no dia em que, desembarcando de um avião em Estocolmo, por exemplo, descobrir que a mulher sueca é completamente diferente.

Contudo, ainda que as mulheres não fumem nas ruas, e nas relações entre os sexos, o homem conserve, ao menos formalmente o direito de iniciativa que centenas de milhares de anos de prática lhe outorgaram, não se pode duvidar de que a Escandinávia seja a única região do mundo onde a «vingança» feminina assumiu as maiores proporções. Oito milhões de mulheres (um pouco mais da metade da população efetiva da Suécia, Noruega e Dinamarca) vivem nesta espécie de paraíso feminino que se estende da Jutlândia ao Cabo Norte e gozam de privilégios, muitas vezes exagerados. A constatação mais surpreendente é a que se refere ao tempo relativamente curto exigido para que as mulheres realizassem tamanha conquista. Há cerca de um século, a condição social da mulher escandinava nada tinha de invejável, e talvez fôsse mesmo inferior, a das mulheres alemãs, holandesas ou suíças. Na própria Dinamarca, o voto feminino só foi estabelecido por volta de 1903, e somente em 1915 obteve ela o direito de ser votada. Mas hoje, as mulheres dos três países escandinavos ocupam postos-chaves. Ainda mais importante é o acesso que elas têm às profissões liberais e ao magistério, cargos que há algumas décadas representavam uma prerrogativa do sexo masculino.

A BARBEIRA DE ESTOCOLMO

Todos os anos a Escola de Artes e Ofícios de Copenhague entrega diplomas a centenas de tipógrafas, encadernadoras, sapateiras, fotógrafas, relojoeiras, pedreiras e talhadeiras de pedras preciosas; em várias profissões, como a odontologia, por exemplo, as mulheres são mais numerosas que os homens. Além disso, mesmo durante o reinado de Frederico IX, se elevava a 48.000 o número de mulheres chefes de indústrias e diretoras de empresas industriais e comerciais. Na Suécia, cuja população efetiva é de sete milhões de habitantes, mais de oitocentas mil mulheres realizam trabalhos remunerados fora das ocupações domésticas. Também é de notar-se que a ausência quase completa de barbeiros de cal-

ças na Suécia: é que eles foram substituídos por graciosas barbeiras que movem com sutileza o pincel e a navalha, e são as primeiras a atrair a curiosidade dos turistas continentais.

A luta em prol da igualdade absoluta — como afirmam os expoentes dos movimentos sindicais femininos — ainda não atingiu à sua derradeira etapa. Depois de estabelecido o direito de acesso aos empregos públicos e à grande maioria dos cargos privados, o movimento feminino escandinavo pretende agora idêntico resultado no campo da indústria e do trabalho assalariado em geral. Isto porque ainda existe uma certa disparidade neste setor e que se traduz através de uma remuneração de 20 a 25 por cento inferior à dos homens. Durante o ano de 1955, uma operária sueca ganhava uma média de 300 cruzeiros por dia, contra 450 do seu companheiro do sexo oposto. Este aparente anacronismo se justifica em virtude dos freqüentes períodos de inatividade da mulher determinados por problemas de ordem fisiológica; mas, por outro lado, elas gozam de uma série de privilégios, que se traduz através de providências legais estabelecidas nos contratos de trabalho. Dêsse modo, durante as três semanas que se seguem ao parto, quando a lei obriga o afastamento do trabalho, a mãe dinamarquesa recebe a metade do salário e mais um litro de leite gratuito por dia. Outro benefício previsto para a gestante reside no direito de receber três visitas de um médico e sete de uma parteira diplomada, tudo por conta do Estado.

UMA PENSÃO PARA A CRIADA

Na Suécia, toda mulher que tenha ao menos dois filhos de idade inferior a quinze anos tem direito a férias anuais, podendo passá-las em qualquer localidade do território nacional: acrescente-se que todas as despesas, inclusive de viagem, são por conta exclusiva do Estado.

Todavia, mais ainda do que nos escritórios e nas fábricas, é entre as quatro paredes domésticas que a mulher escandinava conseguiu a sua mais importante conquista. A atividade de criada doméstica é tão lucrativa quanto qualquer outra. Para verificar isto, basta dizer que na Dinamarca, o trabalho «caseiro» atingiu cerca de 12 por cento da renda nacional. Partindo desses fatos não é surpresa constatar que se tenha chegado a audaciosas conseqüências, quer no plano estritamente sindical, quer no campo mais complexo das relações entre os cônjuges.

Em primeiro lugar, concede-se à criada doméstica uma pensão anual. O mecanismo que estabelece essa quantia é ainda mais complicado, e varia de uma para outra nação escandinava; mas não será de todo difícil dar um exemplo: na Suécia, uma criada que tenha sessenta anos recebe a respeitável quantia de 1.520 coroas, que convertido em moeda brasileira corresponde a vinte mil cruzeiros.

Na administração da casa de uma família média escandinava, os trabalhos caseiros perderam completamente aquele aspecto humilhante de que ainda se reveste na maioria das nações européias e americanas. A criada de Estocolmo ou de Copenhague goza de uma série de comodidades, que só poderão ser encontradas em igualdade de condições nas suas colegas de Nova York ou de Los Angeles. Dêsse modo o aquecimento das casas da capital dinamarquesa é um «serviço municipal», dotado de absoluta regularidade. Um outro precioso auxílio é o fornecido pelas distribuidoras automáticas que presentemente invadiram todas as

Lotte Albeck prepara-se para sair. A linda dinamarquesa passa as noites nos «dancings» e «night-clubs» de Copenhague, que são sempre muito concorridos. No momento, a canção estrangeira de maior sucesso na Dinamarca é «Arrivederci Roma. Como aliás em quase todo o mundo.





Nesta foto, Lotte, ao sair da loja onde trabalha, coloca uma carta no correio. Ela ainda não possui uma «utilitária» (espécie de Volkswagen dinamarquesa), e como a maioria dos seus concidadãos, usa a bicicleta como meio de transporte individual.



Um cigarrinho e cinco minutos de repouso no ritmo frenético do trabalho diário de Lotte Albeck. Pode-se dizer que em todos os países nórdicos as mulheres trabalham. Mesmo aquelas que se ocupam dos afazeres domésticos são protegidas sindicalmente e têm direito a uma pensão regular.

ruas das cidades escandinavas: basta introduzir uma moedinha por uma fenda e dentro de alguns segundos ter-se-á calças de nylon, cigarros, manteiga, «sandwiches», pães e revistas ou jornais. Isto não impede que a mulher que trabalha em casa tenha o direito de pretender, a título de remuneração, uma porcentagem dos ganhos do marido, e que, em caso de divórcio e de separação de bens, o juiz tome contas das atividades por ela desenvolvidas entre as paredes domésticas. O «Marriage Act», parte do Código Civil que regula as várias questões do regime matrimonial, é muito categórico no que diz respeito ao aspecto econômico da «vida a dois».

Ainda no tema do casamento, vale a pena acrescentar que a mulher dinamarquesa não é obrigada a assinar o sobrenome do marido, e que na Suécia, a mulher pode ter um domicílio diferente do do marido, desde que este faça a escolha sem consultá-la previamente, e que, finalmente, em todos os três países escandinavos, o pátrio poder pode ser indiferentemente exercido por qualquer dos cônjuges. Além disso, na Dinamarca, a mulher atinge a maioridade aos vinte e um anos, mas basta que tenha completado dezoito para que possa casar-se sem o consentimento paterno.

E' bastante difícil, aplicando-se as convencionais medidas moralísticas, falar sobre as vantagens de semelhante sistema, como é igualmente di-

fícil acusar-se a excessiva liberdade que naqueles países se concede à mulher. Entretanto, quem conhecer Oslo ou Estocolmo dirá que encontrou a mesma ponta de hipocrisia que envolve as relações humanas dos países onde vigoram sistemas diferentes. O fato de uma mulher norueguesa ou sueca conservar o direito de cultivar as próprias amizades, de ter uma vida própria e de entregar-se a um platônico «flirt», não deve atrair ou provocar apressados comentários sobre o nível de fidelidade da mulher escandinava. No decênio de 1941-1950 celebraram-se na Dinamarca 37.500 casamentos, enquanto no mesmo período de tempo, 5.796 divórcios foram concedidos. Tão elevada porcentagem nada tem de alarmista; o que se verifica, sem dúvida, é a lealdade absoluta com a qual o homem e a mulher resolvem a existência de um determinado problema.

A emancipação feminina aplicada ao campo das relações sentimentais não termina com o matrimônio. A igualdade de tratamento reservado à prole legítima ou ilegítima faz com que das 78.000 crianças que nascem anualmente na Dinamarca, 13.000 sejam provenientes de mães solteiras. (Esta porcentagem foi bem mais elevada durante os anos da guerra).

Vale a pena recordar, neste ponto, que o código dinamarquês torna obrigatória a investigação de paternidade do filho ilegítimo, de maneira a constranger o pai a concorrer, de maneira adequada, para a manutenção da prole.



Em tweed branco e marrom, casaco com dupla abotoadura; o colete é em veludo.



O cinto por cima do casaco do «tailleur», o que é novidade.



Ampla abertura do decote em V, colete em mantelina escura. «Tailleur» é tweed mais claro.

Não é mais clássico o

OITO "TAILLEURS", OITO MODELOS DIVERSOS; O CASACO PERMITE UMA ABSOLUTA LIBERDADE DE LINHAS, COM BOTÕES DE



Em Shetland alaranjado, este «tailleur» de Ferdinand tem um casaco pequeno e um cinto a tiracolo.



Particularmente interessante é a maneira de abotoar este «tailleur». Em tweed escuro, modelo de Ferdinand.



Este «tailleur» de Givenchy é em lã azul-escura. Inteiramente revolucionário e apresenta um botão só.

novo tailleur

FORMAS DIFERENTES E PARTICULARMENTE
ORIGINAIS. SIMPLES E FUNCIONAIS, SER-
VINDO PARA QUALQUER HORA DO DIA.



Simplíssimo e de grande classe este «tailleur» em Shetland marrom e bege, com casaco de 2 botões apenas.

Em tweed marrom e preto, com casaco bem curto, o cinto por cima e de linha simplíssima e quase aderente.





NIZE BRITO ACUSA:



A história da festa de Nova Iorque não se passou como os cronistas amestrados contaram. Marlene já desvendou segredos escabrosos, e agora Nize Brito, a rainha do frevo, traz seu depoimento. Afinal, o sr. Carlos Machado e seus métodos vão sendo mostrados ao público. Que dirá ele a isso?

MUTILARAM O FREVO PERNAMBUCANO EM NOVA YORK

COMPLICADA HISTÓRIA DOS ORGANIZADORES DO «SHOW» «UMA NOITE NO RIO» — URUGUAIAS E ARGENTINAS SUBSTITUÍRAM ARTISTAS NACIONAIS — A RAINHA DO FREVO FALA A «REVISTA DA SEMANA» (NO RECIFE) E CONTA A VERGONHEIRA QUE ACONTECEU POR TRÁS DOS BASTIDORES DA FESTA DE NOVA YORK — MENTIRAM ATÉ AO PRESIDENTE DA VARRIG... — NIZE BRITO CONVIDA O EMPRESÁRIO CARLOS MACHADO PARA VISITAR RECIFE E APRENDER COMO SE DANÇA O VERDADEIRO FREVO PERNAMBUCANO.

Reportagem de HÉLIO POLITO LOPES

◆ Não sei por que só fazem as coisas no Brasil pela metade. Uma companhia de navegação aérea apoia uma idéia magnífica: difundir a nossa música e um pouco dos nossos costumes, e com isto atrair turismo

para o Brasil. Inicia tudo cuidadosamente, encarrega elemento capaz de organizar a lista de convidados, inclusive artistas, e do meio para o fim tudo vai por água abaixo, intromete-se quem não tem nada com



«Embarquei para o Rio de Janeiro, fiz despesas, despedi-me dos amigos, participei de ensaios longos e cansativos. E no fim, fiquei no aeroporto, esperando, enquanto o sr. Carlos Machado embarcava apenas seus amigos.»

o negócio, aparecem os «dita regras» e no final termina daquela maneira que todos sabem. Resultado: o que poderia ter constituído uma boa promoção, acaba de criar dificuldades de toda a ordem, inclusive e principalmente, aos próprios patrocinadores da idéia. E o que é pior: temos uma preocupação lógica de esclarecer que a nossa Capital é Rio de Janeiro e não Buenos Aires, que a língua falada é o português e não o castelhano. Porém, em vez de artistas brasileiras, (que as temos magníficas), levamos argentinas e uruguaías, aumentando assim a confusão... Simplesmente por que esta gente só raciocina em função de tirar algum proveito próprio, em beneficiar os que lhes são simpáticos, em fazer um contrabandinho, em agradar o «society»... Enquanto que senhoras da chamada alta roda social e que nada têm a ver com a nossa propaganda no exterior, são levadas para Nova Iorque, deixa-se no aeroporto, por falta de lugares a bordo, os valores da verdadeira música popular brasileira. Foi isto exatamente que aconteceu com Nize Brito, a inconfundível Rainha do Frevo. Para melhor saber toda a história, para pôr os pontos nos devidos ii, a nossa reportagem procurou a soberana do «passo» na sua residência, em Pernambuco. Eis o que nos disse Nize Brito:

— Se você não me procurasse, jamais falaria sobre este assunto. Bastam os aborrecimentos, cancelas, e prejuízos materiais que esta «Uma Noite no Rio» me deram. Começou pelo convite que veio de última hora. Foi um corre-corre tremendo para conseguir passaporte, visto, atestados, tudo enfim. Tive, além disto, de enfrentar despesas com um guarda-roupa novo, pois como sabe, toda mulher tem a sua vaidade... Embarquei para o Rio de Janeiro, despedindo-me de todas as amigas, sendo entrevistada pelos jornais, como quem ia de fato, representar a música per-

nambucana. Na Capital da República, participei dos ensaios. Devo dizer que achei estranho a maneira como a orquestra tocava o frevo. Essa nossa música de ritmo rápido e quente, por incrível que pareça, era tocada quase como **ballet**... Fiz ver ao sr. Carlos Machado que aquele não era o verdadeiro frevo pernambucano. Para ser mais honesta, nem poderia chamar aquilo de frevo. Era uma estilização e diga-se de passagem, de muito mal gosto. Se uma orquestra qualquer tocasse no Recife um frevo como o que ouvi no Rio, Deus do Céu, não se salvaria nem o pianista. Haveria massacre no duro... Para salvar o feio papel que iríamos fazer no exterior, ofereci ao sr. Carlos Machado umas gravações do nosso frevo legítimo. Foi quando ouvi dele uma resposta que me deixou abismada:

— Não, não, disco não serve. Lá nos Estados Unidos tem que tocar a orquestra. É lógico que eu sabia que lá teria de dançar com a sua orquestra, mas era necessário que ele e seus músicos soubessem como se executa um frevo pernambucano... O meu intuito, sem maiores pretensões, era corrigir um erro que supunha tratar-se de desconhecimento exato do nosso ritmo. O rapaz que teria de dançar comigo era um bailarino super-estilizado. Ensinei-lhe alguns passos, pois o moço, apesar de afirmarem ser pernambucano, dançava frevo estilo Fred Astaire... Se ele de fato nasceu por estas bandas, deve ter sido mordido por alguma cobra, pois aquilo que ele dançou nunca foi o «passo»... Chegou o dia da viagem, arrumei as malas e segui para o aeroporto. Quando apresentei os documentos, tive uma surpresa. O meu nome não constava da lista! É claro que fiquei indignada. Finalmente tinha tratado com pessoas de aparente responsabilidade, e não com crianças. Apareceu o Presidente

«Quero aproveitar a oportunidade e convidar o sr. Carlos Machado para vir ao Recife aprender como se dança o verdadeiro frevo pernambucano. Verá então que aquilo que apresentou em Nova Iorque, era tudo, menos frevo de Pernambuco.»



MUTILARAM O FREVO PERNAMBUCANO

da Varig, sr. Rubem Berta, e quando soube do «papelão», também ficou aborrecidíssimo. Disse que eu teria de seguir de qualquer maneira. E realmente tudo fêz neste sentido. Quando as coisas pareciam resolvidas, (seria tirado um dos convidados indevidos para que eu seguisse), apareceu um cavalheiro, que eu não sei quem foi, e garantiu ao sr. Berta que eu tinha reserva confirmada para a próxima viagem e chegaria ainda em tempo para o «show». Em vista disso, acalmaram-se os ânimos. Nesta altura não é mais preciso dizer, pois todos já sabem, que mentiram ao Presidente da Varig, que não havia reserva alguma em meu nome, e que acabei mesmo não seguindo. Fiquei abaladíssima. Não que fizesse questão de ir aos Estados Unidos. Nunca pedi a ninguém para ir a lugar algum. Estava em minha casa, calmamente, quando foram me convidar para essa «Uma Noite no Rio». O que me revoltou, foram as mentiras, as despesas que fui obrigada a fazer, e que para mim, como moça pobre, muito representa. Além do mais, cheguei à triste conclusão de que o sr. Carlos Machado desejava apenas que eu dançasse nos ensaios, para que o seu bailarino aprendesse alguns passos de frevo. Tudo isto, porém, serviu-me de lição. Na próxima vez, se receber novo convite (o que não acredito), somente sairei de casa com passagem na mão, com data mar-



cada, despesas pagas e ajuda de custo. Nesta gente não se pode confiar. Tem que ser tudo preto no branco. Quero aproveitar a oportunidade e convidar o sr. Carlos Machado para vir a Pernambuco, a fim de aprender como se toca e dança o verdadeiro frevo e demais composições do nosso folclore. Pelo menos, assim ele não se transformará novamente em carrasco de nossa música popular, que foi lamentavelmente mutilada em Nova Iorque. O que lhe interessa é integrar as páginas e ser citado pelos colonistas amigos. O resto é conversa fiada. Foi isso o que Nize Brito declarou à REVISTA DA SEMANA, que foi ouvi-la em Recife.

Assim agem os donos da noite, no Rio. Tiram uma moça de casa, obrigam-na a despesas, ensaios, mentem descaradamente, e no final, submetem-na a uma série de humilhações. E o que é grave também: assassinam miseravelmente uma música tão brasileira como o frevo, modificando-lhe o ritmo, e em seu nome fazem dançar, ao invés de uma passista de classe, um dançarino introvertido. Por que estes senhores não tiram a máscara de uma vez por todas e não dizem claramente que o seu interesse é dar um passeio à América, com suas «afilhadas», beber bom uísque, e passar por «gente bem» à custa do dinheiro alheio? Pelo menos não exporiam moças de família a vexames de toda ordem, e muito menos explorariam a boa fé das empresas de navegação aérea, que ainda acreditam inocentemente nessa classe de aproveitadores. Afinal, por este e por outros episódios semelhantes, o Brasil já vai sabendo quem é esse sr. Carlos Machado.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



AZASO - ER-3

EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Lda



Fernando Baleroni, Lia de Aguiar e Barbara Fazio, três intérpretes que as Emissoras Associadas paulistas reuniram em «O Sobrado», co-produção com a Cinematográfica Brasil Filme, nos estúdios da Vera Cruz. Além de financiamento parcial no Banco do Estado, o filme recebeu da municipalidade um prêmio de quase Cr\$ 800 mil, proporcional à sua arrecadação nos cinemas paulistanos.

CINEMA (ELY AZEREDO)

O CINEMA NACIONAL EM 1956

«A ESTRADA», OSVALDO SAMPAIO, PAGANO SOBRINHO E GLAUCE ROCHA ENTRE OS «MELHORES» ★ «O SOBRADO», SUCESSO MERECIDO NA BILHETERIA ★ AURÉOLA DE MARTIR FÊZ A FORTUNA DE «RIO, 40 GRAUS», FILME FRUSTRADO, EXPERIÊNCIA I M P O R T A N T E

★ Dos 27 filmes «oficialmente» nacionais, pelo menos dois são produções estrangeiras filmadas no Brasil: «Magia Verde», documentário em «Ferraniacolor» produzido pelo italiano Bonzi, com participação da Maristela paulista; e «Eva no Brasil», chanchada musical pornográfica que o francês Pierre Caron realizou em São Paulo, sob um rótulo de im-

proviso: França América. Este foi um dos pontos asquerosos de 1956. Autêntico caso de polícia, apesar do carimbo de «Boa Qualidade» do Serviço de Censura, organismo do Departamento Federal de Segurança Pública...

«Magia Verde» teve momentos de beleza — principalmente os filmados nos Andes bolivianos. De um modo geral, o Brasil foi visto

superficialmente pelos italianos. E uma narração de mau gosto prejudicou o produto final. Os títulos contam grande parte da história de nosso cinema nos últimos 12 meses: «Com Água na Bôca!», «O Bôca de Ouro», «Fuzileiro do Amor», «O Feijão é Nosso», «Genival é de Morte!», «Papai Fanfarrão», «Tira a mão daí!», «Vamos com Calma»... Como

«Sai de Baixo!», são títulos que recomendam distância ao espectador. O grupo de 17 comédias (quase todas musicais ou semi) fica completo com «A Pensão da D. Stela», «Agosto, 13, Sexta-feira» (inesperado «abacaxi» gaúcho), «Colégio de Broto», «Depois eu Conto», «O Golpe», «O Grande Pintor», «Quem Matou Anabela?». Só este último, graças à classe ou simpatia de alguns atores e aos recursos materiais escapou ao pior nível.

As outras nove estréias: «O Grande Desconhecido» (documentário de viagem), e os dramas ou dramalhões «Não Matarás», «Armas da Vingança», «O Gigante de Pedra», «Leonora dos Sete Mares», «A Estrada», «O Sobrado», «Rio, 40 Graus», «A Lei do Sertão». Houve algumas qualidades esparsas em «Leonora dos Sete Mares» e «O Gigante de Pedra», dirigidos respectivamente por Carlos Hugo Christensen e Walter Hugo Khoury. O primeiro com grande orçamento e elenco internacional. O segundo praticamente em condições de cinema amador. Khoury é um jovem seriamente interessado em cinema e vai dirigir este ano «O Estranho Encontro», com a admirável Lola Brah, — que não teve em «A Pensão da D. Stela» a oportunidade que 1956 lhe devia. Os três mais interessantes foram «A Estrada», «Rio, 40 Graus» e «O Sobrado».

«A ESTRADA»

O grande ausente do cinema caboclo é o argumentista. Também primam pela ausência

o cenarizador (o homem que escreve as cenas, isto é, traduz o argumento em termos de cinema) e o dialoguista. «O Cangaceiro», «Sinhá Moça», «Floradas na Serra», «Caçara», «Amei um Bicheiro», «Na Senda do Crime» — todos foram filmes de interesse (maior ou menor) apesar da história.

«A Estrada» confirma parcialmente as qualidades de Osvaldo Sampaio como diretor, mas o desclassifica de imediato como argumentista. O filme é interessante apesar do argumento. Aparentemente inspirado nas obras néo-realistas italianas, mas eivado de vícios que o néo-realismo veio abolir — a começar por certa morbidez que parece transcrita (mal) de «O Salário do Medo».

«O SOBRADO»

«O Sobrado», que Walter George Durst adaptou de uma parte do romance «O Tempo e o Vento», de Érico Veríssimo, e dirigiu em colaboração com Cassiano Gabus Mendes, foi um trabalho de pequeno fôlego cinematográfico, porém interessante como experiência de produção. Realizado com orçamento modesto e elenco da TV-Tupi de São Paulo, teve extraordinário sucesso nos cinemas paulistas. O lançamento simultâneo em 32 salas reembolsou o custo.

Gabus Mendes e Durst fizeram um trabalho digno, sóbrio, de narrativa e interpretação homogêneas. Ficaram com um crédito de confiança junto à crítica.

★ Os 27 filmes brasileiros de longa metragem apresentados no Rio em 1956 (inclusive os realizados aberta ou ocultamente em co-produção com estrangeiros) formam um conjunto melancólico e deixam poucas esperanças. Nossos «melhores»:

FILME: «A Estrada», Mayra Filmes, São Paulo. Realizado em 1955, só teve lançamento em 1956.

DIRETOR: Osvaldo Sampaio, também responsável pelo argumento e cenarização.

ARGUMENTO: Nenhum digno de destaque.

CENARIZAÇÃO: Idem.

FOTOGRAFIA: Nigel C. Huke, diretor de fotografia de «A Estrada». O operador foi Ronald Taylor.

MÚSICA: Cláudio Santoro, «A Estrada».

MONTAGEM: Lúcio Braum e Mauro Alice, «A Estrada». Supervisão de Oswald Haffenrichter.

CENOGRAFIA: Houve interessantes soluções técnicas dentro do problema dos pequenos orçamentos, mas a face autêntica do Brasil só foi vista nos cenários naturais habilmente explorados em «Rio, 40 Graus».

ATOR: Pagano Sobrinho, «A Estrada».

ATRIZ: Glauce Rocha, «Rio, 40 Graus».

ATOR COADJUVANTE: São igualmente comoventes e admiráveis os «moleques» de «Rio, 40 Graus». Não os conhecendo, contrariamos a praxe e citamos aqui os principais: Haroldo de Oliveira, Edson Vitoriano, Nilton Apolinário e José Carlos Araújo.

ATRIZ COADJUVANTE: Arinda Serafim, a «negra doente» de «Rio, 40 Graus».



GLAUCÉ ROCHA perdeu inexplicavelmente para Anilza Leoni («Com Água na Bôca!») os Cr\$ 50 mil de «interpretação feminina» no Festival do Distrito. Foi a melhor atriz do ano: sua doméstica seduzida pelo fuzileiro (Roberto Batalin) é personagem que poderia figurar nos melhores filmes néo-realistas italianos. Dando a medida de sua inteligência, os produtores a colocaram em «O Noivo da Girafa», comédia de Mazzaropi ainda inédita.



NELSON PEREIRA DOS SANTOS, obscuro assistente de direção, teve sua carreira garantida pela interdição policial de «Rio, 40 Graus». O filme ganhou um dos prêmios especiais «para jovens autores de filmes» no festival (comunista) de Karlovy Vary, Tchecoslováquia, e Cr\$ 300 mil em prêmios no Festival do Distrito Federal, 200 mil pela «melhor produção», 50 mil pela «melhor direção» (Nelson) e 50 mil pela «melhor história» (também Nelson). Jecê Valadão levou outros 50 mil como «melhor ator».



Pagano Sobrinho (à direita), de origem radiofônica, sagrou-se melhor ator do ano com a humanidade e a contida emoção que emprestou ao motorista Donato, em «A Estrada». A realização de Osvaldo Sampaio foi a mais equilibrada e cinematográfica. Miro Cerni (à esquerda) esteve muito artificial. Agnes Fontoura, a estrêla, é uma promessa considerável.

«RIO, 40 GRAUS»

A interdição policial, a curiosidade e justa indignação conseqüentes, o mecanismo de propaganda dos comunistas e «progressistas», além de fatores menores, como a merecida popularidade do samba de Zé-Keti («A Voz do Morro»), fizeram o cartaz de «Rio, 40 Graus». O público não gostou — e com razão. Revimos há pouco «Rio, 40 Graus». Continuamos com a opinião que manifestamos por ocasião da estréia:

★ «O panfletário antecedeu o cineasta na realização de Nelson Pereira dos Santos. Infelizmente, frustrando as esperanças dos que acreditavam num cinema nacional de geração espontânea, êle deu ao filme uma estrutura de papel-jornal, feita de mensagens esparsas. Com tal estrutura, «Rio, 40 Graus» não consegue tomar pé por períodos maiores de cinco minutos e muito menos afirmar-se como obra realista. E' claro que o simples registro em cenários autênticos, com intérpretes não-profissionais andrajosos, narrando **casos dolorosos da cidade**, não é realismo. Do contrário, «O Canto do Mar» seria obra de

arte e nossos cine-jornais sôbre a seca teriam um lugar nas antologias».

★ «O processo narrativo — o mesmo de «Domingo de Verão», de Luciano Emmer — é difícilimo, pois não existe propriamente uma história. Em sua maioria, os episódios são efêmeros, reunindo dezenas de personagens em um caleidoscópio humano de constante variação. Tal processo exigia: 1) sinceridade absoluta, de modo que as personagens fôssem aceitas e assimiladas prontamente pelo espectador; 2) técnica perfeita, para evitar confusão e arritmia. Em última instância, a valorização poética das miríades de fragmentos poderia salvar o filme. Mas Nelson Pereira dos Santos não atende a nenhuma dessas exigências, é sectário na seleção do material narrativo, tènicamente imberbe, e cai no sentimentalismo quando procura agarrar a poesia».

★ «As qualidades do filme derivam apenas da habilidade **documentária** do diretor, principalmente quando aplicada às figuras do morro. Os pequenos vendedores de amendoins são os melhores atores e também os portadores do protesto mais eloqüente do fil-

me, enegrecendo impertinentemente com sua miséria e sua teimosia de viver os pontos **coquettes** da cidade».

Não conhecemos nada mais significativo sôbre o «caso **Rio, 40 Graus**» — sucesso pela auréola de mártir —, do que as reações contraditórias de um amigo jornalista, esclarecido e sensível em relação ao cinema. Após uma das inúmeras sessões clandestinas promovidas em tom de protesto social, disse-nos: «O filme é uma beleza, uma revelação como «Roma, Cidade Aberta!». Depois da liberação, ao revê-lo em sessão comercial: «Que droga! Que falsidade! Que mau gosto!».

Mas é preciso não misturar os que são contra «Rio, 40 Graus» porque acham incômoda a presença dos garotos do morro em sua confortável Copacabana, e os que (nosso caso) apenas não aceitam o sectarismo na pintura dos contrastes sociais. O filme é de uma frustração quase total, mas a experiência é importante. Há imagens que transcendem os recalques sociais de Nelson Pereira dos Santos e explodem na tela como uma violência que pode abrir caminhos autênticos para o cinema brasileiro no cipoal de interesses mesquinhos dos aventureiros «oito por um».

♦ A Escola Jockey Club Brasileiro encerrou mais um ano letivo. Naquele recanto maravilhoso do Hipódromo da Gávea, onde o Jockey Club Brasileiro instalou o seu educandário modelo, sem sombra de dúvida o melhor Jardim de Infância e a melhor Escola Primária do Distrito Federal, uma encantadora festa foi realizada. Dos 602 filhos de empregados do Jockey Club que freqüentaram a admirável instituição em 1956, 32 terminaram o curso e receberam seus diplomas, 56 fizeram a Primeira Comunhão, pontos culminantes das festividades que tiveram início com uma missa gratulatória na Matriz da Gávea. Seguiu-se, na sede da escola, a entrega de diplomas e prêmios, estes conferidos aos alunos que mais se distinguiram e constantes de medalhas e livros. Após a solenidade, efetuada no amplo auditório da escola, repleto de famílias dos alunos, foi servido farto lanche no restaurante. A tarde foi encenada, no mesmo auditório, que possui magnífico teatro e cinema, a peça «Pedrinho descobre o Brasil», desempenhada por sessenta alunos de ambos os sexos, o que constitui um regalo para a petizada, pois a referida peça foi escrita especialmente para crianças, em linguagem ao alcance da inteligência infantil.

A linda festa foi prestigiada pela presença do dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, dos diretores drs. Paulo Burlamaqui de Mello, supervisor do ensino na sociedade, Álvaro Carijó e Victor Bouças, tendo também comparecido numerosos jornalistas. A Escola Jockey Club Brasileiro, onde os filhos dos profissionais do turfe recebem gratuitamente completa educação pré-primária e primária, assistência médica e dentária, roupa, calçado, material escolar e alimentação farta e sadia, terminou, assim, mais uma jornada de trabalho, exemplar atividade em prol do ensino na Capital da República.



Após a comunhão, os alunos da Escola Jockey Club Brasileiro posam em companhia do presidente dr. Mário de Azevedo Ribeiro, os diretores Álvaro Carijó, Paulo Burlamaqui e Gonçalves Penna, e jornalista Mantredo Liberal.

O JOCKEY CLUB BRASILEIRO E O ENSINO



O dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, tendo ao lado o dr. Paulo Burlamaqui, supervisor da Escola Jockey Club Brasileiro, entrega prêmio e diploma a um aluno laureado.



Alunos da Escola Jockey Club Brasileiro fecharam as festividades de encerramento do ano letivo com uma interessante parte teatral, da qual a fotografia acima ilustra uma das passagens.



Eisenhower assustou o mundo com a possibilidade do governo dos EE.UU. cair nas mãos do reacionaríssimo Nixon. Mas agora os seus médicos informam que já está em plena forma e que não há perigo de recaída.

O CORONEL NASSER PERDEU O SEU IMPÉRIO INGLATERRA E FRANÇA UNIDAS NA DERROTA EISENHOWER CONSEGUIU AUTONOMIA DE VÔO A RÚSSIA COM MÊDO DO PERIGO COMUNISTA

ESTADOS UNIDOS & EISENHOWER

◆ O ano de 1956 veio provar que o Presidente Eisenhower pensa melhor quando faz de conta que o secretário de Estado Foster Dulles não existe. No caso da visita do Presidente Sukarno, da Indonésia, aos Estados Unidos, por exemplo. Ike fez uma declaração aos jornalistas, defendendo a posição dos países neutros. Essa declaração não deve ter agradado muito a Dulles que tem a mania de exigir alianças militares a todo mundo. O pior é que Ike nem se lembrou de consultar Dulles, antes de dizer o que pensava.

Eisenhower pregou um susto ao mundo inteiro quando adoeceu em junho, ameaçando a humanidade com a presença do vice-Presidente Richard Nixon na Casa Branca. Seu restabelecimento, porém, foi completo, segundo afirmam médicos republicanos e democratas. A vitória fulminante de Eisenhower sobre Adlai Stevenson deve-se não apenas ao período de prosperidade que os Estados Unidos atravessam como, especialmente, à confiança que inspira como líder militar. As crises de Suez e da Hungria foram os grandes eleitores de Eisenhower.

A vitória não foi do Partido Republicano, agora minoritário no Congresso. O povo americano optou pela velha fórmula Truman: um Congresso democrata... com Eisenhower.

Por uma dessas coincidências salvadoras, o secretário Dulles estava muito doente quando se desencadeou a crise de novembro. Eisenhower, em pessoa, comandou a política internacional americana, ditando telegramas urgentes a chefes de Estado e intimidando a Inglaterra e a França a recuar no caso do Suez.

Dulles, que cometeu a cingada de recusar o financiamento americano para a barragem de Assuan e que, no caso de Chipre, conseguiu desa-

gradar a gregos e turcos, perdeu a chefia efetiva da política internacional dos Estados Unidos.

Eisenhower, depois de entender-se com Nehru, preparou um plano de paz e decidiu-se a negociar, diretamente, com a Rússia. Em 1957, pretende visitar alguns países asiáticos, pagando as visitas de Nehru e Sukarno. E procurará, em definitivo, a solução para as relações dos Estados Unidos com a China de Mao-Tsé-Tung.

Eisenhower, com a sua vitória esmagadora não apenas sobre Stevenson mas, também, sobre o Partido Republicano, ficou, praticamente, sem compromissos políticos sérios, a não ser com o povo. Ganhou autonomia de vôo. Se souber agir, poderá livrar-se, suavemente, de pesos mortos como Dulles e outros. Eisenhower, hoje, é senhor e dono do Partido Republicano. E, terá de entrar em acôrdo com o alto-comando do Partido Democrata. Para início de conversa, o presidente norte-americano tem, agora, possibilidades de restabelecer a política bipartidária, no campo internacional.

Os últimos acontecimentos deram ao presidente norte-americano autoridade para ser ouvido não apenas pelas nações do Ocidente como pelas que compõem o bloco afro-asiático e que, sob a liderança moral de Nehru, possui um terço dos votos na assembléia da ONU. Aos democratas de todo o mundo cabe rezar para que Eisenhower tenha uma saúde de ferro. Deus nos livre de Mister Nixon! Quanto à América Latina, já era tempo de Eisenhower acabar com essa política do bom sócio («good partner») que adota, como axioma básico, a velha regra — o bom bocado não é para quem faz e, sim, para quem come.

A FRANÇA E A AFRICA

◆ Em junho de 1956, Pierre Mendes-France demitiu-se do cargo de ministro sem pasta do gabinete Guy Mollet, escrevendo uma carta ao chefe do governo francês em que criticava, severamente, a política adotada com relação à Argélia. O ex-primeiro ministro aceitara o pôsto para prestigiar o seu amigo socialista que prometia uma solução justa para o problema da África do Norte. Em sua carta, porém, Mendes-France afirmava que Mollet, em vez de procurar uma solução para o caso da Argélia, estava cedendo às imposições dos colonos franceses naquele país. Na Argélia, onde há um milhão de franceses e oito milhões de muçulmanos, a França viu-se obrigada a empregar um exército de mais de 300 mil homens para controlar dois terços do território. Os erros po-

líticos de Mollet agravaram a situação de que Nasser, chefe do governo egípcio, procurou se aproveitar, financiando rebeldes e fornecendo-lhes apoio de propaganda. Acossada por Nasser e vendo os seus interesses prejudicados pela nacionalização do canal de Suez, a França arrastou a Inglaterra para o ataque ao Egito. A reaproximação anglo-francesa — verdadeiro restabelecimento da «Entente Cordiale» — abriu novas perspectivas para a união européia, mas o general De Gaulle, mais uma vez, avisou que tudo fará para evitar uma aliança com a Alemanha. A França continua sem uma solução política e até a idéia de Mendes-France — de um gabinete formado por ex-primeiros ministros, para a salvação nacional — demonstrou ser inviável.



56 foi um ano de muito trabalho para Nasser. Mas a colheita não correspondeu a tanto esforço.

◆ Em 1956, caíram por terra os sonhos de Gamal Abdel Nasser da formação de um império árabe sob a liderança do Egito. O chefe do governo egípcio saiu, da recente crise, com muito prestígio, no mundo árabe, mas sem força. Per-

◆ No dia 25 de fevereiro de 1956, Nikita Khrushchev, secretário geral do Partido Comunista da União Soviética, leu o famoso relatório em que acusou o falecido Josef Stalin de haver cometido os seguintes crimes:

1. Mandar assassinar S.M. Kirov, membro do Politburo, e liquidar os que cumpriram essa ordem.
2. Liquidar Kamenev, Zinoviev e outros velhos bolcheviques, depois de torturá-los para que confessassem crimes imaginários, em 1936.
3. Assassinar, no período de 1937-38, «muitos milhares» de comunistas, inclusive 98 dos 139 membros do Comitê Central do Partido.
4. Liquidar milhares de oficiais do Exército Soviético, a começar pelos líderes mais capazes, como o marechal Tukhachevsky, com o que prejudicou a eficiência bélica da Rússia.
5. Deportar minorias raciais e lingüísticas para os confins da Sibéria.
6. Ignorar avisos norte-americanos e ingleses de que Hitler invadiria a Rússia. Não dar ouvidos aos avisos enviados por agentes comunistas. Fugir, covardemente, diante do inimigo. Dirigir operações militares diante do globo terrestre. Suspeitar que Voroschilov fôsse espião inglês.

deu metade da sua força aérea, um terço da Marinha e um quinto do exército, nas operações contra as tropas de Israel, da França e da Grã-Bretanha.

A vitória definitiva da revolução egípcia — que, em tantos pontos, se parece com a de Kemal Atatürk, na Turquia — seria a construção da gigantesca barragem de Assuan, planejada para levar 10 anos e custar quase um bilhão e meio de dólares. Com a irrigação do vale do Nilo e a energia hidrelétrica, consolidar-se-ia a reforma agrária e se abriria caminho para a industrialização do Egito, que é um dos países de mais rápido crescimento populacional e mais baixo nível de vida.

Os entendimentos com os Estados Unidos, para o financiamento da obra andaram a passo de cágado, por culpa do secretário de Estado americano, John Foster Dulles. Nasser, então, decidiu namorar a Rússia para ver se convencia os Estados Unidos. O seu governo, que já havia comprado 200 milhões de dólares em armamentos, à Tchecoslováquia, passou a negociar com a Rumânia e a Rússia e reconheceu o governo da China. Mas Nasser foi longe demais, chegando a assinar um acordo secreto com a Rússia, embora tivesse sido advertido, em Brioni, na Iugoslávia, por Nehru e Tito, com os quais conferenciou.

Nasser passou à ofensiva anti-inglesa e anti-francesa no mundo árabe. No Cairo, abrigava o legendário Abdel-Krim e fornecia aos rebeldes da Argélia material bélico e de propaganda. A «Voz dos Árabes» pregava a guerra santa contra os europeus. As manobras de Nasser lhe deram o controle da Jordânia, onde o rei Hussein é um títere da Legião Árabe. Ibn-Saud, da Ará-

7. Fazer expurgos, sangrentos e periódicos no movimento comunista. Preparar, em 1953, uma liquidação em massa de membros do Politburo, inclusive Molotov e Mikoyan. (Não conseguiu levar a cabo o seu plano porque morreu, repentinamente).

Diante dos milhares de delegados do 20º Congresso do Partido Comunista, Khrushchev reconheceu a autenticidade do testamento de Lenine, que fôra contestada pelos stalinistas, até agora. Nesse documento, Lenine considerava Trotsky o mais hábil dos líderes comunistas e recomendava que não se desse o poder a Stalin, que classificou de brutal.

A «desestalinização» passou a ser feita, espalhafatosamente. Bolcheviques veteranos foram retirados de campos de concentração. Vítimas de Stalin foram reabilitadas, póstumamente. Algumas chegaram a ser condecoradas. O «culto da personalidade» tornou-se um pecado imperdoável.

Junho foi um mês decisivo para o mundo. Eisenhower foi atacado de ileítis e operado. Ao mesmo tempo, Tito visitava Moscou, recebia as maiores homenagens dos dirigentes russos e conferenciava com eles no salão do Conselho de Ministros, de onde fôra retirado, às pressas, o retrato de Stalin — para que o chefe do governo iugoslavo não se sentisse pouco à von-

NASSER E SUEZ

bia, apoiou Nasser financeiramente, com os «royalties» que recebe das companhias americanas que exploram o petróleo em seu país. Nasser atraiu a Líbia para a sua órbita e entendeu-se com o governo da Síria. Seus «fedayeen» levaram o terror às fronteiras do Estado de Israel.

O jogo era muito perigoso mas Nasser confiava no apoio da Rússia, que está muito interessada no Oriente Médio onde estão as maiores reservas de petróleo do mundo. Outro motivo de preocupação da Rússia é a base aérea americana em Dahram, na Arábia Saudita, cujos aviões podem, com facilidade, atingir as regiões industriais do Cáucaso e dos Urais.

Quando os Estados Unidos fecharam a porta às negociações, retirando a oferta de um empréstimo de 56 milhões de dólares para o início das obras de Assuan, Nasser preparou seu golpe de mestre — a nacionalização da companhia do Canal de Suez. E, depois de haverem as últimas forças inglesas deixado a zona do Canal, agiu. O malôgro das tentativas de se obter um controle internacional por intermédio de uma Associação de Utilizadores do Canal, causado pela cautela americana, convenceram a Inglaterra a embarcar na invasão do Egito.

A ação pronta da ONU impediu a guerra generalizada e abriu o caminho para uma solução internacional no controle de Suez. E, as operações aéreas anglo-francesas desbarataram a aviação egípcia. A derrota política, porém, foi de Eden e de Mollet. Nasser, politicamente, ganhou a parada. Israel, estrategicamente, foi o maior beneficiário da crise. Livrou-se, por algum tempo, ao menos, da ameaça de um ataque árabe.

A RÚSSIA E

tade. Foi por essa época que o Departamento de Estado norte-americano publicou o relatório Khrushchev, que havia sido conservado em sigilo.



Tito figurou no noticiário dos jornais neste ano que desapareceu, inclusive por ter ido a Rússia.

IMPÉRIO EM RETIRADA

♦ «Somos uma ilha que depende do seu comércio e dos seus interesses no ultramar. E' essencial que continuemos — mesmo a qualquer preço — na posse de certas posições fortificadas».

Estas palavras de Selwyn Lloyd, ministro do Exterior da Grã-Bretanha, definem a política de linca-pé que o governo Eden adotou, em 1956, e que produziu resultados tão desastrosos.

Lloyd referia-se, diretamente, aos casos de Chipre, de Singapura e de Aden. A política em Chipre foi a de uma luta armada contra os rebeldes, semelhante à que os franceses travam na Argélia. Aos atos de terrorismo dos cipriotas que defendem a união com a Grécia, os ingleses responderam com enforcamento. O arcebispo Makarios foi exilado, por ser o líder espiritual e político da revolta. A mais recente proposta inglesa para Chipre foi a da divisão da ilha entre a maioria grega e a minoria turca. Dividir, para reinar.

Em Singapura, todo mundo quer a retirada dos ingleses. Para isso, uniram-se os nacionalistas, os comunistas, os conservadores, os socialistas, os liberais. O ministro-chefe, David Marshall, mestiço de inglês com malaio, exigiu um novo «status» para os estabelecimentos da península. Também interessado na retirada dos ingleses está o governo da vizinha Indonésia.

Em Aden também há um movimento forte para a retirada dos ingleses, estimulado pelo rei Ibn-Saud, da Arábia Saudita. Em Ceilão, o primeiro ministro Bandaranaike exigiu que os ingleses deixassem a base de Trincomalee. Foi a Londres para conseguir isso e voltou vitorioso.

O «DEGÊLO»

pelo governo russo. E, para o espanto dos comunistas de todo o mundo, o governo russo não desmentiu a autenticidade do documento.



Kruschev bate palmas, provavelmente entusiasmado com a «destalinização» que ele promoveu.

Em Malta, há outro movimento forte contra a Inglaterra. A base naval de Gibraltar é reclamada pela Espanha. A Jordânia por influência de Gamal Abdel-Nasser, chefe do governo do Egito, expulsou o comandante inglês da Legião Árabe, Glubb Paxá. Enquanto o Canadá cada vez mais se aproxima dos Estados Unidos, a Inglaterra vê como é difícil manter a África do Sul dentro da «Commonwealth» contra a vontade dos nacionalistas (racistas) «boers».

A linha vital do império britânico está se desfazendo. O golpe mais duro foi a nacionalização do Canal de Suez, empreendida por Nasser num momento em que a Inglaterra só possuía estoques de petróleo para um mês. Foi por isso que o governo Eden, que não gosta de presidir à liquidação do império, aceitou participar do ataque ao Egito, que Israel planejava e a França estimulava. O resultado foi o que se viu. Sem o apoio dos Estados Unidos, ameaçada pela União Soviética, a Grã-Bretanha viu-se obrigada a bater em retirada, levando a França de reboque. Eden adoeceu e foi para a Jamaica, deixando a Lloyd, a Butler e a Macmillan a tarefa de recuar. A oposição trabalhista não perdeu a oportunidade e, pela voz de Aneurin Bevan, verberou o ataque ao Egito. E, em toda a Inglaterra começou o racionamento da gasolina.

Mas, nem tudo são espinhos. Em 1956, a Inglaterra decidiu-se pelo mercado europeu. Foi um passo importante para a futura unificação da Europa, sonhada por Churchill e, também, pelos socialistas. Deu autonomia à Nigéria, que passou a se chamar Ghana. Em meio à política do «qualquer preço» de Eden, a Inglaterra achou tempo para manter a tradição das retiradas ele-

Nos últimos dias de junho, veio a surpresa. Quando fazia três anos que os trabalhadores da Alemanha Oriental se haviam rebelado contra a dominação russa, 30 mil operários nas usinas metalúrgicas de Poznan, na Polónia, declararam-se em greve e fizeram manifestações de rua. Com a intervenção brutal de forças militares e de polícia, houve combates e distúrbios que duraram alguns dias.

Em fins de outubro, o movimento continuava, enquanto eram julgados os participantes do levante de Poznan, com a ascensão súbita de Wladislas Gomulka ao poder. Gomulka, acusado certa vez de ser o Tito da Polónia, lára afastado do governo por determinação de Stalin. Em reviravolta política que pegou de surpresa os dirigentes russos, voltou à liderança, prestigiado por todos os grupos políticos, apoiado pelo Partido Comunista, baseando-se no Exército Polonês e nas milícias armadas de trabalhadores. Krushev, em pessoa, tentou impedir a subida de Gomulka, sem resultado.

Dias depois, começava a agitação em Budapeste, capital da Hungria. O resto da história o mundo inteiro sabe. Até agora, a luta não acabou e a classe operária húngara é a espinha dorsal do movimento. Este ano de 1956 poderá, futuramente, ser conhecido como o ano da revolução na Hungria que, segundo Milovan



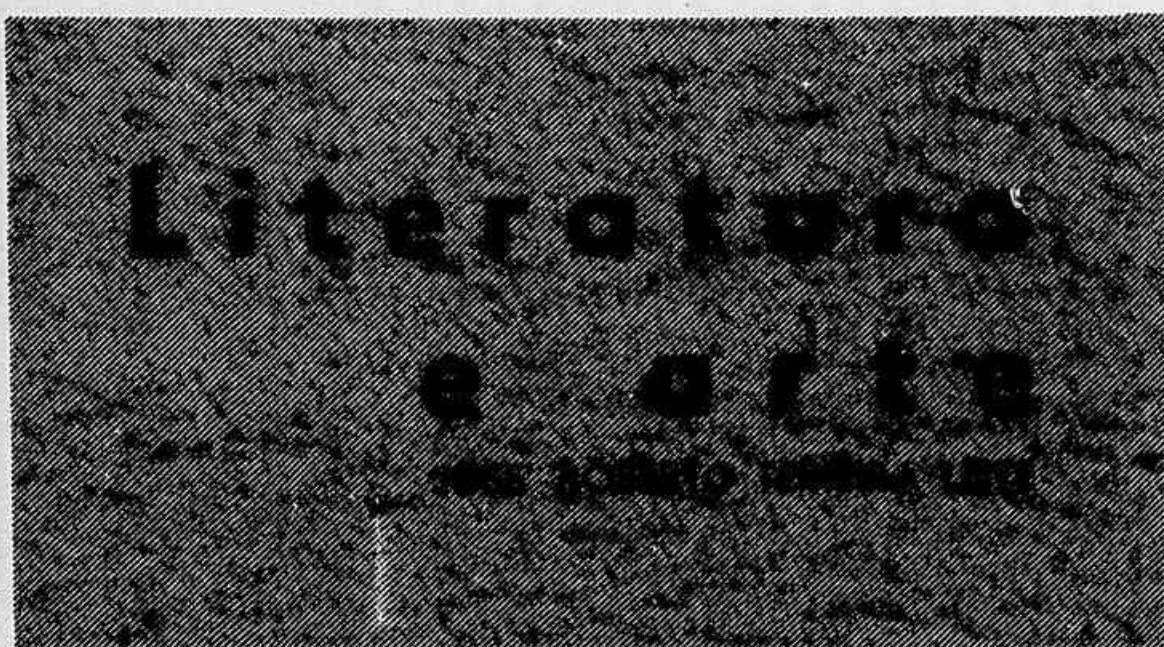
Há muito Eden não tinha um ano tão ruim. Sofreu críticas violentíssimas, e não está muito firme.

gantes. E, finalmente, a oposição trabalhista deu a público um folheto verdadeiramente revolucionário, chamado «Towards Equality», onde os socialistas ingleses defendem a economia mista.

Djilas (prêso por Tito por haver escrito isto) causou, ao comunismo, uma ferida que não pode mais sarar.

Os dirigentes russos tentaram, então, tapar o sol com uma peneira, fazendo uma intervenção diplomática agressiva no caso de Suez. Conseguiram, ainda, enganar, por pouco tempo, algumas nações do bloco afro-asiático. Nada mais. A gravidade da situação é tal que os dirigentes russos não tornaram públicas, imediatamente, as conclusões a que chegou o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, em sua reunião de fim de ano. E, esperam os resultados da consulta que fizeram a Mao-Tsé-Tung para saber o que devem fazer.

Os grandes movimentos contra a Rússia, dentro da Cortina de Ferro, desde a greve dos prisioneiros em Vorkuta até a sangrenta rebelião húngara, foram eminentemente populares. Na Alemanha Oriental, começou com uma greve de trabalhadores. Em Poznan, também. Em Varsóvia, o movimento que levou Gomulka ao poder caracterizou-se pela mobilização dos quadros operários do próprio partido comunista e pela ocupação das fábricas. Em Budapeste e por toda a Hungria, multiplicaram-se os «soviets» de trabalhadores contra a dominação russa. A União soviética ainda stalinista apesar da fachada, começa a ter medo do perigo comunista.



POESIA

Poema

*crio palavras para impelir o sangue
abrir as veias e alimentar os dias e seus cansaços
cavar a pele com carícias e nomes*

*sou agora um prisioneiro de sílabas e me devolvo
[às manhãs
esquivo a meu nome inauguro com os peixes o
[dorso áspero dos rios
com os pássaros invento um crepúsculo de chuvas
para alimentar sem violência a raiz dos dias
[amotinados*

*onde as gazelas traem sua virtude
libertando seus pêlos envelhecidos
ua mão pende melancólica*

*curvado sobre meu nome que é amargo
resisto às águas e seus heróicos disparos
crio uma estirpe de dor e de sossêgo
alimento palavras*

ARY XAVIER

LIVROS EM DESFILE

COTAÇÃO: — * ruim; ** medíocre;
*** regular; **** bom; ***** muito bom

EM TRADUÇÃO de E. Carrera Guerra acabam de aparecer, na bela coleção «Maldoror», os «Poemas», de Maïacowsky. Pena é que a tradução tenha sido feita de versão francesa, e não do original russo. O poeta Joaquim Cardozo, que domina o russo e é dotado da indispensável sensibilidade poética para realizar tal espécie de traduções, era, no nosso entender, a pessoa mais indicada para colocar Maïacowsky ao alcance do leitor brasileiro. O livro, em tiragem limitada, está adornado com ilustrações de Segalá, que foi também quem compôs e imprimiu em sua prensa «A Verônica» (Philobiblion, Rio de Janeiro, 1956).

ARI XAVIER, poeta mineiro que faz parte do grupo que tem por núcleo a revista «Complemento», acaba de ver publicada sua plaqueta de poesia «Fábrica de Solidão». Sua vocação para a poesia é indiscutível. Ari Xavier não estréia, como tantos jovens, repetindo os velhos poetas de 1922 ou 1930, mas busca uma expressão própria, nova, despida de chavões que são como que um câncer da poesia. Repare-se o início do poema XI: «Ser colhido pela noite como o fruto / é colhido pela cor / como o pássaro é colhido pelo ar». Quer-nos parecer que «Fábrica de Solidão» vem revelar um poeta (Plaquetas de Poesia, IV, Edições Complemento, Belo Horizonte, 1956. Ilustrações de Vicente Abreu. Sem indicação numérica das páginas. Cotação: ***).

ABEL PEREIRA é outro poeta que estréia. Chama-se, seu primeiro livro, «Colheita»: um grupo de «hai-kais» sem maior interesse. O poeta devia ter compreendido o que queria dizer Menotti del Picchia, ao externar sua opinião sobre o volume: «quem tem tão funda a intuição da poesia, por que se escraviza à prisão de uma forma»? Sendo que, de nossa parte, não surpreendemos, no presente livro de Abel Pereira, nem mesmo aquela intuição poética de que fala Menotti. (Organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1957. 147 páginas. Cotação: **).

NOTAS E INFORMAÇÕES



♦ ATÉ FINS do corrente mês, o Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, dirigido por Simeão Leal, deverá apresentar mais os seguintes «Cadernos de Cultura»: «A Formação Histórica de Minas Gerais», de Daniel de Carvalho; «A Gênese do Gato do Brasileiro», de Manoelito de Ornellas; «Sonetos com Dedicatória», de Alphonsus de Guimarães Filho; «Cinquenta Poemas Escolhidos», de Augusto Frederico Schmidt; e «Cinquenta Poemas Escolhidos», de Carlos Drummond de Andrade; «O Cajueiro Nordestino», de Mauro Mota.

♦ JOSUÉ DE CASTRO, cujos estudos «Geografia da Fome» e «Geopolítica da Fome» alcançaram grande repercussão, apresentará dentro em breve, por uma editora paulista, uma coletânea de contos ilustrados por Darel. Dizem que a ficção de Josué de Castro é bastante anêmica.

♦ AINDA DANDO o que falar o discurso de José Lins do Rêgo, na Academia de Letras, negando valor literário a seu antecessor na ca-

deira, Ataúlfo Nápoles de Paiva. O diabo é que, entre nós brasileiros, não se soube ainda fazer distinção entre o bom sujeito, capaz de criar uma fundação destinada ao combate à tuberculose, e o literato sem qualquer expressão, cuja morte veio surpreender a muitos, justamente porque esses muitos não o imaginavam vivo. Agora: se José Lins devia ou não atacar Ataúlfo, ao mesmo tempo em que se aboletava em sua cadeira, é coisa diferente. O certo é que os dois Lins recentemente empossados na Aca-

demia — o Álvaro e o Zé do Rêgo — andam agitando bastante as sessões de chá da velha casa de Machado de Assis, hoje também um pouco de Assis Chateaubriand.

♦ A DIFUSÃO EUROPEIA do Livro promete para breve o lançamento dos seguintes livros: «Chéri», de Colette, em tradução de Maria de Lourdes Teixeira; «Les Roses de Septembre», o controvertido livro de André Maurois, em tradução portuguesa; inúmeros títulos da já conhecida coleção «Saber Atual», etc., etc.

♦ TAMBÉM INICITIVA da Difusão Européia do Livro é o «Concurso sobre História do Brasil», destinado a premiar com vinte mil cruzeiros, uma obra de caráter didático, versando sobre a História do Brasil, contendo no máximo cem páginas datilografadas em espaço dois. Os originais deverão ser remetidos até 30 de junho. A obra premiada, cujos direitos autorais passarão a pertencer à editora, será editada na coleção «Saber Atual».

A LUA VEM DA ÁSIA

de Campos de Carvalho

♦ DIANTE DA novela de Walter Campos de Carvalho (1), livro de estréia, que acabamos de ler de um jato, cheios de surpresa, ignoramos o que dizer. Porque êsse livro tanto se afasta de tantos e tantos outros de ficção aparecidos entre nós, em todos os tempos, que os critérios a êsses últimos adaptáveis, para verificação de seu valor artístico, certamente não poderão ser utilizados com relação a «A lua vem da Ásia». Impossível, por outro lado, deixar de evocar, após sua leitura, as figuras de um Lautréamont, de um Jheronimus Bosch, de um Callot — invocados respectivamente às páginas 89, 93 e 184 da novela — como de espíritos afins e fontes prováveis de Campos de Carvalho.

O enredo é facilmente resumível: um personagem escreve, na primeira pessoa, suas experiências num estranho hotel, que logo depois identifica como um campo de concentração, e que o leitor de saída adivinha tratar-se de um manicômio. Tem muitos companheiros, nesse hotel-campo-de-concentração-manicômio: um potentado hindu, de nome José, o «Príncipe Danilo», o ator grego Papanatas, Mr. Boss, o anarquista Hernandez, etc., etc. O delírio a todos permite o situar-se, num mesmo momento, em vários lugares e épocas — e assim é que vemos, vez por outra, o personagem central da novela a imaginar-se metido em fantásticas aventuras, ou o doutor Keith a visitar os mortos de um cemitério em Córdoba ou em Sevilha, etc. A lógica não existe, em «A Lua Vem da Ásia»: não confessa, logo na primeira linha do livro, o autor, que aos dezesseis anos matou seu professor dessa disciplina?

A alusão a uma possível influência dos «Chants de Maldoror» é inevitável; daqueles «Chants de Maldoror», através dos quais, no dizer de Leon Bloy (2) falava «... le plus déplorable, le plus déchirant des aliénés». Afinal, o que escreveu Ducasse foi toda uma longa série de episódios incongruentes, alguns, outros profundamente cheios de lógica, todos eivados de grande beleza poética. Nos textos de Lautréamont — como nas telas de Bosch — por mais aparentemente disparatadas que sejam as imagens — ou as figuras — é a razão quem comanda. E sentimos também, na prosa de Campos de Carvalho, a despeito da vertigem de alguns momentos, o domínio de uma poderosa razão, em revolta permanente contra Deus, o Estado, a Ordem estabelecida. Campos de Carvalho não acredita (ou não acreditava, à época em que escreveu a presente novela, pois uma nota em seguida à página final afirma que o autor deixou de ser solitário, para se tornar solidário) em Deus (e muito menos em seus ministros), no amor (significativo o episódio do enterro do desconhecido, com a filha e o sobrinho do morto namorando na cozinha, e a mulher ao lado de «um sujeito que (me) pareceu ser seu amante»), ou na Ordem: «Eu que sempre levei uma vida aventureira, modestia à parte, rindo-me de tudo e de todos sem pedir licença ao Papa nem ao Chefe de Polícia...» No fundo, Campos de Carvalho é um moralista; e prova disso é a epígrafe de Brunet que escolheu para sua novela: «Tout homme peut baïouer la cruauté et la stupidité de l'univers en faisant de sa vie propre un poème d'incohérence et d'absurdité». Foi o que fez Lautréamont, «être assez généreux pour aimer (ses) semblables»; foi o que fez Campos de Carvalho, nessa novela que, tanto pela originalidade como pela beleza de algumas páginas (impossível não realçar a trágica beleza do encontro do cadáver do afogado e sua venda posterior ao diretor da Faculdade de Medicina), vem a ser a nosso ver uma das melhores da nossa moderna ficção.

NOTAS:

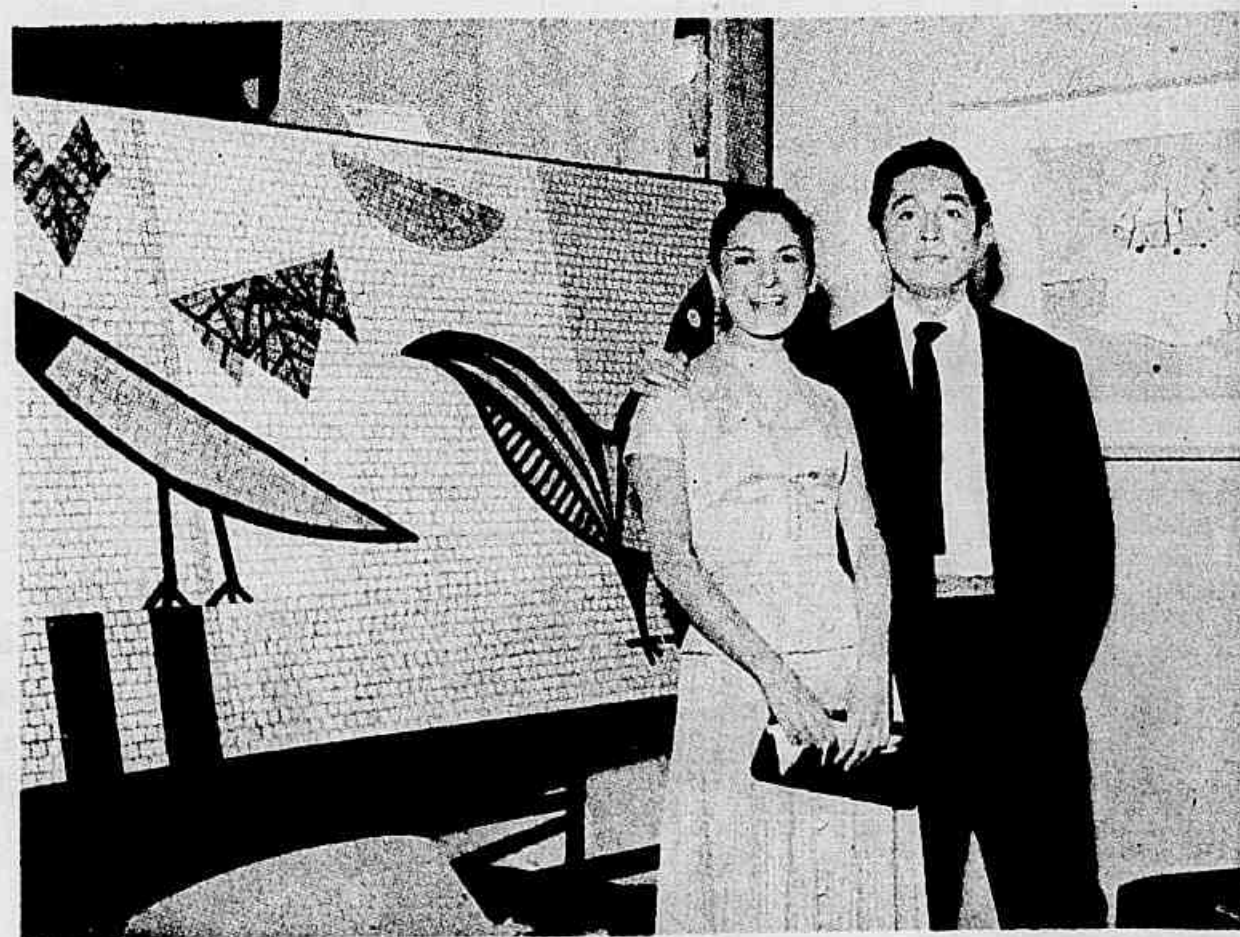
- (1) — Campos de Carvalho — «A Lua Vem da Ásia» — Novela. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1956. Capa de Poty. 191 pg.
- (2) — Citado no prefácio de L. Genonceaux à edição de 1890 dos «Chants de Maldoror», prefácio reproduzido em «Oeuvres Complètes» do Conde de Lautréamont, José Corti, Paris, 1953.

UM "RETRATO DE PORTINARI"

♦ NENHUM ARTISTA plástico brasileiro conseguiu a projeção alcançada pelo pintor Cândido Portinari. E prova de tal projeção, são justamente as encomendas que lhe chegaram e chegam do estrangeiro, as mostras cheias de êxito levadas a efeito em diversos países, e mais recentemente, os livros editados sobre sua obra, na Europa.

No Brasil, onde são escassos os livros sobre Arte, Portinari vem de merecer a homenagem de um livro valioso — êsse «Retrato de Portinari», executado por Antônio Callado, e pôsto à venda, no Museu de Arte Moderna — que o publicou —, há cerca de dez dias, com a presença do autor, do retratado, e de numeroso público. «Retrato de Portinari» — explica Antônio Callado num curto preâmbulo — não é livro técnico: visa apenas focalizar certos aspectos pouco conhecidos da vida do autor dos «Meninos de Brodowsky». É claro porém que o volume vez por outra contém agudas análises da obra portinariana, por outro lado relatando minuciosamente, o nascimento, o desenvolvimento e a plena realização da vocação pictórica de Portinari, num estilo atraente, sem rebuscamento, em traços breves e incisivos. Antônio Callado, que não é nem nunca desejou ser crítico de artes plásticas, realizou obra de mérito, que se lê como se se tratasse de um romance, tantos são os lances cheios de interesse nela contidos, desde a infância em Brodowsky, com o medo danado do menino Candinho pelo Diabo, até à glória atual.

Resta ressaltar a bela apresentação gráfica do livro, que vem ornado de inúmeras ilustrações — algumas feitas especialmente por Portinari para secundar a prosa de Callado —, e que vem inaugurar, em boa hora, a série de livros de arte que é de intenção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro lançar daqui por diante.



NA GALERIA Interiors, de São Paulo, o conhecido artista cearense Aldemir Martins, Prêmio Internacional de Desenho na última Bienal de Veneza, realizou em dezembro pequenina mostra de desenhos, doze peças ao todo, mas que despertaram as atenções do mundo artístico paulista. Na foto, flagrante da inauguração da exposição, vendo-se Aldemir ao lado da senhorita Bi Crisóstomo de Oliveira.





E' impressionante o equilibrio de cores conseguido pelos alunos de Ivan Serpa atualmente expondo no Museu de Arte Moderna.

NO MUSEU DE ARTE MODERNA, EXPOSIÇÃO INFANTIL

**"NÃO SÃO PINTORES; NÃO SÃO POETAS.
SÃO MENINOS, O QUE É MUITO MAIS DELICIOSO"**

NO MUSEU DE ARTE MODERNA, UMA EXPOSIÇÃO ONDE O MAIS VELHO PINTOR TEM 14 ANOS E O MAIS MOÇO QUATRO ★ CRIAR UMA MENTALIDADE CAPAZ DE COMPREENDER A ARTE É O QUE DESEJA O PROFESSOR IVAN SERPA ★ A HISTÓRIA DA MENINA QUE PINTAVA O PÃO DE AÇÚCAR

Texto de CARLOS LEMOS

Ektachromes de YLLEN KERR



Vejam a beleza dêste trabalho executado por um menino de 8 anos.

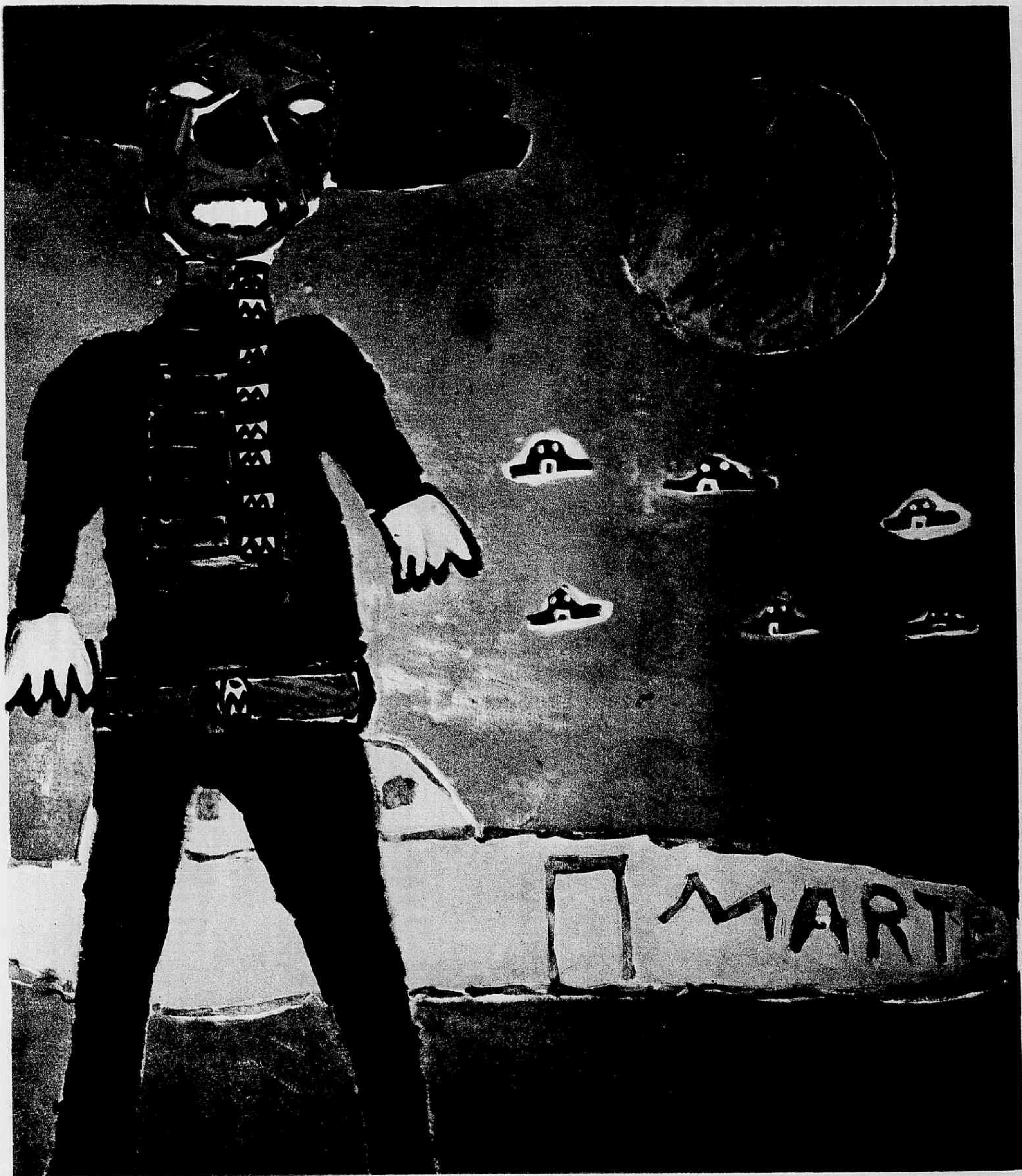


Outro, excepcional, atestando o desenvolvimento dos meninos do Ivan.

NO MUSEU DE ARTE MODERNA, EXPOSIÇÃO INFANTIL



Vejam a beleza do fundo, e o efeito conseguido pelo pintor.



Esse é talvez o melhor trabalho de toda a exposição.

— "É fácil e não dá trabalho" — é a resposta que Cecy Mendes Gonçalves dá a quem lhe perguntar se é difícil pintar um quadro. Cecy tem três quadros em

exposição no Museu de Arte Moderna. Tem sete anos.

São 45 crianças, alunos de Ivan Serpa,

que fazem sua mostra. Alguns estreantes, outros não. Os mais moços têm quatro anos. O mais velho 14. Para todos, a maior dificuldade, como informa o pro-

NO MUSEU DE ARTE MODERNA, EXPOSIÇÃO INFANTIL

— "Cada boneco esboçado por uma criança no mundo inaugura um novo mundo dentro do existente, e não há filosofias ou psicologias pragmatistas que logrem reduzir a esquemas fixos os processos criadores e renovadores da infância, tornando-os simples reações à provocação de influxos externos".

Os quadros variam de cores alegres a tristes. É, talvez, o retrato de um estado de espírito.

Ivan Serpa é quem conta a história da menina que pintava, todo dia, o Pão de Açúcar. Um dia, pintou um mais bonito que os anteriores e o professor fez a observação: "Este está muito bonito".

— "Eu sei disso" — foi a resposta.

Nunca mais a menina pintou Pão de Açúcar. Encontrara a sua perfeição.

Entre os expositores figura um quadro de Regina Maria Pereira do Carmo, menina índia, criada por uma família carioca. Quando começou, seus quadros tinham motivos de sua vida anterior. Agora, mudou muito, mas a formação da figura é diferente das demais.

Maria Ignez Mendes Gonçalves, de oito anos, tem um quadro representando uma mulher numa "selva" florida.

— "É tia Arlete (embaixatriz Décio Moura) — informa. Ela pediu para pintar seu retrato e botei na floresta, cheia de flores, porque el aé muito bonita".

Ivan Serpa tem 320 alunos. Um deles é seu filho. Desde 1947 que vem ensinando as crianças a pintar. Até hoje, só um, depois de crescido, continuou na arte. Diz que isso é natural, pois sua intenção não é criar pintores e, sim, criar na nova geração uma mentalidade para a arte, capaz de fazer com que, amanhã, já homem quando olhar um quadro, saiba apreciá-lo e senti-lo.

Vale a pena ir ver a exposição de crianças no Museu de Arte Moderna. Yllen Kerr, com suas fotos, dá uma idéia do que seja.

fessor, "é o esmagamento da vida moderna".

Dêles, diz Carlos Drumond de Andrade, no folheto de apresentação:

"Não são pintores, não são poetas este meninos: são meninos, o que é muito mais misterioso, por absurdo que pareça — e também muito mais delicioso."

Nenhum menino tem escola definida. E é ainda o poeta quem diz:

A exposição vem conseguindo um sucesso sem precedentes em mostras desse tipo.

ENERGIA ELÉTRICA

A SUA MELHOR COMPRA

Pense no número de vezes que V. utiliza a energia elétrica, diariamente, no seu lar, avalie o tempo que você ganha, considere os serviços que recebe, e calcule quanto vale tudo isso...



Você verá que, dentre tôdas as compras que faz, a de energia elétrica é a mais vantajosa.

A ELETRICIDADE FOI A MERCADORIA QUE MENOS SUBIU DE PREÇO NOS ÚLTIMOS ANOS.



AS TARIFAS DE ENERGIA ELÉTRICA DO RIO DE JANEIRO
SE SITUAM ENTRE AS MAIS BAIXAS DO MUNDO.

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL



NAO E' UM LOTAÇÃO. NAO. SENHORES

◆ Este caminhão (salvo por milagre) não é carioca. Estava andando por uma rua de Chicago, quando aconteceu o desastre. Perdeu a direção e foi sobre a amurada, ficando pendente sobre um abismo. Dizem as notícias (e a foto o mostra) que mais da metade do caminhão ficou pendurada. O motorista, único passageiro do caminhão, quando viu as coisas mal paradas saltou pelo outro lado.

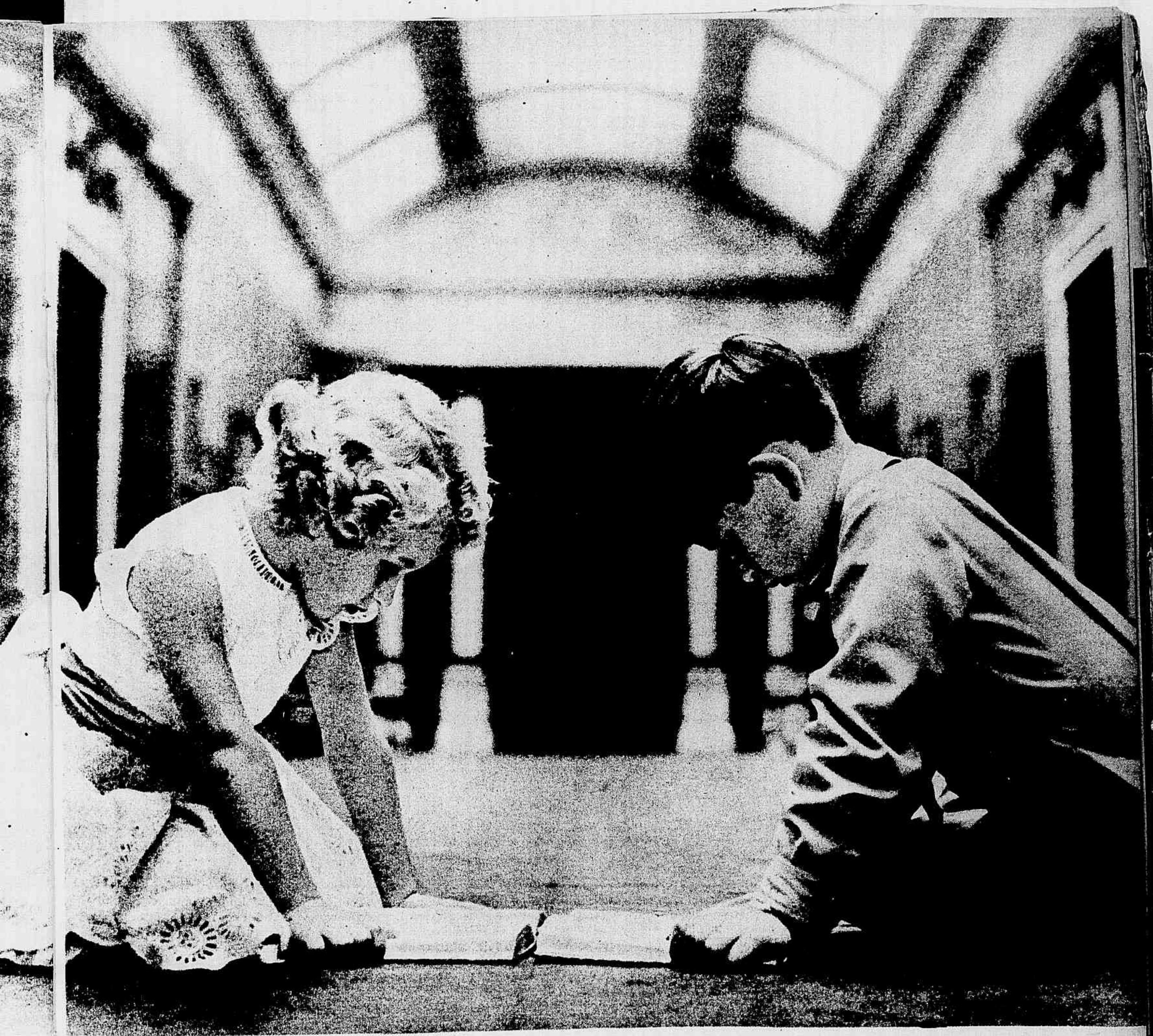
POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



MULHER: PERDIÇÃO DO MARIDO

◆ Herbert Yates foi destituído da direção da Companhia cinematográfica Republic, por uma assembleia de acionistas. Acusação: Yates causou enormes prejuízos à companhia (quase levando-a à falência) na tentativa de transformar sua mulher (Vera Halston) numa grande estrela. Vera fez 20 filmes na Republic, dos quais 18 se transformaram em grandes fracassos de bilheteria. Vera Halston tem 31 anos e Herbert Yates 72. Na foto: Vera Halston e o marido.



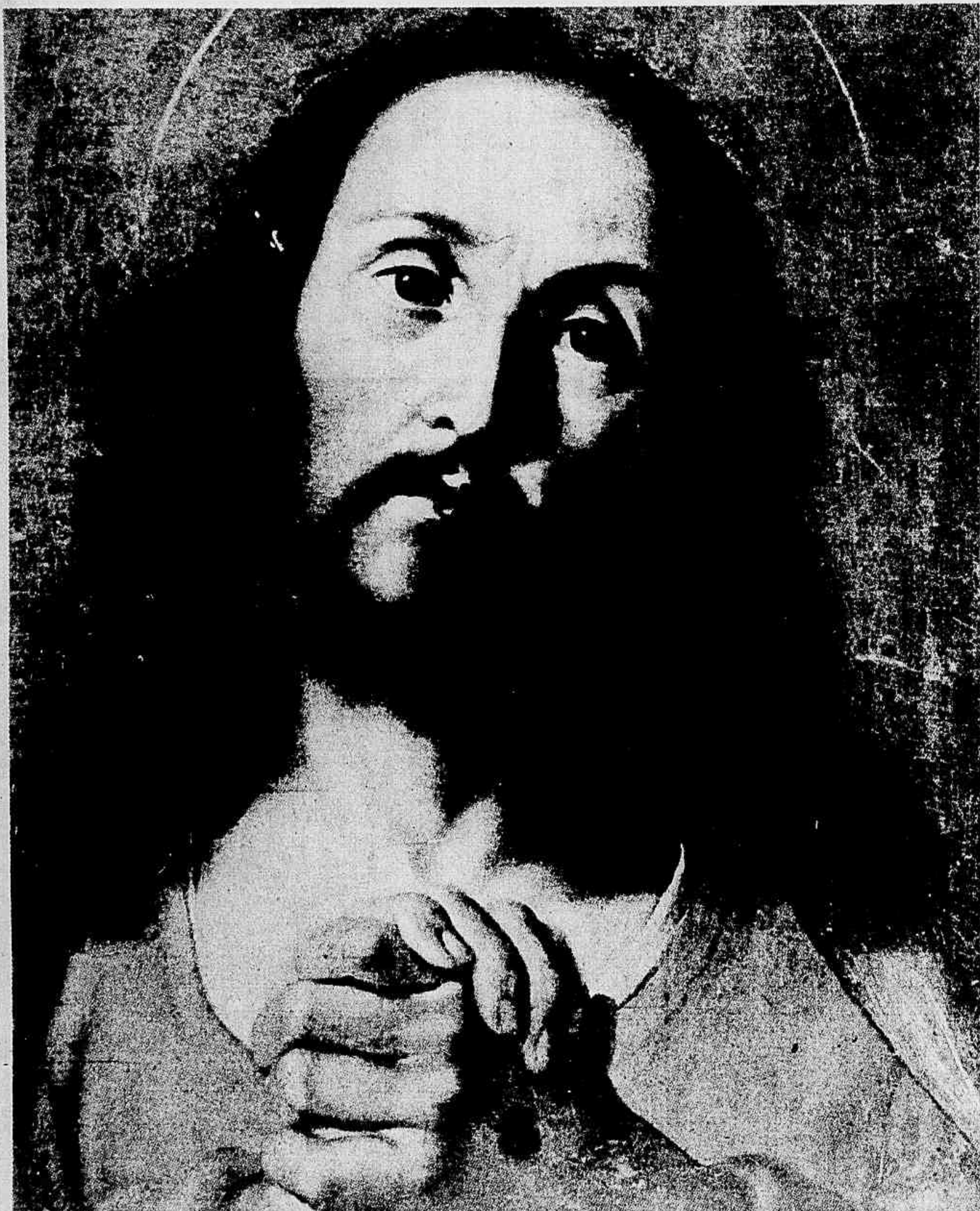


OS PRINCIPES HUMILDES

◆ Anne e seu irmão Carlos, filhos da Rainha Elizabeth, aparecem nesta foto como outras crianças da mesma idade. A única diferença são as formidáveis salas do Palácio de Buckingham onde eles quase se perdem. Com um ar compenetrado, olham velhas gravuras, no esplêndido museu do palácio. Segundo informações dos professores, o príncipe Carlos é mais dedicado aos estudos do que a princesa Anne. Esta gosta mais das aulas ao ar livre e dos esportes.

O HOMEM FORTE DE 70 ANOS

◆ Este homem que é hoje um dos mais importantes do mundo, se chama Ben Gurion, tem 70 anos e foi quem começou o ataque contra o Egito. É o homem forte de Israel, e há tempos declarou: «Serei o primeiro Presidente do Estado de Israel». E foi mesmo. Tem os cabelos (desalinhados), brancos quase cor de seda, as faces bastante rosadas, e é chamado de o «profeta do deserto». Fala nove línguas, mas costuma dizer que antes de morrer ainda tem que aprender mais umas 5 ou 6. Nasceu na Polônia, viveu em Varsóvia, estudou na escola hebraica ortodoxa, mas desde 1906 vive na Palestina.



DESCOBERTO UM CRISTO DE CARAVAGGIO

♦ Grande interesse em todos os círculos artísticos está provocando a descoberta (na cidade do Cabo) de uma tela atribuída a Caravaggio e representando a cabeça de Cristo. O quadro está na Galeria da cidade do Cabo, e se supõe que o quadro tenha sido roubado da Itália durante a ocupação alemã. A obra parece ser um estudo de Caravaggio, sucessivamente retocado por vários artistas, que ignoravam estar trabalhando sobre uma tela do mestre famoso.



O INESGOTÁVEL ARTUR RUBINSTEIN

♦ O nosso muito conhecido Artur Rubinstein, numa volta ao mundo tocando piano, chegou a Itália. Numa entrevista à imprensa, Rubinstein declarou: «Espero poder voltar rápido à minha Polónia libertada, e tocar para meu povo». Esta é a última foto do famoso e aplaudido pianista.

POR ESSE MUNDO DE DEUS

O MUNDO EXPLODIRÁ POR ESTES LADOS?

Estes são os homens fortes de 4 países que preocupam o mundo todo, neste início do ano de 1957.



LÍBANO — Camile Chamoun, Presidente da República. Deportado pelos turcos. Eleito deputado em 1934. Ministro várias vezes. Embaixador na ONU e Inglaterra.



IRAQUE — S. M. Faissal II, soberano de um país dinâmico e rico em petróleo. Suas tropas entraram na Jordânia para protegê-la. Não é assim que fazem todos?



SÍRIA — Choukry Kouatly, Presidente da República. Rompeu com Paris e Londres e arrancou de Moscou uma promessa de proteção. As suas tropas têm grande disposição.



JORDÂNIA — S.M. Hussein, foi elevado em Londres ao posto de comandante em chefe dos exércitos de seu país. Inquieta e assusta seus vizinhos, notadamente Israel e Síria.



O REDIVIVO FOSTER DULLES

♦ Restabelecido de uma operação perigosíssima (estava com o intestino perfurado) Foster Dulles volta à atividade. A operação durou 3 horas e meia, e uma comunicação oficial do Departamento de Estado diz que Dulles está completamente fora de perigo e magnificamente bem disposto.



UMA JORNALISTA AUDACIOSA

♦ A jovem (22 anos) jornalista francesa, Brigitte Friang, foi a única mulher a fazer a «cobertura» dos acontecimentos de Suez. Brigitte lançou-se de pára-quedas para acompanhar as operações e poder informar com detalhes os seus leitores franceses.



FRANÇOISE SAGAN NO CINEMA

♦ Vai ser filmado o famoso livro de Françoise Sagan «Bonjour tristesse». A autora (foto) dá uns retoques na gravata de Bernard Teheran que será o personagem principal do filme. Bernard é ator da Comédie Française. O filme começará a ser rodado dentro de dois meses, e já há curiosidade muito grande em torno dele.

GLORIA SWANSON ASSISTE A UM FILME (SEU) DE 1929

♦ Gloria Swanson voltou ao ambiente cinematográfico. Há pouco assistiu a estréia do filme de Marilyn, «Nunca fui Santa». E agora numa sessão especialíssima viu um filme seu de 1929, «Queen Kelly», dirigido por Eric Von Stroheim. Na foto Gloria aparece com a mulher de Eric, que acaba de lhe ofertar um livro do marido, intitulado: «Poto Poto».



SOPRANO ITALIANO NO METROPOLITAN

♦ A famosa soprano Belen Amparan embarcou na Itália (num navio) diretamente para os EE.UU. Vai cumprir um contrato fabuloso que assinou com o Metropolitan de Nova York. O contrato tem a duração de 6 meses e poderá ser prorrogado.



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada
com o uso desse maravilhoso
produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira
do couro cabeludo; esta, com
uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente
perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso
postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50 — Por Vale Postal Cr\$ 113,00

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1202



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba,
Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião,
Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Ave-
nida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa
Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do
Rio e São Paulo.

SEM COMPROMISSO

Judy Garland chegou à Itália, onde fará um novo filme. A pro-
dução será franco-italiana.

★

O príncipe Pedro, pai de Rainier de Mônaco, vai casar com Au-
drey Emery, recentemente divorciada. O sogro de Grace Kelly
tem 67 anos.

★

Diana Dors (a Marilyn inglesa) há pouco divorciada, vai casar
novamente. Seu próximo marido: o ator americano Rod Steiger.

★

Winston Churchill, desmentiu com veemência que estivesse doen-
te ou precisando de uma operação. Churchill que comemorou re-
centemente os seus 82 anos, mandou renovar o estoque dos seus
fortíssimos charutos.

★

Alec Guinness, o famoso ator inglês, foi recebido pelo Papa.
Guinness que se converteu recentemente ao catolicismo, ficou
emocionado.

★

Peter Townsend, em continuação à sua volta ao mundo de au-
tomóvel, chegou a Stambul. Já longe da cidade, Townsend des-
cobriu que uma jornalista turca estava escondida no carro. Parou,
deixou-a na estrada e seguiu viagem tranquilamente.

★

Ava Gardner parece que está realmente apaixonada pelo ator
italiano Walter Chiari. Voltou a Turin há dias, exclusivamente para
encontrar seu novo amor. E ficou muito preocupada: ele não es-
tava no aeroporto à sua espera.

★

Foster Dulles já se recuperou completamente da terrível doen-
ça que o atacou. Comenta-se a sorte que teve, pois o mal que o
vitimou era de caráter benigno.

★

Vai ser instalada em Portugal a primeira estação de TV. O Mi-
nistério de Informações já baixou o código de ética que deve ser
observado pelas futuras estações televisoras portuguesas.

★

Mike Bongiorno, ídolo italiano (animador do «O Céu é o Li-
mite») da Itália, tem um defeito num joelho que o incomoda há
anos. Mas há pouco, na redação de um jornal, um mágico curou-o
(parece que definitivamente) com uns simples passes.

★

Inicia-se na Itália um movimento contra a volta de Ingrid Berg-
man ao cinema americano. A atriz sueca que é queridíssima na
Itália, vai ficar em situação (sentimental) difícil.



Flagrante colhido quando falava o engenheiro Adolfo Aguiar, cujo discurso foi muito aplaudido pela assistência que felicitou na oportunidade.

OITO ANOS DE LUTAS E ÊXITOS

INAUGURADA PELO PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL A POLÍCIA RODOVIÁRIA DO DER-DF

◆ Pela Lei 305, foi criado a 20 de dezembro de 1948 o Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura, com a finalidade de servir à população do Distrito Federal, dentro das suas múltiplas e complexas atribuições, e colaborar, na medida do possível, na obra gigantesca a que se dedica o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Completando pois 8 anos de existência o D. E. R. no dia 20 de dezembro do ano lindo, quis o seu Diretor comemorar o acontecimento com um programa de solenidades expressivas, que puderam atestar o grau de eficiência e desenvolvimento já atingidos por este utilíssimo e indispensável departamento do Serviço Público Municipal.

Após a missa em ação de graças oficiada no templo da Candelária na manhã do dia 20 de dezembro, teve lugar na rede do D. E. R. à Praça Pio X, a solenidade principal que contou com a presença do embaixador Negrão de Lima, do dr. Adolfo Aguiar, Diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, do dr. Edmundo Régins Bittencourt, Diretor do D. N. E. R.,

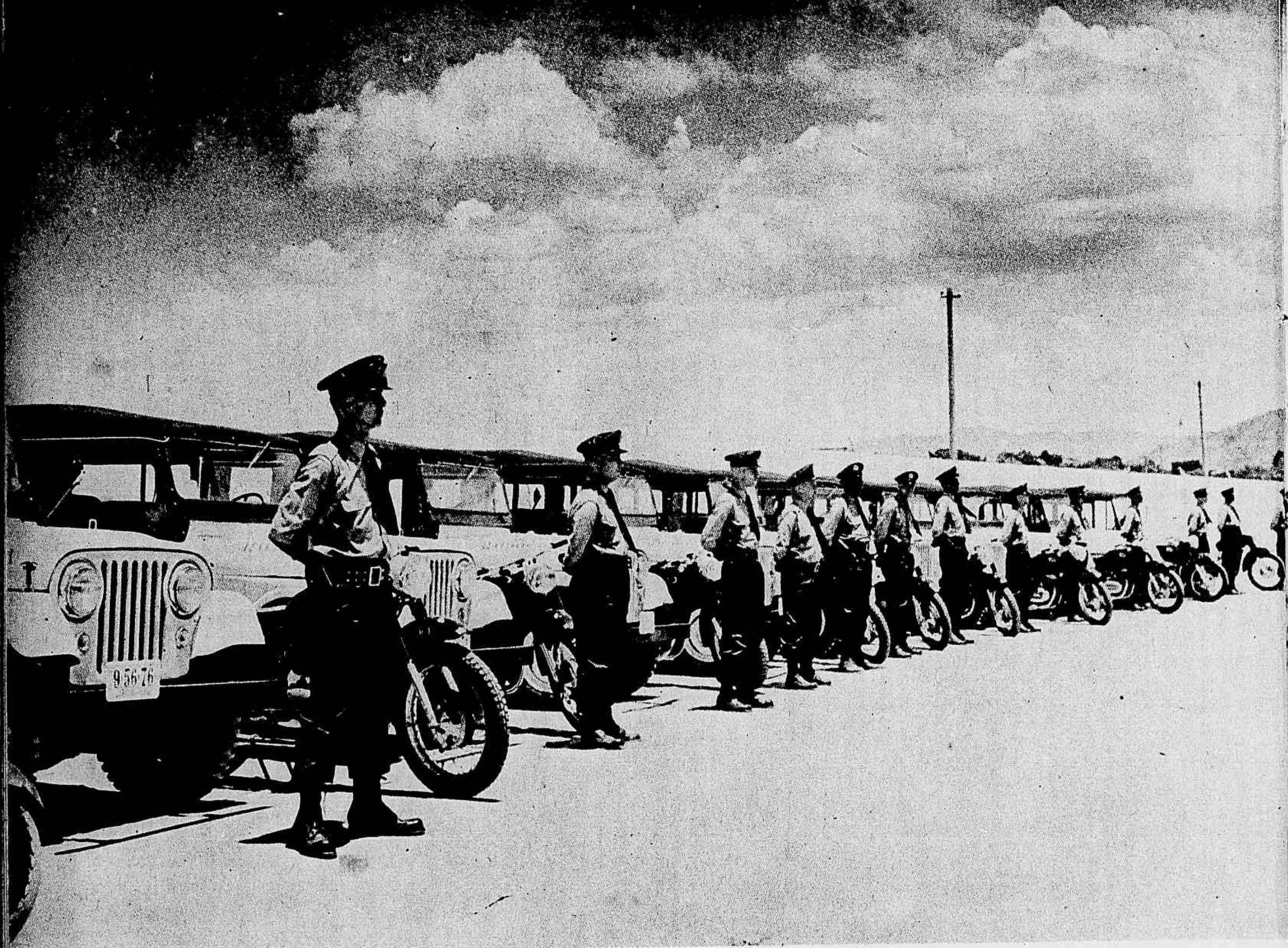
do Presidente e diversos membros da Câmara Municipal, do dr. Pires Amarante, Diretor do Conselho Rodoviário Nacional, do dr. Geraldo Neiva, Assistente do Diretor do D.E.R., do corpo de engenheiros deste Departamento, funcionários, altas autoridades e representantes da imprensa, escrita, falada e televisivada.

Traduzindo o contentamento de todos os que se entregam com esforço e dedicação à obra que vem realizando o D.E.R., disse o Diretor Adolfo Aguiar ao iniciar o seu discurso:

«Estamos aqui, portanto, para comemorar, com justa alegria, o citivo aniversário deste Departamento cujos serviços prestados ao Distrito Federal e ao país, por si sós, falam eloquentemente acerca da oportunidade e necessidade de sua criação. Mais do que quaisquer palavras, os dados numéricos aí estão em demonstrações estatísticas, para significar o que foi e está sendo este Departamento, e, mais ainda, para signi-

ficar o que ele poderá ser de futuro. Os Algarismos, não têm sinônimos e, por isto, é insofismável e indiscutível a verdade que eles traduzem, sobretudo quando ela é facilmente comprovada pela simples observação dos fatos. Por isto, meus senhores, ao invés de enumerar fastidiosamente as múltiplas realizações do Departamento, prefiro, ao ensejo desta comemoração, apontar as causas que, no momento, concorrem para o êxito cada vez maior deste setor da administração municipal. Primeiramente, é de toda justiça apontar s. exa., o sr. Prefeito Negrão de Lima como grande estímulo e incentivo do Departamento de Estradas de Rodagem. Administrador experimentado e de larga visão, s. exa., ao aprovar o plano quinquenal de obras que tivemos a honra de lhe apresentar, fixou as diretrizes mestras de nosso trabalho a cuja obediência se deve atribuir o rendimento de nossos esforços.»

Mais adiante, o dr. Adolfo Aguiar declara que: «Outro inestimável apoio que nunca nos faltou foi o emanado da Egrégia Câmara Municipal na votação



Grupo de guardas da Polícia Rodoviária formado por ocasião da revista passada pelo prefeito do Distrito Federal em companhia do diretor do D.E.R. e outras autoridades.



O prefeito Negrão de Lima elogia a atuação das administrações anteriores, e dá justo relêvo à operosidade, à inteligência e ao espírito realizador do atual diretor do Departamento, engenheiro Adolfo Aguiar. Dentre outras pessoas destaca-se o dr. Regis Bittencourt, diretor do Departamento Nacional de Estrada de Rodagem, que na foto aparece ao lado do prefeito. À direita, o diretor Adolfo Aguiar falando no momento em que era inaugurada a Polícia Rodoviária do Distrito Federal, com a presença do prefeito Negrão de Lima.

POLÍCIA RODOVIÁRIA

das verbas indispensáveis a este Departamento. O do espírito público de nossos edis sempre os fez compreender o que este Departamento realiza a bem da população de nossa capital sobretudo no que se refere à sua colaboração para o escoamento fácil da produção rural que abastece a nossa metrópole. Por este decidido e integral amparo, os srs. Vereadores merecem, também, os melhores agradecimentos de quantos mourejam e se esforçam neste Departamento, procurando, tanto quanto eles, promover e assegurar o bem estar da coletividade, na esfera de suas atribuições. Há, porém, uma força a cuja atuação o sr. Prefeito, os srs. Vereadores e todos mais devemos tudo quanto o DER vem fazendo com tanto zelo e solicitude — é a extraordinária equipe de funcionários que se dedicam, desde o de maior graduação funcional até o mais simples e modesto trabalhador. Dir-se-ia que o rodoviarismo empolga e domina a todos eles, fazendo-os trabalhar com alegria e dedicação. O corpo de engenheiros e técnicos que o servem põe a serviço do Departamento todos os seus conhecimentos e a soma excepcional de suas aptidões, trabalhando com evidente entusiasmo no objetivo comum do aperfeiçoamento de suas especializações.» Antes de finalizar a sua aplaudida oração o dr. Adolfo Aguiar disse: «O critério administrativo do sr. Prefeito, inspirado em exemplos fecundos de outras unidades da Federação, e, o que é importante, pautado nas normas ditadas pelas inúmeras conferências das administrações rodoviárias em diferentes Estados do Brasil, ao mesmo tempo que atribui maior responsabilidade ao Departamento, lhe dá, em contra-prestação, o maior e mais decidido auxílio para o desempenho de suas funções.»

Prosseguindo o programa de comemorações do 8º aniversário do D.E.R., foi inaugurado pelo Prefeito do Distrito Federal o corpo de vigilância do Departamento de Estradas de Rodagem, composto de elementos capacitados para fiscalizar as estradas cariocas, fazendo-se cumprir as determinações das leis de trânsito, impedindo a devastação dos jardins que margeiam as rodovias, e a aposição de cartazes em lugares indevidos, bem como a construção de barracos, a improvisação de garagens, etc, que contribuem para o afeiamento de nossas principais estradas. Criado e organizado pelo Departamento de Estradas de Rodagem, a novel Polícia Rodoviária que inicialmente se compõe de 60 guardas, 10 «jeeps» e 10 motocicletas vem confirmar as excepcionais qualidades de administrador do dr. Adolfo Aguiar, o dinâmico e eficiente engenheiro que atualmente dirige o importante Departamento da Prefeitura do Distrito Federal. A inauguração da Polícia Rodoviária do DER-DF foi realizada no Distrito Rodoviário de Irajá pelo Prefeito Embaixador Negrão de Lima. No ato da solenidade falaram vários oradores sobre a importância do Serviço, destacando-se os discursos que na oportunidade foram pronunciados pelo dr. Adolfo Aguiar, Diretor do DER, e pelo Prefeito Negrão de Lima. A Polícia rodoviária obedece ao comando do sr. João Luis Barros de Carvalho.

A recém-fundada organização policial se compõe de 60 homens, escolhidos entre os funcionários do próprio DER, obedecendo a um rigoroso critério de seleção em que, a par da instrução em conta, considerou-se também a assiduidade ao trabalho, a fôlha de serviço e, sobretudo, a idoneidade moral dos servidores. Como declarou o dr. Adolfo de Aguiar, em o seu discurso, à Polícia Rodoviária, percorrendo as estradas cariocas várias vezes por dia, caberá tomar medidas preliminares em casos de acidentes, tratando de providenciar os socorros de urgência e fazendo com que o tráfego não fique obstruído, eis uma das numerosas utilidades da corporação.

No 3º D.R. realizou-se na mesma ocasião a festa do Natal do Filho do Trabalhador Rodoviário, quando foram distribuídos pela exma. sra. Ema Negrão de Lima brinquedos, roupas e gêneros alimentícios a milhares de crianças, filhos de trabalhadores do DER. Um dos servidores foi contemplado com um terreno, oferecido por uma casa comercial do Distrito Federal e sorteado na ocasião da distribuição de brindes.

Foi uma festa que teve agradável repercussão no seio das famílias dos homens simples e bons que dão anonimamente o melhor das suas energias na luta em que se empenham diariamente para a consecução dos altos objetivos do D.E.R., fechando com chave de ouro o programa comemorativo do 8º aniversário da criação de um dos Departamentos mais importantes da Prefeitura do Distrito Federal. Congratulando-nos no feliz evento com o ilustre e operoso dr. Adolfo Aguiar e seus eficientes colaboradores pela obra que vêm realizando no D.E.R., desejamos pôr em relevo a capacidade e a brilhante atuação do engenheiro Geraldo Neiva, incansável assistente do Diretor do Departamento de Estradas de Rodagem.



O embaixador Negrão de Lima, discursando no ato da inauguração da Polícia Rodoviária, destacou a organização desta corporação como um dos maiores serviços que o Departamento de Estrada de Rodagem vem prestando ao Distrito Federal.



Na ante-véspera do Natal, o D.E.R. fez farta distribuição de brinquedos aos filhos dos operários rodoviários, como parte das comemorações do seu 8º aniversário. Esta solenidade contou com



a presença da exma. sra. embaixatriz Negrão de Lima, do engenheiro Adolfo Aguiar e outras damas de destaque social, como se vê pelas gravuras acima.



A MOÇA DA SEMANA

Judy Clair, graciosa primeira bailarina de «Quem Comeu foi Pai Adão», revista de grande sucesso no Teatro Serrador, que teve na fobia biquinesca do Chefe da Censura um achado publicitário.

«Wonder-Bar», finalmente estreado, não passa de um boteco de preços altíssimos, onde se pretende falar e cantar tudo em inglês. Murilinho de Almeida vale pelo grotesco realmente engraçado de se meter na pele de um «cow-boy» e



ANA SLAVENSKA
Voz poderosa cantora de qualidade.

Sacha chega a ser interessante cantando ao piano, de monóculo e com o chapéu do prefeito. Cole Porter, que se projetara homenagear, merecia mais consideração. Embora oculto, sente-se, porém, em tudo o dedo mágico de Carlos Machado...

Com Geraldo Gamboa à frente da «Boite» do Pôsto Seis (ex-Carolina), tem-se como certa a volta do Clube da Ferradura.

«Maracangalha», sucesso indiscutível que ninguém se assuste se dominar o Carnaval, não elegeu Caymmi — como era de esperar — o melhor compositor de 56, por mistérios que fogem à prosaica espuma do nosso sabonete, descintado e descolorido, mas de eficiência comprovada.

Totalmente casados o ator Agildo Ribeiro e a notável caricata Consuelo Leandro, ambos do elen-

A VIAGEM MARAVILHOSA

◆ O convite veio apenas para a cantora e para o grande compositor, nomes ilustres da nossa música popular, para que não faltasse um certo cunho de brasilidade, já que a festa pretendia ser uma desvanecedora homenagem ao país do futuro, da qual todos nós, os indígenas, nos deveríamos sentir orgulhosos de tamanha honra. O grande compositor foi retirado da lista por força de uma intervenção cirúrgica, mas a cantora não se fez de rogada. Apenas, cônica de sua responsabilidade artística, exigiu que com ela seguissem três ritmistas, a fim de evitar a costumeira deturpação do nosso samba, embora por aqui mesmo bolerizado. Lá fora, não! Os ritmistas — excelentes por sinal — trabalhavam num «show» e o pedido de cessão, como de direito, foi encaminhado ao empresário com os clássicos apelos do sentimento patriótico. O empresário compreendeu perfeitamente o alcance da iniciativa e, também patriota, não se negou a colaborar cedendo por alguns dias os seus contratados, desde que a sua augusta presença como a de sua digníssima consorte também se fizessem sentir na grande festa que levaria aos píncaros da glória o nome destes brasils amados, idolatrados, salve, salve! Deferida a pretensão — justíssima, aliás — aconteceu o mesmo fenômeno da marchinha carnavalesca. O cordão começou a aumentar cada vez mais... De uma comitiva que seria de meia dúzia de artistas, passou para algumas dezenas de agregados, penetras de alto coturno, farejadores de situações fáceis e outros espécimes parasitários. Houve também políticos e grã-finos aconteceram devidamente, completando a nossa luzida embaixada artística. Moças de há muito afastadas das atividades artísticas, belas entretanto, foram convocadas às carreiras para aquilo que a insigne senhora Araci de Almeida costuma chamar de «bêca livre». Um melífluo rapaz transformado em cantor teve a sua mala enorme feita vedeta de grande reportagem. Tudo porém, com uma finalidade altruística, qual seja a propagação do nome da brasílea terra no estrangeiro, tantas vezes confundida como um departamento portenho. Os nossos brios patrióticos reagiram logo no interior do avião festivo com profusa distribuição de legítimo requieirão nortista, aos pedacinhos e paternalmente colocados na bôca dos passageiros por ilustre personalidade política. A festa em si foi um sucesso estrondoso! Nada faltou, inclusive os nossos tradicionais trajés de rumbeiras nos corpos esculturais das moças bonitas e uma imitação muito interessante de Frankie Laine cantando a inefável «Jezebel». Era a consagração dos nossos méritos artísticos! A moça cantora e convidada única de fato teve muito que lutar para que o seu nome não fosse relegado a plano inferior como desejavam as «vedetas» do espetáculo. E, acostumada que estava com o leite de alto teor gorduroso de sua terra, não suportou a queda brusca das calorias, tendo que se submeter a dieta especial, o que lhe valeu uma conta de quatrocentos e vinte dólares no hotel, paga com o seu rico dinheirinho, ela, a convidada! Nada, porém, de grande importância. O nome pátrio acima de tudo, valendo todos os sacrifícios. O êxito social também foi compensador. Tanto que várias componentes do «show», de regresso, imediatamente tomaram professor de inglês, para a manutenção de uma boa correspondência tão essencial à melhor compreensão entre os povos. Afora tudo isso, ainda há que se atentar para os resultados econômico-financeiros que fatalmente advirão. Quatro dezenas de passaportes aí estão e é bem possível que o preço dos aparelhos de televisão baixem no mercado. Basta tão somente que as autoridades aduaneiras compreendam as altas finalidades da viagem maravilhosa...

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

co de Zilco Ribeiro, em andanças pelo interior paulista. Casamento no duro, como nos bons tempos da augusta «grand-mother».

◆ «Em «S. Exa. a Vedete», minuto a minuto se faz sentir em cena a presença de Virgínia Lane, seja pessoalmente, seja na «fala» dos artistas. Só dá mesmo S. Exa.

◆ A nova «boite» a ser inaugurada na rua Carvalho Mendonça, em Copacabana, deverá contar com a boa «crooner» Ana Slavenska e meia dúzia de músicos do «Drink», inclusive o pianista Zé Maria.

◆ Causa sensação nos estúdios cinematográficos da «Flama» o aparato que precede a vedeta Neyde Landi, há pouco surgida, quando lá comparece para fazer uma pontinha do filme «Samba na Vila».

Andando, falando e trejeitando como a Marilyn Monroe, a moça já às sete da manhã transcende a «Miss Dior», o que é uma falha imperdoável. A sra. Arthur Miller, moça, usa, para dormir «Chanel nº 5»...



WONDER-BAR
Marina Marcel, bailarina portenha, canta em inglês.



MAGALY CUNHA
TV-Para Crer.

NOITE PAULISTA

*** Depois do chatêrrimo e supercosmetizado Gregório Barrios, a «boite» Oásis preparando-se inaugurar Georgia Brown, a inglesinha, sem maiores reboados, que esteve no Copa cantando vestida de «jardineira». *** Inauguração festiva da nova «Baiuca», «boite», bar e restaurante.

*** Caco Velho e toda a sua bossa, com passagens parisienses, no «Del Val». *** Rosinha Lorcal muito feliz com o seu carro-chefe para o próximo carnaval: a marchinha «O meu boi espalha-metá». Esse boi deve ser jogador de futebol... *** Be-tinho e seu conjunto fazendo mais alegres as noites do «Studium» do Jaraguá.

*** O afastamento de Rui Cavalcanti não interrompeu a carreira de «TV-Para Crer» no Teatro de Alumínio, atravessando semanas. *** A boa música de Moacir Peixoto e seu Quarteto no Captain's Bar do Commodoro e Helen Merrill na «boite» Lord (já baixou o teto?), antes de vir para o Copa. Só.

ARI BARROSO — compositor — responde
PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

"DESISTI DE DISPUTAR O PÁREO CARNAVALES- NAVALESCO PORQUE SOU MATUNGO!"

Pão — Que é teleco-teco?

Queijo — É uma prerrogativa do samba autêntico. Onde não houver teleco-teco, não há samba.

Pão — E essa história de «samba melódico»?

Queijo — Isto é lá com a «Comissão da Radiolândia».

Pão — Haroldo Barbosa afirma ter surgido uma nova doutrina musical inventada por Lúcio Rangel, a que ele, Haroldo, batizou de «pixin-guismo»; você sabe disso?

Queijo — Ainda não tomei conhecimento dessa doutrina.

Pão — E coqueiro dá côco?

Queijo — «Coqueiro que dá côco», assim sem mais aquela, é besteira; no corpo de um verso, porém, quer dizer muitas coisas. Segredos da poesia...

Pão — Por que você desistiu de disputar o páreo carnavalesco?

Queijo — Porque sou «matungo»!

Pão — Você faz parte da República Independente do Villariño?

Queijo — Sim, senhor!

Pão — É verdade que você está reorganizando a sua orquestra para nova excursão?

Queijo — Absolutamente certo. Primeira etapa: Nova York!

Pão — O Flamengo «perdeu» o tetra ou o Vasco «ganhou» o campeonato?

Queijo — O Flamengo «perdeu» o tetra. É lógico!...

Pão — A intervenção cirúrgica a que você se submeteu diminuiu a sua capacidade de sorver um bom «scotch»?

Queijo — Creio que não. Em todo caso, é bom consultar o dr. Darci Monteiro.

Pão — Quanto já lhe rendeu «Aquarela do Brasil»?

Queijo — Os Vitale deve saber melhor do que eu. Não são eles os donos da música?

Pão — Você faz muita questão de ser busto em Ubá?

Queijo — Não.

Pão — Qual a «boite» de sua predileção?

Queijo — Atualmente, nenhuma. Não sou milionário nem ganho dinheiro fácil.

Pão — Por que você desistiu de ser cronista de vida noturna?

Queijo — Muito trabalho e muita chateação.

Pão — Qual o melhor «papo» da noite?

Queijo — Todos os meus amigos são ótimos «papos».

Pão — Por que você está afastado há tanto tempo das atividades teatrais?

Queijo — Eu continuarei onde sempre estive. O teatro é que se afastou de mim. E fôz muito bem. Antes só que mal acompanhado.

Pão — Quem foi o introdutor do sambolero no Brasil?

Queijo — Pergunte ao Antônio Maria...

Pão — E, para finalizar, quem sabe, sabe?

Queijo — As vezes... não!

Antologia de frases célebres

Da publicidade da Cia Virginia Lane:
— «... e 10 sensacionais vedetinhas que cantam, dançam e FALAM».

— ... e fecham os olhos e dizem «mamãe»...

D. Renault contando a atividade de uma «artista» componente do «show» do Nick-brócoli Ball: — «Nem mesmo sua bagagem fôra retirada do aeroporto (uma televisão e uma «high-fidelity») e a loura já estava com o pé na capital mineira».

— Eis, assim, os primeiros frutos econômico-financeiros da viagem maravilhosa...

Eco aos quadros notívagos vigentes: «Mister Eco é o maior dos baianos vivos circulando nas madrugadas cariocas».

— Exageraaaaaaado!...

A ARARA TOPOU



... a feijoada sabatina da «boite» Fiesta, sob as ordens do «maitre» Costa, quando se pode encontrar toda a boa frequência do finado Vogue. Com cruzeiros e mais trinta de «couverts» é o gabari mínimo bastante razoável em se tratando de uma casa de luxo.

O consultório sentimental de Carlos Renato e Leda (lindinha) Rau, cronista a quatro mãos, respondendo a uma consulente que «acha lua-de-mel com fome muito sem graça»: — «A lua-de-mel se basta a si mesma. É lua-de-mel e pronto. Até no inferno seria uma delícia indescritível».

— Cuidado moça! Quando o estômago começa a insistir mais que o carrilhão da Mesbla, não há mel que não azede.

Do excelente baiano Heitor Moniz... — baianos por baianos sejam compreendidos... — exultante com o retorno de Mister

A ARARA CHUTOU

e o fêz indignadíssimo, quem teve a infeliz idéia de retirar todas as placas do teatrinho Follies, deixando somente a de Virginia Lane. Virginia, boa artista e de merecido cartaz, certamente não teme uma concorrência, por assim dizer, emplatada. Ou será que, a exemplo das viaturas, pretendem cobrar taxa de emplatamento neste Ano Novo?





REGINA DECIDIU SER "MISS" E ACABOU SENDO...

QUANDO A BELA PAULISTA
RESOLVE OBTER UMA COISA,
NINGUÉM CONSEGUE CONVEN-
CÊ-LA DO CONTRÁRIO — QUAN-
DO A FÔRÇA DE VONTADE VEN-
CE... AJUDADA PELOS DOTES
FÍSICOS... — SÃO PAULO BRI-
LHOU EM PERNAMBUCO

Reportagem de **HÉLIO POLITO LOPES**

● Poucos sabem que Regina Maura Vieira foi duas vezes candidata ao título de "Miss São Paulo". A primeira vez em 1955, classificando-se em honroso 2º lugar e finalmente em 1956, quando voltou para casa com a coroa de majestade da beleza bandeirante. Regina Maura, que é realmente muito simpática e possui uma plástica que faz arrancar suspiros, certamente raciocinou com os seus botões que os jurados poderiam errar uma vez, porém duas seria inteiramente impossível... E exatamente assim aconteceu, pois a tivemos o ano passado concorrendo ao lado de Maria José Cardoso, tendo sido a vice "mais bela do Brasil". Regina Maura tem uma vida social intensíssima. Raro o fim de semana que não esteja visitando

uma cidade qualquer, atendendo aos convites que chegam de toda a parte. Atua em programas de rádio e televisão, e recebe diariamente presentes de dezenas de fãs. Lembro-me bem do seu sucesso em Pernambuco, em cuja Capital, esteve juntamente com outras "misses", a convite do Clube Internacional do Recife. Quando chegou na passarela, desfilando de maiô, o clube todo, quase que veio abaixo. Mas isso não constitui novidade, por que Regina é um sucesso em qualquer parte. Sobre esta paulista, bonita de fato, muito teria o que dizer. Mas quando se fala de Regina Maura Vieira, muito melhor é ficar calado, olhando-a, ou em último caso, vendo as suas fotografias...



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA "DE FRANCO"
Rua General Osório 724 — São Paulo

LEIAM

REVISTA DA SEMANA

7 CRUZEIROS

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-
HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº
NOME Nº
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,00

FALANDO AO LEITOR

No número passado comecemos um equívoco ao fazer uma legenda para a foto da belíssima senhorita Gilda Leraud. Dissemos que ela foi namorada de um colunista, o que (infelizmente para ele) não é verdade. Ela tem vários «hobbies» e ocupações, mas entre eles não se conta o de namorar colunistas. Mil perdões. Mas os leitores é que



saíram ganhando com o engano pois puderam apreciar a beleza e a simpatia da jovem Gilda Leraud (na foto ao lado).

O sr. José Antônio Cerqueira, quer saber se o cemitério S. João Batista vai acabar e onde vão ser enterrados os mortos da zona sul. Diz que leu uma entrevista do ministro Lafaiete de Andrada e que ficou assustado. A entrevista que o sr. leu (publicada no «Radical» e na «Última Hora») é verdadeira. O cemitério S. João Batista vai acabar mas a Prefeitura não tem dinheiro para construir outro. É outro problema terrível para o prefeito solucionar. Já não basta a falta d'água, a sujeira, a ausência de transportes, etc.

O mineiro Lúcio Moraes quer saber se o batalhão brasileiro embarca ou não embarca para Suez. Embarca, sr. Moraes. A demora prende-se apenas a questões técnicas.

Fomos nós, sim, sr. Miguel de Azevedo, que publicamos o desafio do vereador Cotrim Neto ao sr. Pereira Braga. Também não acreditamos que o inexpugnável sr. Braga, dê água à cidade em qualquer época. Estamos atentos. E no dia aprazado estaremos para cobrar-lhe o compromisso assumido. Se conseguirmos descobrir também as forças misteriosas que sustentam o ineficiente sr. Braga no Departamento de Águas, não hesitaremos em denunciá-las.

O sr. Alcides Carvalho pergunta se sabemos de uma reportagem a sair em um semanário, contando histórias de suborno e corrupção no futebol carioca. Sabemos que há suborno e corrupção no futebol carioca, sr. Alcides. Mas não sabemos nada sobre a reportagem. Se possuíssemos dados e documentos, nós é que publicaríamos essa reportagem.

O sr. Armando Cavalcante de Faria elogia muito a reportagem sobre as «10 mulheres mais bonitas do Brasil» e diz: «só em ler essa reportagem tive a impressão de conhecer essas senhoras há muito tempo». Pergunta também de quem são as «belíssimas fotos». Yllen Kerr, e muito obrigado, sr. Armando pelas referências.



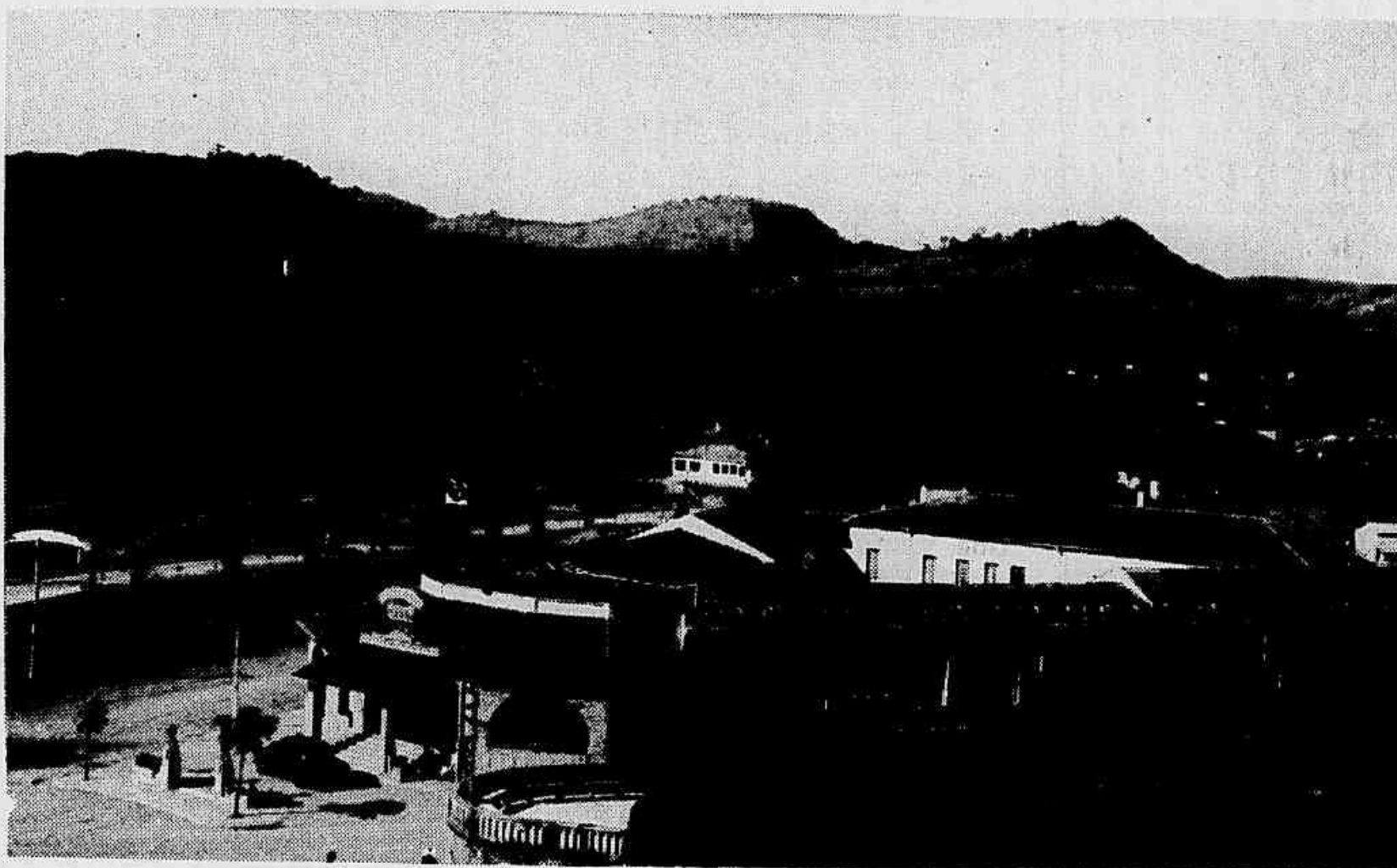
UM BRINDE AO SEU PALADAR!



PRODUTOS GARANTIDOS PELA

Red Indian G.A.

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

◆ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num esconcho de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DADIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Águas da Prata, Est. S. Paulo ◆ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

1956 ANO VELHACO

♦ Ele já foi, mas deixou esse ranço. Não falaremos de nós mesmos, nem mal de muitos, mas sem um faturamento pela ordem, vamos fazer da memória uma arma e lembrar o que aconteceu. De bom mesmo nada a assinalar a não ser essas coisas que os microfones fabricam. Uma leva de artistas foi aos Estados Unidos numa confusão forjada pelo sr. Machado. Marlene marcou pontos e dizem que Leny Eversong também. O resto foi um «banzo aiê» dos diabos, uma boa e barata farra de desocupados. O samba perambulou por aquelas bandas e duas esquinas além do Waldorf não se falava nêle. Os da Rádio Nacional tremeram diante da possibilidade de ver os seus profissionais transformados em Barnabés. Susto grande que até a esta hora ainda sacode os nervos de todos. Gente de rádio ainda não conseguiu ser gente de rádio, não podendo contar tempo, não tendo direito a meter a mão na caixa econômica e descontando para um punhado de institutos. Ângela Maria viu o seu noivado desfeito, por conta de uma reportagem a base do «bikini». Em vista disso a sra. Luz Del Fuego resolveu vestir-se, acabar com as cobras e anunciar o casamento de véu e grinalda. Paulo Roberto fez um ano (de ônibus) Rio-São Paulo, rádio e televisão. Também o pessoal da Nacional teve um minuto de alegria sabendo que iria ganhar televisão também como as outras. Era um presente de Papai Noel, mas o dr. Assis que é mais forte que qualquer elemento nacional jogou fogo na giranda e hoje em dia quem falar em televisão na PRE-8 pode ser teleguiado para uma ilha deserta. Nesta altura dos trabalhos as irmãs Batista foram para a Tupi muito a contra gosto da cantora Dóris Monteiro que dá as cartas na organização. Dizem que um dos motivos da saída do Guilherme Figueiredo da organização foi mais por conta da criadora de «Do-Re-Mi». Afinal a moça era rainha até 1956. Muito desquite e muito casamento que não sai nunca. Almirante largou a Nacional e foi para a Tupi. O motivo: o seu programa «Incrível, Fantástico, Extraordinário». As artistas mais fotografadas foram: Marlene, Emilinha e Ângela Maria (esta sempre de boca aberta). Surgiram várias das chamadas «revelações», sendo que Agostinho dos Santos cantou: «Eu vou bailar no meu batel». Sílvio Caldas pela primeira vez ganhou títulos de «o melhor». Somente em 1956 isso foi descoberto. Neusa Maria foi a cantora do ano: engatilhou um punhado de sucessos, ganhou o disco de ouro, dois títulos de «a melhor» mas não teve um «Gente que brilha» na Nacional. Geni Martins foi eleita rainha dos músicos de 1956. Um grupo prometeu financiar a candidata, mas na hora deu o fora e Geni apelou para o seu pé de meia e derrotou Gilda de Barros e Carminha Mascarenhas. O programa de televisão que marcou ponto alto foi «Câmara Um» e Jaci Campos jogou pra arquibancada com as bossas que seu talento manda. Muita geladeira, muita confusão no «Céu é o Limite» e dona Fúlvia já em São Paulo reclamando animadamente. O professor fez também o seu «show»-extra querendo provar que não eram cinco os desertos e sim, só dois. Ivon Curi coi à Europa, agradeu em Portugal e não gostou de Paris. Carmélia Alves está em Portugal e adjacências e o compositor Humberto Teixeira enfiou baião também em terras da Europa. O cronista Sérgio Porto escreveu sobre o criador do baião: Humberto chegando em Hamburgo e o público gritando: «Queremos Teixeira, queremos Teixeira».



NEUSA MARIA, MUITAS VEZES «MELHOR»

♦ O ano de 56 foi todo bom para Neusa Maria. Ela pegou com força o vento da sorte que andava fazendo greve para o seu lado. E fez bonito. Abriu o «score» gravando «Molambo» e seguiu fazendo ainda mais «goals» com «Arrivederci Roma», «Siga» e agora «Nunca Jamais». Vai daí que por conta de tantos êxitos conseguidos, Neusa Maria foi eleita a «melhor» em São Paulo, ganhou o Disco de Ouro da «Radiolândia» e foi eleita a «melhor» em discos e também a «melhor» no concurso da «Revista do Rádio». Neusa Maria bem merece esse triunfo, pois foi com muita calma que soube esperar a sua oportunidade e foi em 56 que recebeu tôdas de uma só vez.

QUATRO ASTROS



HÉLIO PAIVA é ainda muito novo no rádio, mas já tem o seu nome incluído na lista dos autênticos cartazes do rádio brasileiro. Cantor de magnífico recurso vocal, o seu repertório de melodias internacionais é todo êle marcado pelo bom gosto que demonstra na escolha que faz. Tendo surgido na televisão Tupi, está no momento cumprindo contrato com a Rádio Nacional.



JOÃO DIAS — O notável cantor paulista goza no Brasil inteiro de um prestígio dos mais seguros. Herdeiro do público e da voz de Francisco Alves, este astro vence também pelo seu comportamento artístico. Já com uma infinidade de sucessos em gravações faz Rio-São Paulo. Tem êle para o próximo Carnaval dois discos onde deposita grande esperança de êxito.

SÃO NOTÍCIAS

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES



CAUBY PEIXOTO — Eis um artista que foi de fato «descoberto». Durante muitos anos esteve em São Paulo cantando como «crooner» de orquestra e longe de saber que poderia atingir a este cartaz atual. A sua estrêla começa a brilhar quando surgiu a figura de Di Veras que o adotou artisticamente e orientou a sua carreira. Nos dias presentes está Cauby nos EE.UU.



LUÍS BANDEIRA — Esta voz veio de Pernambuco. Durante muitos anos pertenceu ao «cast» da Jornal do Comércio, até que fez uma tentativa carioca e aqui se instalou definitivamente. E' também um compositor muito inspirado tendo feito de suas músicas autênticos sucessos. Nos dias presentes é exclusivo da E-8 e empresta também o seu trabalho às noites do Copacabana Palace, com a orquestra de Cópia.

NA TELEVISÃO NADA DE FERA, TUDO BELA!

◆ Quando soprou o primeiro vento de televisão em terras distantes, quem quis fazer assunto tratou de condenar as moças cantoras de corpo quadrado e rosto de meter medo. O rádio já havia nascido como coisa de trabalhar escondido. Estúdios fechados, apenas um óculo para alguns curiosos e finalmente o sol entrando porta a dentro arejando cérebros e fazendo nascer auditórios. Já o auditório espantou muito artista e várias moças fugiram dêles apavoradas ou fizeram constar em contrato a não obrigação de dar as caras com o público. Um dia porém a televisão cresceu, e tanto aqui como lá fora o pânico invadiu tudo. E' que quem era de rádio achava que a televisão não poderia viver sem a sua presença. Puro engano. Velhos artistas do cinema norte-americano ressurgiram, outros se projetaram em funções variadas e muitos nasceram unicamente para a arte da televisão.

VAI DAÍ — Foi grande a decepção dos que viram as primeiras apresentações da nossa televisão. Programas fora de ritmo, «slides» de cabeça para baixo, diziam bem que tudo estava caminhando como coisa que começa. Foram surgindo moças, não tão medrosas quanto aquelas do rádio nascendo, moças bonitas, moças artistas, moças de fala convincente no anúncio, moças de desempenho seguro nos programas. Esta a grande virtude da televisão: divulgar mais rapidamente um nome surgido, imediatamente um grande público.

NASCEU NELY MARTINS — E' apenas uma menina que canta. Uma menina bonita que canta bem. Assim exige o público, assim também exige a televisão. Nely Martins nos dias presentes goza sem dúvida de grande popularidade, uma vez que ela está na grande lista das cantoras de «estilo moderno». E' o samba suave que está na moda, é a melodia romântica que bem fica na voz de uma moça em plena idade de ser romântica. Fica longe o tempo em que o rádio era coisa proibida pelos pais carrancudos. O rádio e a televisão nos dias presentes são duas profissões sérias e de futuro dos melhores. A menina Nely, que por essas fotografias nos mostra a sua beleza tem uma estrada longa e clara diante de seus olhos, um futuro garantido, uma vez que ela leva nesta caminhada uma dose muito forte de arte, que a medida que o tempo passa, aumenta ainda mais. Uma estrêla autêntica esta moça cantora, de voz bonita, de rosto belo, de voz maravilhosa: Nely Martins.



EM MATÉRIA DE DISCOS

A Odeon vai lançar mais um disco para a criançada. Desta vez é «Robin Hood».

* Magnífico o LP de Frank Pourcel, com melodias francesas.

* Luís Cláudio também um bom LP na Columbia: «Como é bom dançar», «Foi num trem», «Saudade chegando», «Os pobres de Paris», «História de um amor», «Mademoiselle de Paris», «Joga a rede no mar», «Não morro sem ver Paris». O título «Encontro com Luís Cláudio».

* Tomem nota «You Wanted To Change Me» e «Forgive This Fool». Roy Hamilton cantando.

* DISCOS INFANTIS

«Álbum Infantil» (Dois Discos): «O Mago do Violino», «A Bruxinha», «A Abelha Orgulhosa», «O Casaco Mágico».

VALE A PENA LER DE NOVO

Da «Revista «SHOW TV» (Edição de Natal). Escreveu Paulo Magalhães na seção «Eles Fizeram Pedidos»: «Gostaria que Papai Noel fizesse com que os homens se despiassem mais e usassem roupas próprias para o nosso clima... que as mulheres se dispam menos para evitar os nossos contínuos assobios!»

Nelson Gonçalves respondendo a mesma enquete: «Sou pai de quatro filhos, até agora. Meu maior desejo sempre foi ser pai de vinte. Portanto faltam 16. Noel bem que poderia trazê-los...»

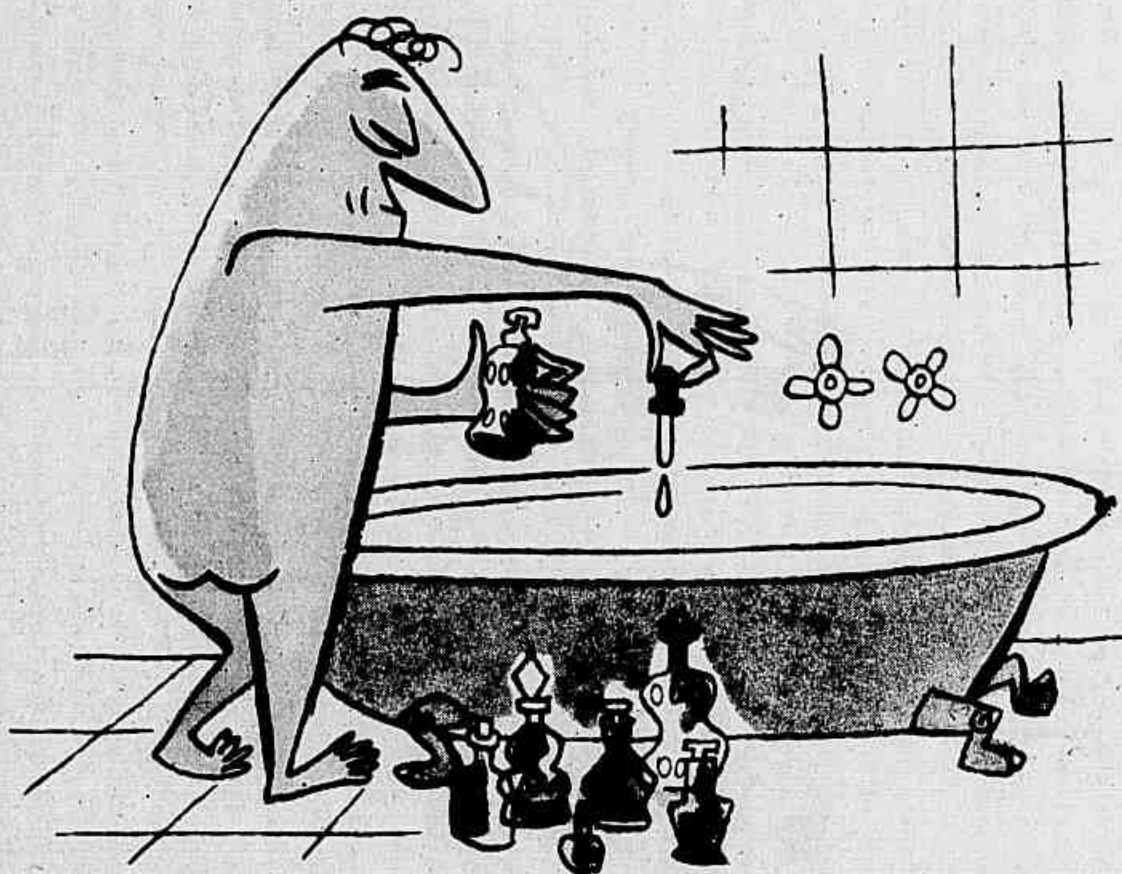
Todos os «melhores» eleitos pela mesma revista pertencem a Televisão Tupi. A TV Rio não teve vez, nem o Chico Wright.

◆ **CAIXA POSTAL** — Fotografias, informações sobre astros e estrêlas do rádio, serão providenciadas por esta seção. Marlene ou Emilinha, Francisco Carlos ou Nelson Gonçalves, qualquer fotografia será enviada para os que escreveram para «Revista da Semana» — «Astros e Estrêlas do Rádio» — Fernando Lôbo — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

FORTUNA (tralalá tralalá) APRESENTA

NA HORA DO BANHO

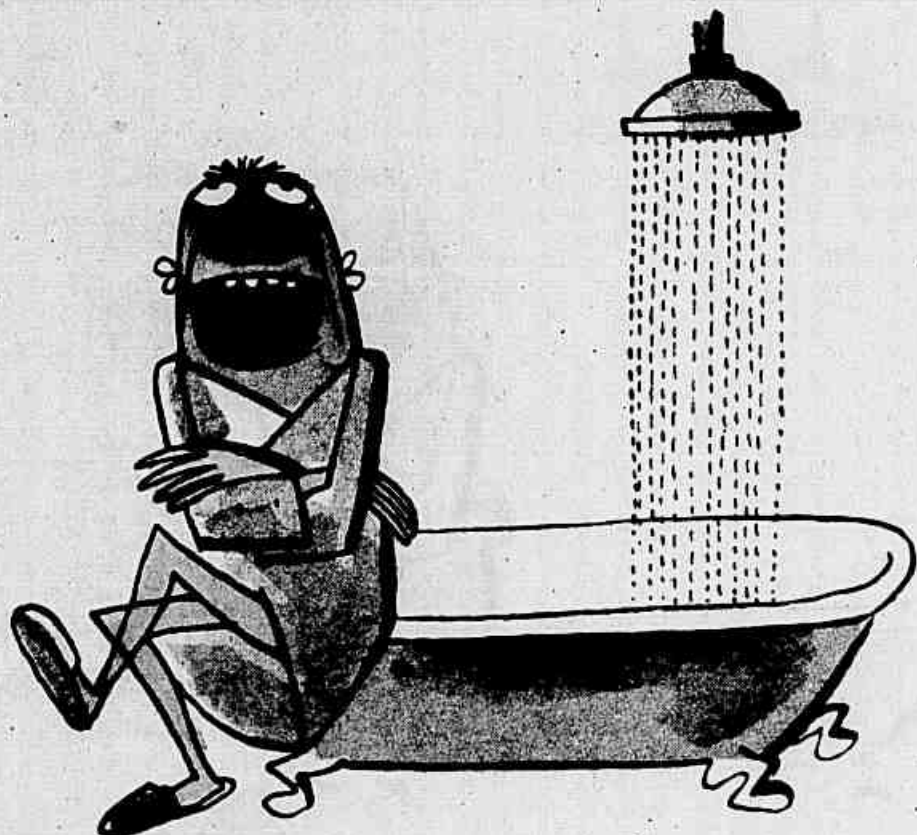
«O banho é o único gesto limpo do homem. Por isso ele se esconde para praticá-lo». Quem disse essa frase célebre fui eu, com o olho no buraco da fechadura. E' logico que do lado de fora e evidente que com a higiene mental por fazer. Pois do lado de lá, como é lógico e evidente, quando eu disse homem falei no sentido genérico.



O CLEÓPATRA — E' o voluptuoso do banho. Conserva uma coleção de frasquinhos com o mesmo carinho com que a princesa egípcia guardava seu rebanho de cabras adutoras, que ele não se passa para leite da CCPL. Cecil B. de Mille precisava ver: é uma gotinha de leite de rosas, três colherinhas de leite de colônia dissolvidas em água tépida, espumas flutuantes, um pulinho na banheira e um mergulho na receita.



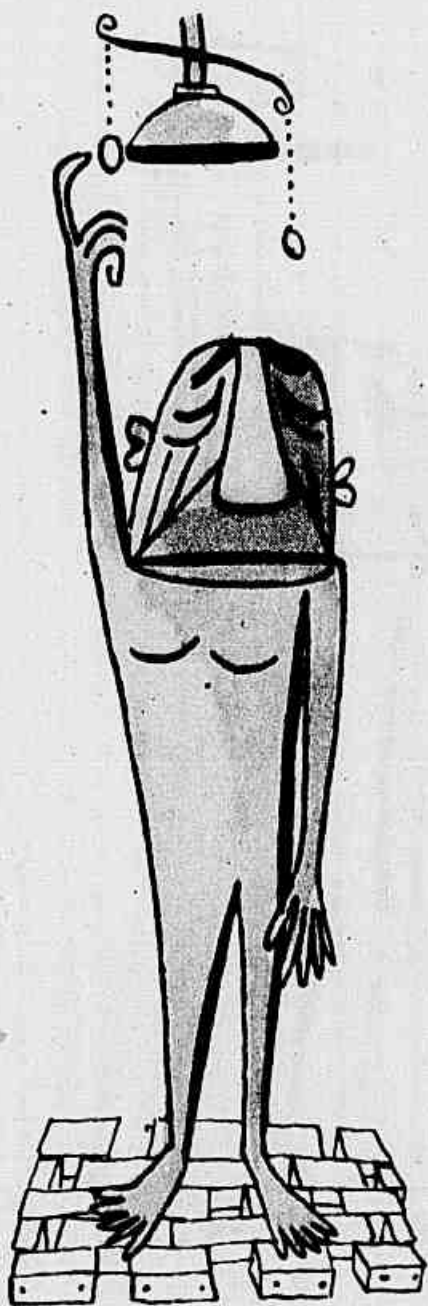
O HISTRIÃO — E' um narciso às avessas: adora contemplar, não o rosto que tem, mas os que sabe fazer. Isso porque entrou para o banheiro em vez de para o teatro e como nunca tomou aula de caracterização, ora vai tomar banho. Verdadeiro autodidata, sua arte consome tempo e sabonete no intervalo entre molhar-se e sentir a obra desfeita. Evidentemente não tem público e esse é todo o seu incentivo. Ninguém precisa saber que ele ri às próprias custas.



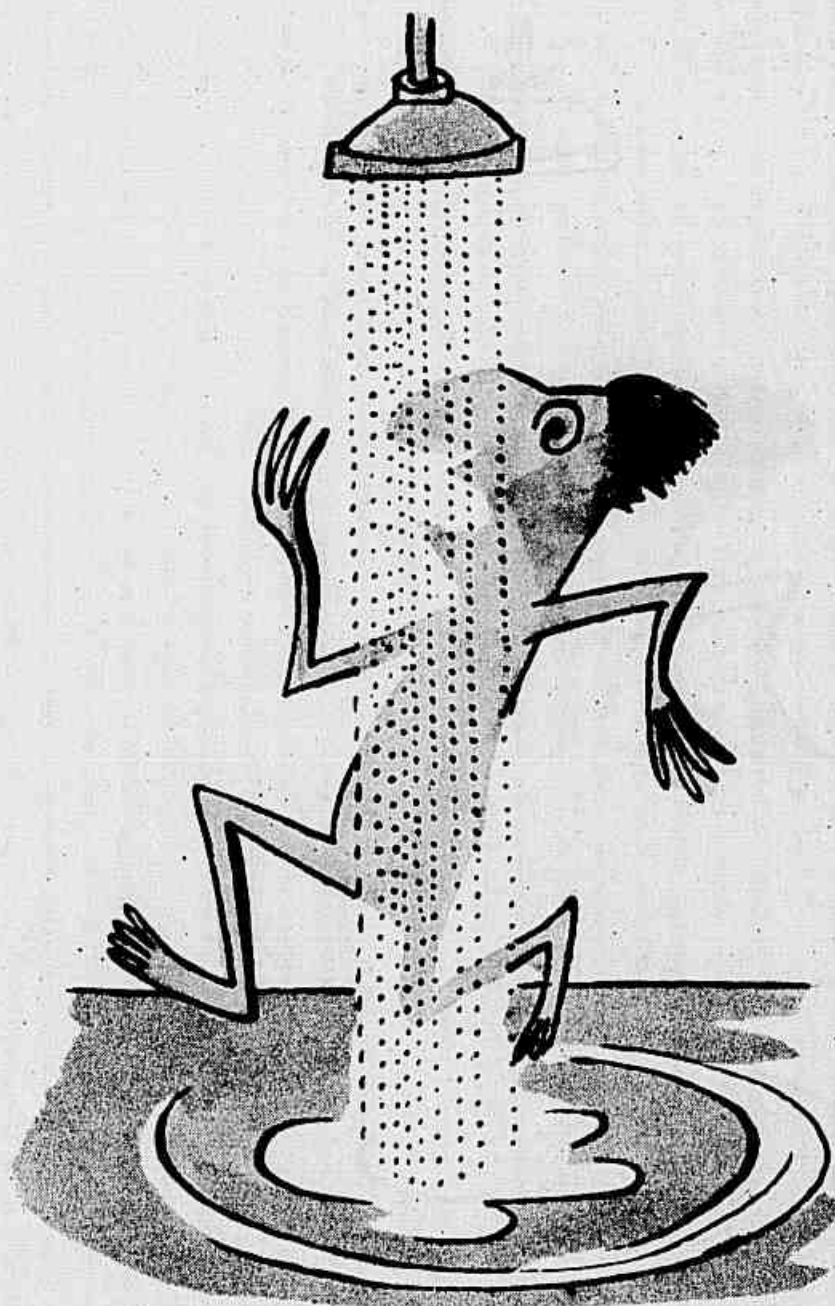
O «PARA USO EXTERNO» — E' um cavalheiro que cede às convenções, mas não abdica de seus hábitos. Entra no banheiro de toalha, sabonete e tal, e a primeira coisa que faz é fechar a porta. Isto é importante. Então abre o chuveiro e porta-se da maneira mais ruidosamente natural possível, fecha o chuveiro e cantarola o tempo de ensaboar, abre o chuveiro e repete todo o primeiro ato, fecha o chuveiro, molha a cabeça na pia, sai e dá bom-dia aos donos da casa em que está hospedado.



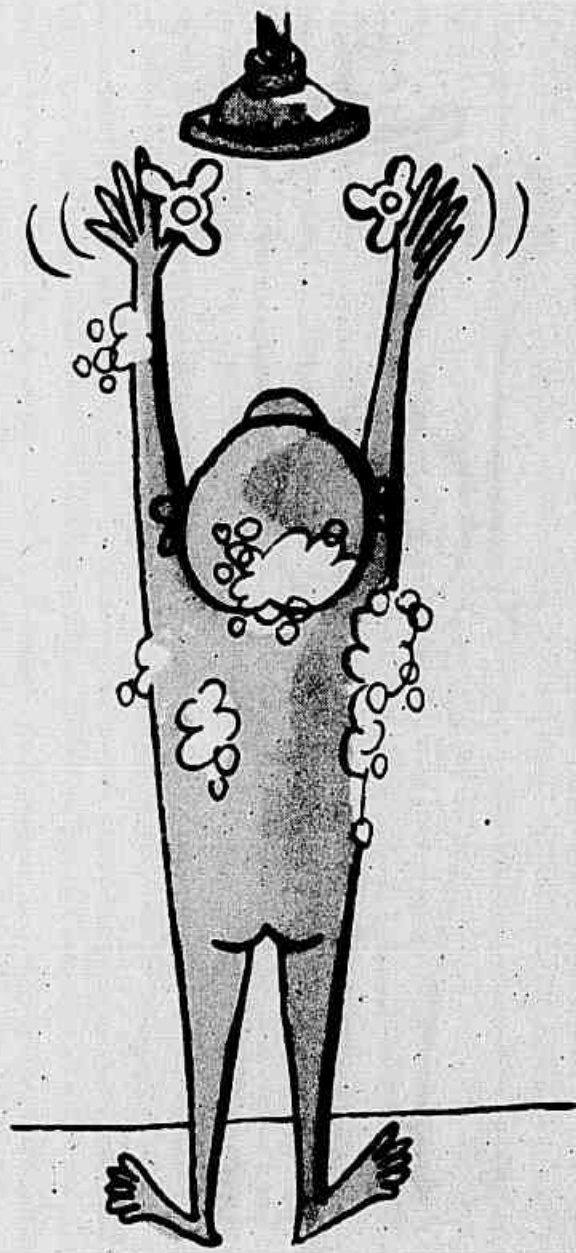
O HOMEM COMUM — Deixa os chinelos de feltro no tapete de borracha e passa para as pantufas antiderrapantes. Pendura o roupão de albene no cabide anatômico, sobe na balança à prova d'água, puxa a cortina de matéria plástica, liga o chuveiro elétrico, esfrega-se com esponja, escovinha de pêlo de mara para as orelhas, outra de nylon que limpa onde a mão não alcança e sabonete que contém ricinoleato V3. Súbito dá um espirrinho inteiramente funcional. Vai ver foi um golpe de ar. Condicionado.



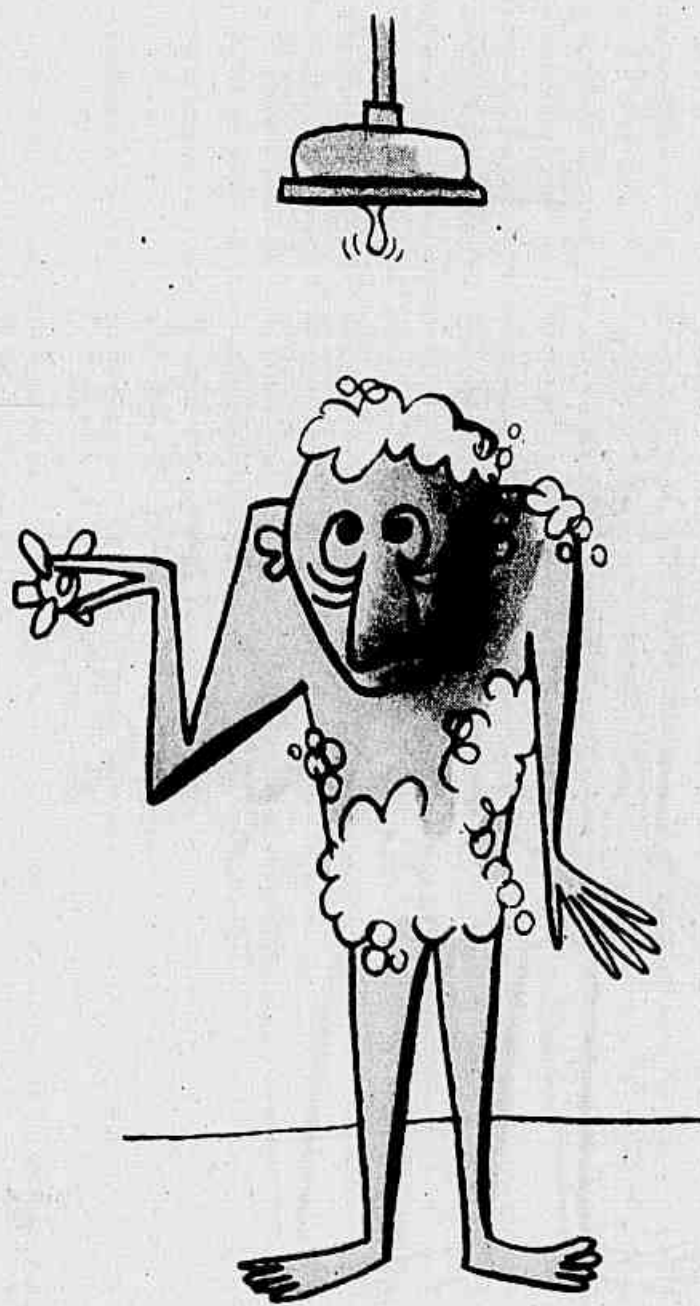
O «NINGUÉM TEVE CULPA DO MEU GESTO.
— Não leva sabonete, não leva toalha, não leva nada. Dar-se-á por satisfeito se conseguir ao menos localizar o chuveiro para ficar debaixo. Puxa a correntinha com uma expressão de suicida apertando o gatilho e depois vai tomar um café bem forte, que diz que também é ótimo para ressaca.



O PELE VERMELHA — Vive no banheiro um drama de faroeste no pior papel, que é o do índio. Abre o chuveiro e começa a dança do índio em redor da moça amarrada no poste. Até que, como a vida imita a arte, no filme o mocinho chega e no banheiro a coragem vem.



O HAMLET — Fria ou quente, eis a questão. Não é bem indecisão, é saber em que mão está a solução quando no ôlho, sabão.



O DAMOCLES — E' a própria figura do medo. Sôbre sua cabeça ensaboadada pende uma gôta. Será a última?



O CANTOR — Sim, não poderíamos esquecê-lo. De todos é o único que toma seu banhinho em silêncio. Canta no rádio.



O AUTOR — Tem suas idéias no banho. Daí enfrentá-lo por obrigação e fechar o chuveiro com o prazer do dever cumprido.



CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

Sua beleza

★ A vida de hoje é muito mais movimentada do que a de antigamente. A mulher moderna — tanto a dona de casa, quanto aquela que trabalha fora do lar — cansa-se mais, pois não pode deixar de participar do movimento, do dinamismo, da agitação que caracterizam a sociedade atual. Por isso mesmo, é útil recordar aqui algumas normas de repouso, essenciais para se vencer o cansaço e a fadiga. Antes de mais nada, são necessárias "8 horas de sono" bem dormido para a conservação da saúde, da beleza e da mocidade. O quarto de dormir deve ser escuro, silencioso, tranquilo. A janela deve ficar aberta, a fim de que o corpo receba o ar puro da noite. A cama não deve ser muito estreita, pois as camas largas facilitam o sono tranquilo.

Antes de dormir, um banho de água morna facilita o sono, assim como lavar o rosto e o colo, (sempre com água morna). Além do sono noturno, um "descanso durante o dia", depois do almoço, também é necessário para quem tem vida intensa. São bastantes 20 minutos, para renovar a energia e preparar o corpo para as obrigações da tarde, mesmo que não se durma. Se não puder deitar, sente-se, cerre os olhos, procure não pensar em nada, mantenha o corpo imóvel. Compressas de água morna sobre os olhos são ótimas, para que os mesmos se apresentem descansados, brilhante e alegres. Bastam esses minutos de repouso para que do rosto fiquem eliminadas as marcas de fadiga. Há outra forma de descansar, que é "ter ordem". Procure metodizar sua vida, quer no lar, quer no trabalho, quer nos estudos, a fim de dividir igualmente, pelas 24 horas do dia, as suas obrigações, evitando ter que correr nos últimos minutos. Fazer tudo na hora determinada, impede o cansaço causado pela afobação, que tanto prejudica a saúde, e a beleza.

A MULHER MAIS RICA DO MUNDO

◆ Querem saber qual a mulher mais rica do mundo? Não é nenhuma estrela de cinema, com seus ordenados fabulosos, nem tão pouco Barbara Hutton, herdeira de muitos milhões, mas a Rainha Juliana da Holanda. A riqueza extraordinária de Juliana foi acumulada por sua mãe, a Rainha Guilhermina, e não o foi explorando as colônias holandesas, nem tão pouco guardando àvaramente as contribuições feitas à realeza. Guilhermina formou a sua fortuna fazendo bons negócios, para os quais possuía um tino verdadeiramente maravilhoso. Em 50 anos de reinado conseguiu juntar uma riqueza que ninguém poderá dizer exatamente a quanto monta, mas que é fabulosa. Se não é proverbial como a de Onassis, do Aga Khan ou do Nizan de Haiderabad, em compensação é mais sólida do que estas.

◆ Guilhermina foi uma mulher inteligente e sabia que o seu destino tinha sido traçado em parte pelas circunstâncias que a fizeram nascer Rainha, mas por outro lado, também pelo seu caráter forte e seu orgulho altivo. Não nascera muito rica. Ao contrário, a casa de Orange era considerada como uma das mais pobres de todas as realezas européias. Porém, guiada pelo seu instinto maravilhoso, a Rainha investiu o pouco que herdou em empresas industriais, comprando ações na Bôlsa. Dizem que nunca errou uma só vez nas suas compras e vendas de ações. Austera e parcimoniosa, a ex-Rainha Guilhermina da Holanda, sempre olhou os homens «de cima». Churchill que sempre a admirou, definiu-a como «um dos maiores homens de nosso século».



NOTINHAS ÚTEIS

cuidados, para não ficarem amareladas.



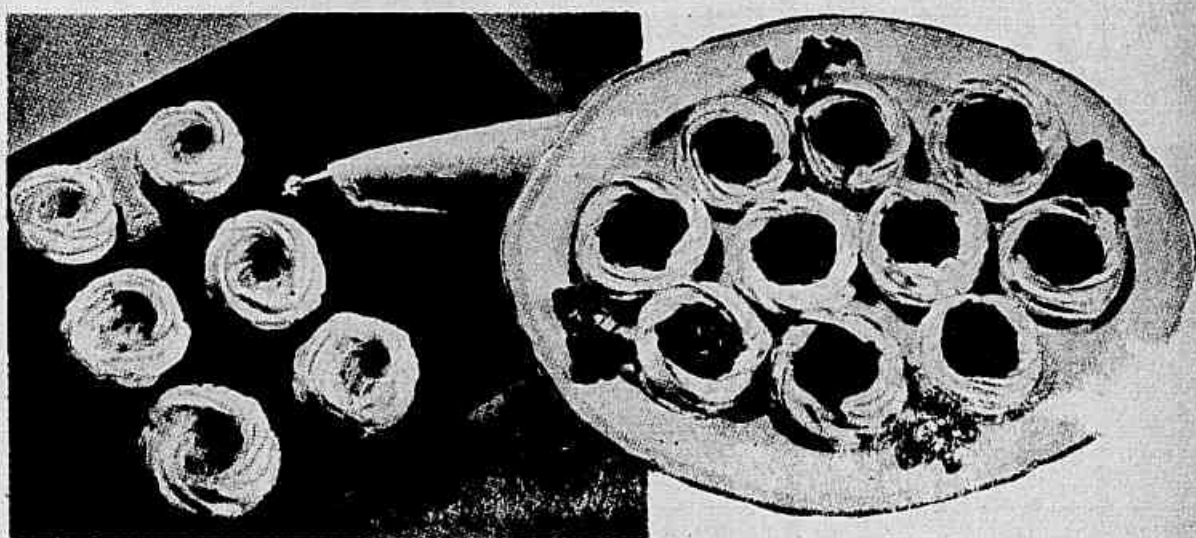
Se colocar um pedaço de flanela entre o ferro e o tecido de lã que vai passar, evitará que fique brilhando.

As roupas de lã em cores voltarão a ficar vivas e bonitas, se forem mergulhadas em água com uma colher das de sopa de vinagre branco, depois de bem lavadas e enxaguadas.

Para que as pelúcias e os veludos tornem a adquirir o seu aspecto brilhante e lúcido, passe nos mesmos, no sentido dos pelos, uma escova embebida em terebentina.

As roupas de seda branca devem ser postas para secar à sombra, pois a claridade demasiada e o calor do sol, as tornam amareladas. Também as roupas de lã branca necessitam dos mesmos

Para limpar roupas, cadeiras ou tapetes, sujos de barro, o melhor sistema é deixar que sequem bem, e depois passar uma escova dura.



WEEK-END NA COZINHA

◆ Um interessante acompanhamento para um risoto ou um prato de massa são esses «Ninhos de Batatas». Preparam-se assim:

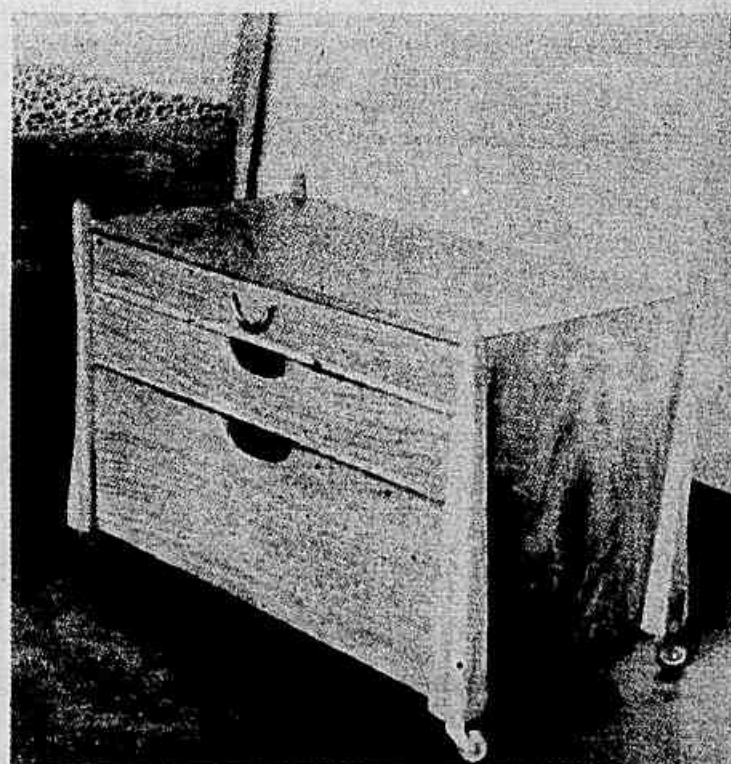
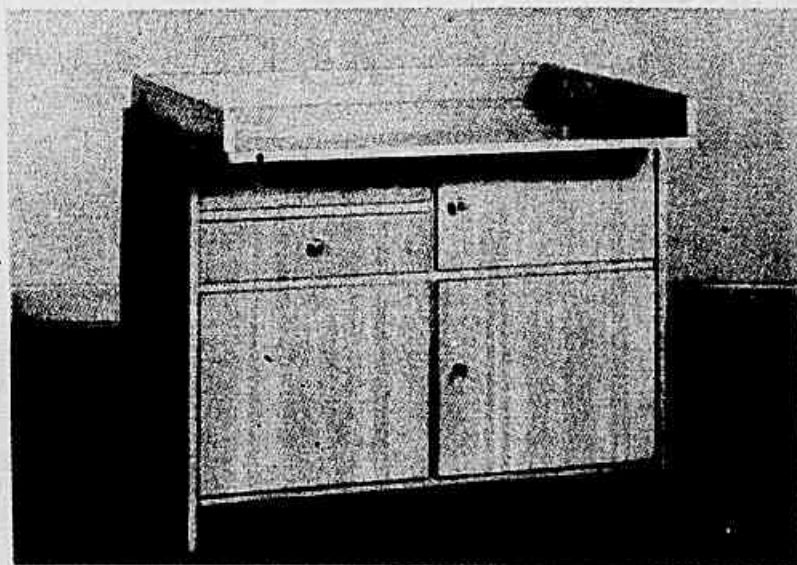
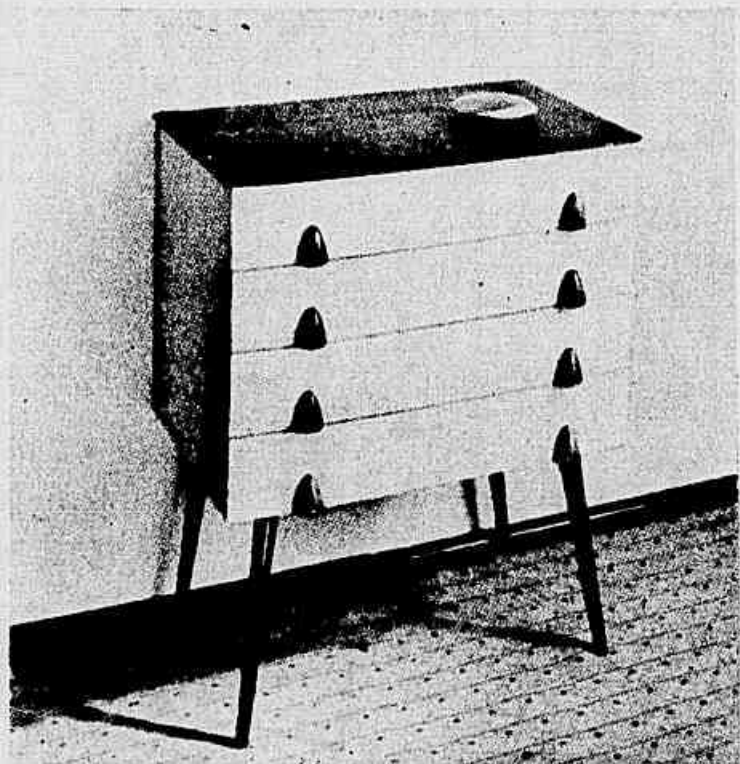
1 — Preparar primeiro o recheio: refogar em 30 gramas de manteiga um pouco de cebola, alho e salsa, picadas bem fininho. Juntar 50 gramas de presunto picadinho e mais 50 gramas de bacon picado. Salgar, pôr pimenta a gosto, e temperar com um pouquinho de molho de tomate. Deixar cozinhar um pouco em fogo moderado, adicionando caldo de carne (cerca de 1/2 copo).

2 — Descascar 600 gramas de batatas, lavá-las, pôr numa panela com água salgada e deixar cozinhar; quando estiverem cozidas, escorrer a água e preparar com elas um purê, com 50 gramas de manteiga; temperar com pimenta, noz-moscada e, se preciso, mais sal. Tirar do fogo e juntar 2 gemas de ovo, misturando bem.

3 — Pôr o purê de batatas num saquinho de confeitar com furo apropriado, e fazer os ninhos como mostra a fotografia, sobre um tabuleiro untado. Pôr alguns minutos no forno, até formar uma crosta ligeiramente dourada.

4 — Tirar do fogo, e com uma espátula tirar ninho por ninho da assadeira. Arrumá-los no prato que vai para a mesa. Unir ao recheio já preparado um pouco de parmezão, misturar e encher os «ninhos», servindo-os bem quentes.

SUGESTÃO PARA O LAR



Como é a cômoda moderna de seus sonhos? Talvez uma dessas três criações de arquitetos alemães.

◆ Cômoda alta, com pés palito, em pau marfim e jacarandá. Bonita até mesmo numa sala. — Cômoda com gavetas e prateleiras, em peroba clara, envernizada. Uma «bandeja» sobre a mesma aumenta o espaço do tampo, dando maior comodidade para servir bebidas. Este modelo

foi criado para quarto conjugado com sala. — Com rodinhas, esta é uma cômoda para trabalho, por exemplo, os tricôs e as lãs da vovó, as costuras da mamãe, ou os apetrechos de pintura do rapazinho. Pode ser levada para onde se quiser.

LEON ELIACHAR

(SÉRIO) APRESENTA:

OS 10 HOMENS MAIS ENGRAÇADOS DE 56



JÂNIO QUADROS

Varreu o jornalista do palácio e levou uma vassourada da imprensa.



JOSÉ MARIA ALKMIM

Fêz um cruzeiro pela Europa lutando pelo cruzeiro brasileiro.

O sr. Leon Eliachar é um humorista. Nada mais justo portanto, que seguindo o figurino de fim de ano, organizasse a sua listinha, que naturalmente ficou sendo a «dos homens mais engraçados do ano». Entre os inúmeros homens engraçados que agem neste país (principalmente na vida pública), Leon escolheu 10. E justificou sua escolha com uma frase apenas. Vamos estendê-la e divagar um pouco. Vejam por exemplo o sr. José Maria Alkmim neste «smoking» elegantíssimo e digam se ele foge ao espírito da lista. Ah! o sr. Carlos Machado. Só de escrever o seu nome, o redator já tem um acesso de riso, o que prova que ele é realmente um homem engraçado. E as suas atitudes? E a sua raiva e seus acessos de fúria quando alguém pensa (basta pensar) que ele não é o maior do mundo em qualquer coisa? Engraçado é o sr. Moses, mas na certa ficará furioso se dissermos que ele é o único dinâmico que não faz nada. Para evitar a sua raiva passemos ao seguinte que é o engraçadíssimo sr. Deraldo Padilha, que tem a mania de dizer que é o único homem honesto da polícia. Enterrou-se definitivamente com a recente atuação no caso do jôgo. E como prêmio ao fracasso, lá se foi para Roma, numa rendosa comissão. O sr. Jânio Quadros é um engraçado diferente, pois de vez em quando tem uns acessos de loucura que não fazem graça para ninguém rir. O doutor Ademar de Barros já passou de engraçado. É uma gracinha: Como é que depois de roubar tanto ele ainda está solto? E o doutor Pereira Braga, o moço que já gastou milhões e ainda não encontrou água no Distrito? Aí temos a impressão que o Leon cometeu um erro, e que o doutor Braga deveria estar numa lista, que os filmes de faroeste norte-americano costumam mostrar pregada nas paredes, com a legenda WANTED. Mas onde o humorista Leon Eliachar falhou inteiramente foi na classificação do sr. Juarez Távora. O general é seríssimo e não merecia figurar nesta companhia. Mas sendo homem de bom-humor e vendo esta lista, talvez que o general dê uma gargalhada e murmure consigo mesmo: «É engraçado. Como é que um homem gasta 40 anos para reformar um país e ele vai dar exatamente nisso que está aí?»



CARLOS MACHADO

Foi a Nova York com as pernas de suas coristas.



EUNÁPIO DE QUEIROZ

Expulsou Zizinho de campo antes dele entrar no mesmo.



HERBERT MOSES

Mesmo sem fazer nada está em tôdas as listas.



JUAREZ TÁVORA

Quis reformar o Brasil e acabou reformado.

**DERALDO
PADILHA**

Botou «banca» no Rio e foi fazer «pon-to» em Roma.



ADEMAR DE BARROS

Quando levou o teco, pegou um teco-teco.



HILDON ROCHA

Apreendeu os nus públicos para vê-los em particular.



EDGAR PEREIRA BRAGA

Afogou-se dentro da própria falta d'água.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

TINHA o hábito de mostrar-se nua, mas apenas por um instante, na janela. Armávamo-nos de binóculos à espera, ansiosos, comovidos, nós seus vizinhos... Era bela, clara, serena, não permitia nenhuma conversa na rua, não se confiava absolutamente a ninguém. Sua esquisitice se resumia em deixar-se ver de longe tal como Deus a fizera: nua.

Nós a olhávamos inquietos e pasmos tôdas as vêzes, pois o espetáculo da sua nudez não se banalizava, não se tornava monótono, não perdia, pela repetição, nenhuma surpresa. Às oito horas da manhã, ela abria as persianas e se entregava aos nossos olhos ávidos; isso durava pouco mas vinha sempre certo. Era um presente extraordinário para os pobres seres que se reuniam nos dois quartos de frente daquela casa de pensão em São Paulo. Éramos humildes estudantes alguns, outros empregados no comércio. O dinheiro era quase nenhum, a comida da pensão pouca e pobre, a vida dura, difícil, o destino incerto. Mas, restava-nos a graça de vermos nua, na sua beleza generosa, a nossa vizinha, tôdas as manhãs. Saíamos reconfortados, estimulados, contentes de casa, e mesmo nos dias frios, fomos aquecidos pela visão branca, harmoniosa — os seios em flor que se mostravam por um instante na janela. Ela era uma fonte pública de beleza, de graça, de bondade... Dava-nos, a nós, pobres diabos jovens, uma compensação, uma alegria. Mas, isso durou pouco tempo, alguns meses, bem contados. A dona da pensão era religiosa, queixou-se ao vigário da Consolação, parece que o vigário falou ao delegado e o resultado é que um dia esperamos, inutilmente, a aparição; no dia seguinte a mesma coisa. Depois soubemos que Rosa — assim se chamava ela — Rosa, a nua, fôra embora, para Bauru, onde moravam seus pais. Era bela e pura, e oferecia gratuitamente, todos os dias, para consolar-nos, o seu corpo em flor, sua amável e matinal beleza de rapariga...

◇

Poucas namoradas tive e muitos sofrimentos. L. foi uma só vez ao cinema comigo. Assistimos juntos "Cleópatra", no antigo Central, na Avenida Rio Branco, onde cantava, como atração, **La Comparsita**. Deixou L. que eu lhe pegasse na mão, que era doce e fria; mão de artista, mão dolorosa, mão que parecia um pássaro aprisionado.

— Quando percebeu você que eu lhe amava? perguntei-lhe. — Foi naquela noite em que eu tocava piano e, de repente, não quis mais tocar e bati com violência a tampa, respondeu-me ela. — Como percebeu o meu sentimento? insisti. — Bastou olhar você me olhando. Não precisa para isso de muita inteligência. Você me olha sempre como se tivesse esquecido alguma coisa em mim, como se estivesse procurando alguma coisa que eu escondesse. Sinto-me mal com sua insistência; sua maneira de me tratar me irrita. Não gosto que me gostem assim. Você me encara como se eu fôsse uma pessoa que não existisse. — Como um sonho? indaguei. — Sim, como um sonho... E eu não sou um sonho, mas uma pessoa como as outras. Uma menina, uma moça como as outras, igual às outras. Além disso você tem uma coisa de que eu não gosto, é a sua maneira de rir. Você ri alto demais, dá gargalhadas fortes que me deixam desiludida...

Ela ia dizendo essas coisas mas sua mão doce continuava prisioneira de minhas mãos. Era uma pessoa geniosa, de personalidade forte. Dessas que nasceram para mandar no marido. Não me assustava, porém, êsse defeito tão terrível. Amei-a um ano todo, sem lograr correspondência. Amei-a com paciência esperando que de repente um capricho me trouxesse essa caprichosa de presente. Depois cansei, esqueci as minhas penas de amor, perdi-a de vista, mudei de rumo, vieram novas coisas...

◇

Vejo de longe a Ilha. Não me parece mais a minha ilha, mas uma outra. A Vila-Lota continua de pé enfrentando o vento do mar, como um navio. Meu pensamento esvoaça em torno do ser que enganava a insônia ouvindo música, lendo poemas, o ser esperava a aurora no terraço, assentada numa cadeira de vime, com os olhos no céu. Agora Leolina está dormindo até o dia da Ressurreição.

◇

Sinto neste último dia do ano — a sensação de que já me habituei à idéia da morte. Não experimento o menor medo do tempo que passa, da aproximação do fim. Mas, será que sei mesmo o que se passa em mim ou me faço ilusão sobre as minhas condições e reservas de coragem?

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Schmidt visita uma poderosa indústria de São Paulo em companhia de capitalistas estrangeiros





O "HIGH-SOCIETY" CARIOCA EM 56

Como já noticiei, aponto hoje para todo o Brasil os dez acontecimentos mais importantes do «high-society» carioca no ano de 1956. Ano, que, diga-se, teve um movimento realmente «suspense». Logo na abertura da «saison», o famoso costureiro parisiense, Givenchy, realizou no «golden-room» do Copa, um desfile de apresentação de seus últimos modelos numa «soirée-snob» muito concorrida. ★ O «cocktail» que o casal Leopoldo Modesto Leal ofereceu ao grupo paulista que esteve no Rio para o «Sweepstake». Esse «cocktail» foi o mais «suspense» do ano. ★ A noite de «Sweepstake» no Copa, promovida pelo Jockey Clube, com a presença da atriz Susan Hayward. ★ As bodas de prata do casal Jorge Doria, festejadas com uma grande recepção no apartamento do feliz casal. ★ A «soirée» de Dizzy Gillespie no Country Club, promovida por seu diretor social, Adolfo Graça Couto. ★ A temporada de dois meses no Rio, do embaixador e senhora Hugo Gouthier, e as inúmeras homenagens que receberam. (Inclusive este colunista, homenageou os Gouthier com um «party» no Fiesta). ★ A culta e inteligente senhora Niomar Muniz Sodré, pode ser apontada como a «mulher do ano». O Museu de Arte Moderna é obra exclusiva sua. ★ No setor de elegância, a loura e bonita senhora Lourdes Catão, foi uma das que transitou com mais elegância, pelos salões de «high-society» carioca. ★ O muito pomposo casamento de Dom Carlos com a jovem paulista Denize Paes de Almeida, foi o mais importante realizado nesse século no Brasil. ★ Para finalizar, o grande «reveillon» realizado na noite de terça-feira no Hotel Glória, com a frequência do jovem «high-society» carioca, foi um acontecimento também muito «suspense». — Assim foi o ano de 56 no setor social. Estamos agora na pista para o novo ano.

Senhora Niomar Muniz Sodré é sem exagero a «mulher do ano» devido a sua atuação no setor artístico.



O «casamento do século» no Brasil foi o do príncipe Dom Carlos com a jovem paulista Deize Paes de Almeida, filha do presidente do Banco do Brasil e sra. Sebastião Paes de Almeida.



Adolfo Graça Couto, jovem diretor social do Country Club promoveu com a orquestra de jazz de Dizzy Gillespie a mais «suspense» noite do clube mais «snob» do Brasil.

Eunice Modesto Leal, recebeu para o «cocktail» mais «suspense» do ano, em seu bonito apartamento do Edifício Prelúdio, homenageando o estado-maior do «high-society» paulista presente no Rio por ocasião da semana do «Sweepstake».



Abrindo a «saison» do ano o jovem e famoso costureiro parisiense Givenchy, apresenta pela primeira vez na América do Sul seus modelos numa «soirée» no «golden-room» do Copa. Na foto o sr. Ricardo Jafet, o casal Mayrink Veiga e a senhora Deyse Quentel.



O casal Jorge Doria comemorou suas bodas de prata com uma grande recepção, onde o estado-maior do «high-society» carioca compareceu.



Embaixador Hugo Gouthier, sra. Marize Graça Couto, embaixatriz Laiz Gouthier e Jeff Thomas, por ocasião do «party» com que o colunista homenageou o casal Gouthier na «Boite Fiesta».



A senhora Lourdes Catão, no setor da elegância, pode ser apontada como a mais «suspense» do ano que passou.



A atriz de Hollywood, Susan Hayward esteve presente à grande noite de gala do «Sweepstake» no Copa como convidada do Iôquei Clube Brasileiro.



O «reveillon» do Glória foi o último acontecimento do ano, com predominância do jovem «high-society». Na foto a sra. Heloísa Amado com Lúcia Coutinho.

ÚLTIMO
FLASH



O PROGRESSO CAMINHA PELA CENTRAL

O dr. Jair Rêgo de Oliveira tem sido incansável na direção da Central do Brasil. Tudo êle tem feito para melhorar o material de que dispõe, e poder satisfazer aos milhões de passageiros que se servem dos seus trens. E o Ministro Lúcio Meira, compreendendo o esforço do seu alto auxiliar, não perde oportunidade para prestigiá-lo. E na passagem do ano novo, o Ministro em pessoa, compareceu ao Gabinete do Diretor da Central para homenagear a imprensa ali acreditada. E na foto vemos o Ministro Lúcio Meira, o Diretor da Central Jair Rêgo de Oliveira, o Senador Caiado de Castro, o dr. Cleantho de Paiva Leite, o dr. João Mussurunga (secretário do dr. Jair Rêgo de Oliveira), o dr. Braz de Giacomo (chefe do Gab. do Diretor da Central), o dr. Andrade Sobrinho, Diretor do Dep. de Relações Públicas, a jornalista Cora Lopes (Chefe do Serviço de Divulgação da Central) e todos os jornalistas credenciados na Central do Brasil.

**A FIGURA
EM FOCO**



VIEIRA DE MELO

Ao País das Maravilhas,
se a Lei da Rôlha chegar,
o líder do governismo
bem contente vai ficar...



• Um belíssimo romance ricamente ilustrado, uma história ao mesmo tempo delicada e empolgante. Leia este romance no **ALMANAQUE EU SEI TUDO** de 1957 à venda em tôda parte por Cr\$ 50,00. O «**ALMANAQUE**» é um livro com mais de 300 páginas repleto de assuntos os mais variados. Mas sòmente o romance vale o preço de todo o livro.

Edição da Cia. EDITORA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 Lapa — Rio de Janeiro.

ALMANAQUE EU SEI TUDO DE 1957

